

Suzane Venturin

**A REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DA
INDÚSTRIA TÊXTIL NO VALE DO RIO ITAPOCU-SC, PÓS-
1980**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio da Silva

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Venturin, Suzane

A REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL
NO VALE DO RIO ITAPOCU - SC, PÓS-1980 / Suzane Venturin ;
orientador, MARCOS AURÉLIO DA SILVA - Florianópolis, SC,
2016.

227 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Geografia.

Inclui referências

1. Geografia. 2. TERCEIRIZAÇÃO. 3. INDUSTRIALIZAÇÃO .
4. PROLETARIADO. I. SILVA, MARCOS AURÉLIO DA. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Geografia. III. Título.

Folha de aprovação
SUBSTITUIR, NA ENCADERNAÇÃO, PELA FOLHA DE
APROVAÇÃO

Este trabalho é dedicado à minha
família, base de tudo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, que sempre me deu apoio e base para que eu pudesse concluir cada etapa de minha formação. Ao meu Pai Itacir Antoninho Venturin, por ser o exemplo de humildade e sabedoria. À minha Mãe Mary Lucia Venturin, por me mostrar a força das mulheres que lutam pela família e nunca se deixam abalar pelas dificuldades, exemplo de superação. Às minhas irmãs Sonia, Simone e Sabrina Venturin e ao meu cunhado Bibi, pelo companheirismo e apoio às minhas decisões. À minha sobrinha Analua, pela sua inocência e capacidade interminável de amar.

Agradeço, também, à minha família “adotiva” de Florianópolis, que me acolheu e me apoiou tanto na Graduação, quanto na Pós Graduação. Família, esta, que formou o amor de minha vida, namorado, noivo, marido, companheiro de vida e de profissão, que me apoia e ajuda em tudo, nos momentos de maior felicidade e de maior dificuldade, Felipe Heidrich Vicentim, te amo!

Agradeço aos meus ex-colegas de trabalho da Prefeitura Municipal de Guaramirim, que viram o projeto da dissertação se modificar e me apoiaram nas minhas decisões e contribuíram para que eu pudesse dar continuidade ao meu trabalho. Agradeço aos meus atuais colegas de trabalho, do Instituto Jourdan, que sempre pararam para me escutar falar sobre o meu trabalho e que ajudaram na chegada de conclusões, mostrando a verdadeira função de um geógrafo na sociedade.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós Graduação em Geografia pela oportunidade de seguir minha formação profissional. De forma especial, agradeço aos professores do departamento que orientaram meus estudos em todos os momentos necessários. Ao governo federal democraticamente eleito por ter oportunizado que uma mulher, oriunda de família humilde, com pais assalariados, pudesse hoje, se tornar Mestre. Agradeço aos meus colegas de Graduação e de Pós Graduação pelo companheirismo e apoio em todas as necessidades, assim como pelos importantes momentos de discussão e descontração.

Agradeço ao meu orientador Marcos Aurélio da Silva, que a sua maneira, auxiliou na formação de meu pensamento crítico e na elaboração desta pesquisa. À banca de qualificação e defesa da Dissertação, pelas valiosas contribuições para a pesquisa.

RESUMO

A formação econômica da Região do Vale do Rio Itapocu ocorreu de forma a gerar uma grande diferenciação de classes sociais, semelhante a ocorrida em todos os Vales Litorâneos de Santa Catarina. A gênese da indústria têxtil da região ocorreu concomitantemente à industrialização brasileira, sendo que a sua ampliação e consolidação no mercado nacional ocorreu após o período pós-guerras. Entretanto, a partir da aplicação da política neoliberal no país, a indústria têxtil viu a necessidade de se reestruturar. Esta reestruturação está sendo representada na região pela terceirização dos processos de confecção das peças de roupas produzidas nas indústrias locais. As empresas que prestam serviço de forma terceirizada para as indústrias, o fazem por valores irrisórios, e, em muitos casos, informalmente, sem a regularização trabalhista dos funcionários e sem a sua devida visibilidade social. Além das costureiras que prestam serviços dentro das chamadas facções, há aquelas que buscam as peças e trabalham dentro de suas próprias casas, para poderem conciliar os serviços domésticos com a complementação da renda familiar.

Palavras-chave: terceirização, reestruturação, proletariado.

ABSTRACT

The economic formation of Rio Itapocu Valley Region occurred in order to generate a large differentiation of social classes, like occurred in all Coastal Valleys of Santa Catarina. The genesis of the textile industry in the region occurred at the same time the Brazilian industrialization, and its expansion and consolidation in the domestic market occurred after the post-war period. However, from the application of neoliberal policies in the country, the textile industry saw the need to restructure. This restructuring is being represented in the region by outsourcing the manufacturing processes of the clothing items produced in local industries. Companies providing outsourced services for industries do for small change, and in many cases, informally, without the labor regularization of employees without their due social visibility. Beyond the seamstresses who provide services within the so-called factories, there are those who seek the pieces and work within their own homes, to reconcile domestic services to supplement the family income.

Keywords: outsourcing, restructuring, proletariat.

LISTA DE ABREVIÇÕES

ABIT – Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção
ACIJS – Associação Empresarial de Jaraguá do Sul
BADESC – Agência de Fomento de Santa Catarina S.A.
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CBCA – Centro Brasileiro da Construção em Aço
CCU – Cia Carbonífera Urussanga
CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina
Cepal – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
EUA – Estados Unidos da América
MEI – Microempreendedor Individual
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
ONU – Organização das Nações Unidas
P&D – Pesquisa e Desenvolvimento
R\$ – Reais
SECEX/SED-SC – Secretaria do Comércio Exterior
TST – Tribunal Superior do Trabalho
US\$ – Dólares

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fluxo do processo da indústria têxtil no Vale do Rio Itapocu.	132
--	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização região de estudo.	26
Mapa 2: Localização de operários na região de estudo.	85
Mapa 3: Localização das indústrias na Região.....	121

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Área de costura da costureira 03. Foto: Suzane Venturin, 15 de junho de 2015.....	140
Foto 2:Área de costura da costureira 03. Foto: Suzane Venturin, 15 de junho de 2015.....	140
Foto 3: Área de costura da costureira 03. Foto: Suzane Venturin, 15 de junho de 2015.....	141
Foto 4: Área de costura da costureira 04. Foto: Suzane Venturin, 04 de julho de 2015.....	142
Foto 5: Área de costura da costureira 04. Foto: Suzane Venturin, 04 de julho de 2015.....	142
Foto 6: Área de costura da costureira 04. Foto: Suzane Venturin, 04 de julho de 2015.....	143
Foto 7: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.....	143
Foto 8: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.....	144
Foto 9: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.....	144
Foto 10: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.....	145
Foto 11: Área de costura da costureira 06. Foto: Suzane Venturin, 13 de julho de 2015.....	146
Foto 12: Área de costura da costureira 06. Foto: Suzane Venturin, 13 de julho de 2015.....	146
Foto 13: Área de costura da costureira 06. Foto: Suzane Venturin, 13 de julho de 2015.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Atuação das principais empresas têxteis da região no varejo.97

Tabela 2: Comparativo entre o valor pago para as façções ou costureiras e valor vendido em loja *online própria* para o consumidor final. 150

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	25
2. BASES METODOLÓGICAS	31
2.1. A DIALÉTICA MARXISTA.....	31
2.2. O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO E DIALÉTICO 37	
2.3. A TRANSIÇÃO DO FEUDALISMO PARA O CAPITALISMO E A INSERÇÃO DA CIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DO MODO DE PRODUÇÃO.....	41
3. A FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL TÊXTIL DO VALE DO RIO ITAPOCU	48
3.1. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL..	48
3.2. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA	55
3.3. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO VALE DO RIO ITAPOCU E A FORMAÇÃO DA MÃO DE OBRA LOCAL .	69
4. O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA DO VALE DO RIO ITAPOCU	76
4.1. BUSCA DE REBAIXAMENTO DE CUSTOS, ATRAVÉS DA RACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	80
4.2. MUDANÇA, AMPLIAÇÃO OU RELOCALIZAÇÃO DE CAPACIDADE.....	87
4.3. REDEFINIÇÕES PATRIMONIAIS E EMPRESARIAIS ...	92
4.4. A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO ALTERNATIVA A CONSOLIDAÇÃO NO MERCADO NACIONAL.....	102
5. O ATUAL PANORAMA DO SETOR TÊXTIL NA REGIÃO DO VALE DO ITAPOCU	114
5.1. O PROCESSO DE TERCEIRIZAÇÃO NO SETOR TÊXTIL DO VALE DO RIO ITAPOCU	127
5.2. O TRABALHADOR	135
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	155

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	161
8. APÊNDICE	169
8.1. QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS COSTUREIRAS.....	169
8.2. QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PEQUENAS EMPRESAS.....	170
8.3. QUESTIONÁRIO APLICADO À INDÚSTRIA TÊXTIL	171
8.4. COSTUREIRA 01.....	173
8.5. COSTUREIRA 02.....	178
8.6. COSTUREIRA 03.....	181
8.7. COSTUREIRA 04.....	183
8.8. COSTUREIRA 05.....	193
8.9. COSTUREIRA 06.....	197
8.10. EMPRESÁRIA 01.....	210
8.11. EMPRESÁRIO 02.....	216

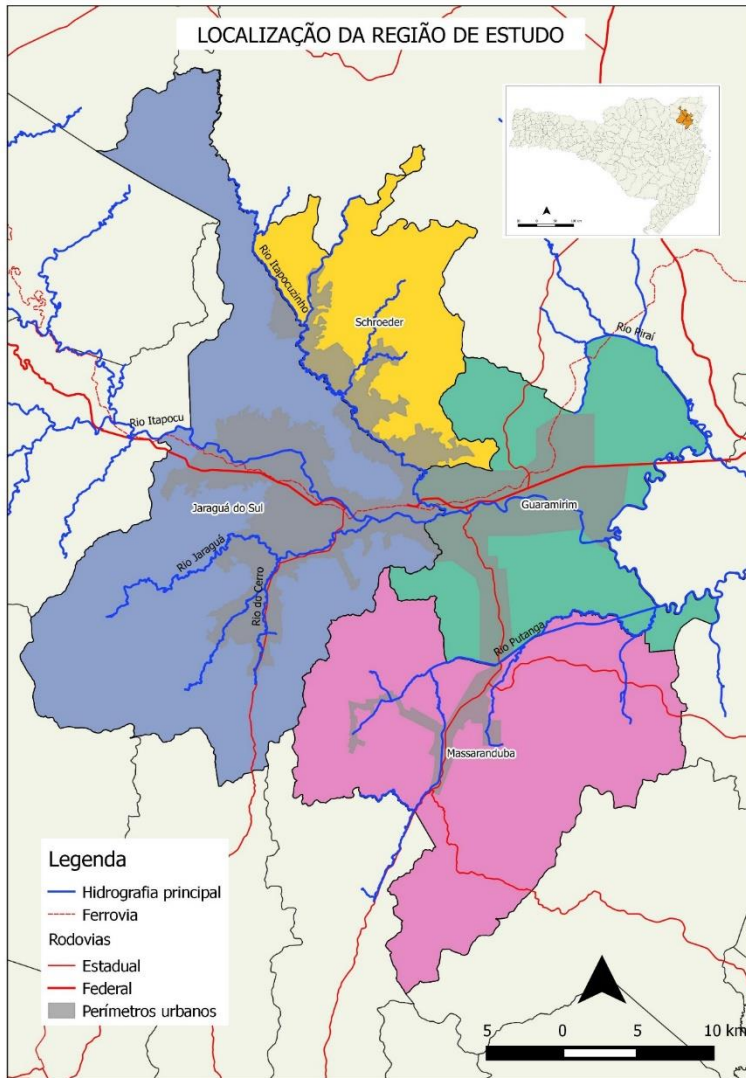
1. INTRODUÇÃO

O Modo de Produção Capitalista tem por principal objetivo a geração de lucro e a acumulação de capital. Tanto o lucro, quanto o capital, são obtidos através da exploração da mão de obra utilizando-se para isso os meios de produção.

No caso do Norte Catarinense a intensificação do capitalismo, com a também intensificação da industrialização no período Pós II Guerra, gerou grande necessidade de numeroso contingente de trabalhadores, processo que se estende até os dias atuais. A partir da reestruturação, principalmente do setor têxtil da região, iniciada nos anos 1990 e intensificada nos anos 2010, ocorreu a ampliação do exército de reserva. Para garantir sua sobrevivência os indivíduos que formam este exército de reserva rumaram, justamente pela falta de opção, para atuação na informalidade, exercendo suas atividades laborais em suas residências, gerando problemas sociais como a ocupação de áreas impróprias para a moradia, desemprego dos familiares daqueles que vinham para trabalhar na indústria eletro metal mecânica, falta de equipamentos públicos para atender a crescente população, entre outros problemas sociais.

A região de estudo localiza-se no estado de Santa Catarina, mais especificamente no Norte Catarinense e compreende os municípios de Jaraguá do Sul, Guaramirim, Schroeder e Massaranduba, sendo que todos os municípios fazem parte da Região do Vale do Rio Itapocu.

Mapa 1: Localização região de estudo.



Elaborado por: Suzane Venturin. Fonte: AMVALI, 2016.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o processo de formação, evolução e reestruturação da indústria têxtil, no Vale do Rio Itapocu, com enfoque nas relações econômicas, de produção e sociais que permeiam este ramo industrial.

Para isso, tem como objetivos específicos caracterizar o quadro econômico regional, percebendo a evolução do setor industrial têxtil na região de estudo, sua evolução ao longo do tempo e sua relação com os cenários nacional e internacional; analisar como ocorreu a formação da classe trabalhadora, através de histórico da ocupação, e como ela se comportou ao longo do tempo, bem como as suas perspectivas para o seu futuro; entender as relações sociais contidas no processo de produção, como elas se comportam em períodos de recessão ou crescimento do setor; compreender o processo de terceirização local e seus desmembramentos para a economia regional.

A dissertação foi elaborada a partir de revisão bibliográfica do método materialista histórico e dialético, com enfoque nas relações sociais contidas no processo de transição entre modos de produção. A partir da revisão bibliográfica, as questões teóricas foram aplicadas à realidade regional, já previamente conhecida, através do processo de observação das relações que se impõem a partir do processo de intensificação da terceirização.

Para entender como o processo ocorre na região realizaram-se entrevistas, além da vivência e da percepção ao circular nos municípios, principalmente de Guarimirim e Jaraguá do Sul, e de perceber que em, pelo menos cada quadra dos bairros mais periféricos e de origem operária há uma facção funcionando. Tais entrevistas, 08 (oito) no total e todas qualitativas, não foram certamente o suficiente para entender todo o processo, mas foram essenciais para que se percebesse como a estrutura se organiza, como ocorrem as relações sociais e de trabalho, mas principalmente, como o sistema capitalista, em cada processo evolutivo, se torna mais nefasto com o proletariado e mais brando com a burguesia.

Devido às condições de informalidade da maioria das pessoas entrevistadas e da falta de informações, das costureiras, quanto os seus direitos ou deveres, muitas não quiseram gravar entrevistas, fato que tornou a conversa mais informal e que pode ter prejudicado a captura dos dados. Nestes casos, após cada conversa, foi escrito um texto, afim de consolidar as percepções, principalmente pelo grande temor que as pessoas entrevistadas possuem devido a submissão às grandes empresas,

refletida na possibilidade de não ser repassado mais atividades àquela costureira. Porém, nos casos de entrevistadas regularizadas, com um nível de informação mais elevado, a entrevista gravada e posteriormente transcrita possibilitou a captura de maiores informações. Além das entrevistas formais, as conversas informais com moradores da região, que possuem mães, tias, vizinhas, primas... trabalhando em tais condições permitiu a melhor percepção da realidade local.

Por outro lado, as grandes empresas, ao serem contatadas para responder à questionários, nem ao menos retornaram, demonstrando o total desinteresse pelas condições em que os seus prestadores de serviços se encontram.

Para os setores públicos de desenvolvimento econômico, o que se percebe é a total falta de zelo com a atividade, dando enfoque, na região, para setores muitas vezes nem desenvolvidos localmente, como de tecnologia de informação, com pouca representatividade no número de empregados, enquanto as facções, principalmente as irregulares, se tratadas com o devido zelo, poderiam representar a alternativa econômica para a região, melhorando, além das condições contratuais, principalmente as condições de trabalho e visibilidade social das costureiras.

Desta forma, o primeiro capítulo trata da descrição das bases metodológicas utilizadas na análise, sendo que neste capítulo é discutida a dialética marxista, como pressuposto de análise, o método materialista histórico e dialético como forma de entendimento da realidade posta e finalmente o processo de transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista. Assim, pode-se perceber que o processo de transição nunca ocorre de maneira completa, mantendo algumas características do modo de produção passado no modo atual, sendo que as relações sociais sempre se aprofundam com a evolução de modo de produção. Pode-se perceber também que a compreensão do processo histórico e social local somente ocorre ao se perceber também o processo geral.

O segundo capítulo trata do processo de formação, evolução e reestruturação da indústria têxtil da região. Para tanto, foi necessária a contextualização do processo local, inserido no âmbito nacional, regional e estadual, para entendimento de como estes influenciam e/ou determinam o processo industrial local.

No terceiro capítulo, ocorre uma análise do processo de reestruturação da indústria mundial, frente as mudanças nos padrões

econômicos mundiais, com enfoque no processo de internacionalização. Além desta análise, realizou-se a contextualização e a inserção do processo que ocorre na região de estudo, como forma de proteção e recuperação interna, frente ao processo de abertura comercial que o país passou na década de 1990, que continua até os dias atuais.

O quarto capítulo trata de como, no período atual do setor têxtil da região, se porta sua reestruturação, com enfoque no processo de terceirização do processo produtivo como um todo, dando ênfase, principalmente, na situação em que o trabalhador, que se submete à este tipo de relação social, se encontra.

Assim, a leitura do processo como um todo ocorre de forma a entender como as bases históricas do processo de evolução social e econômica de uma região são influenciados diretamente pelo processo mundial, por, obviamente, estarem inseridos neste contexto. Desta forma, ainda, tem-se condições de analisar a atual realidade de acordo com as especificidades históricas e sociais de cada local.

2. BASES METODOLÓGICAS

2.1. A DIALÉTICA MARXISTA

Muito se tem discutido acerca de como se comporta o marxismo e critica-se o seu viés ortodoxo. Esta crítica relaciona-se com a crença de que o pensador marxista segue religiosamente os escritos de Marx, como dógmas. No entanto, o marxismo ortodoxo caracteriza-se pelo rigor oferecido ao método ligado ao processo histórico. (LUCÁKS, 1981) Esta ortodoxia,

(...) implica a convicção científica de que, com o marxismo dialético, encontrou-se o método correto de investigação e de que este método só pode ser desenvolvido, aperfeiçoado e aprofundado no sentido indicado por seus fundadores, mais ainda: implica na convicção de que todas as tentativas de “superar” ou “melhorar” este método conduziram – e necessariamente deveriam fazê-lo – à sua trivilização, transformando-o em um ecletismo. (LUCÁKS, 1981, p.60)

Entretanto, quando se toca no caráter revolucionário da dialética marxista, surge o problema da teoria e da práxis, não somente no sentido de tornar-se material ao ser assumida pelas massas, como afirmado por Marx, mas sim a sua penetração nas massas e das formas que transformam o método em veículo da revolução. Neste sentido deve-se “(...) desenvolver a essência prática da teoria a partir dela mesma e da relação que estabelece com seu objeto,” (LUCÁKS, 1981, p. 60) para que não se apresente como aparência vazia.

Marx afirma, em seu legado póstumo (nachlass), que na relação entre a teoria e a prática não é suficiente a tendência do pensamento à realidade, mas que o ideal é que a realidade seja entendida pela teoria. Ainda para Lucáks,

Quando se dá uma situação histórica na qual o conhecimento exato da sociedade vem a ser, para uma classe, a condição exata de sua auto-afirmação na luta; quando, para esta classe, conhecimento de si significa, simultaneamente, o conhecimento correto de toda a sociedade; quando, em consequência para um tal conhecimento, esta classe é ao mesmo tempo

sujeito e objeto, deste modo, *imediate* e *adequadamente* sobre o processo da evolução social – eis quando a unidade da teoria e da práxis, condição prévia da revolução revolucionária da teoria, torna-se possível. (LUCÁKS, 1981, p. 61)

Desta forma, a “medida em que a teoria é a apreensão e a consciência de uma operação necessária, ela se transforma, ao mesmo tempo, em condição prévia e indispensável na operação seguinte”. (LUCÁKS, 1981, p. 62)

Lucáks afirma, em sua obra, que a concepção de Engels acerca da dialética, corresponde a uma fluidez de conceitos que levaria a superação contínua dos mesmos. Também afirma que Engels ignora que há uma relação entre sujeito e objeto durante o processo histórico e que para o método dialético, o problema central é a transformação da realidade. Desta forma, segundo esse autor, Engels comete um equívoco, uma vez que atribui a sua dialética à natureza. (LUCÁKS, 1981) Já em sua obra de 1967¹, Lucáks reconhece, a partir do também reconhecimento da mutação do pensamento a partir das novas visões de mundo do pesquisador, que se posicionou erroneamente com relação à obra de Engels. Este salto de interpretação faz o autor assumir que a dialética apresentada por Engels é muito mais do que somente a natureza. Assim,

Era totalmente incorreto afirmar que “o experimento é o mais puro modo de comportamento contemplativo”. Minha própria descrição refuta essa demonstração. Pois produz uma situação em que as forças naturais a serem investigadas possam atuar “de maneira pura”,

¹ Luckás escreveu, em 1967, Prefácio para a sua obra intitulada “História e Consciência de Classe”. trata-se de texto autocrítico, onde o autor pretende deixar claro ao leitor a sua posição político – ideológica e teórica, sendo que para ele, esta posição é mutável e sempre é influenciada pelo meio em que o pesquisador convive, assim como pelo momento histórico em que a análise foi elaborada. Além disso, mostra como a mutação do pensamento é saudável, rechaçando a ideia de que para se elaborar boa análise, deve-se despir de todos os conceitos e posições políticas. Mostra, também, a importância de se colocar, em todos os momentos, os próprios autores em posição crítica em relação às suas obras. Desta forma, o pensamento dialético sempre existe e conduz, em todos os momentos à evolução do pensamento.

livres das interferências do mundo objetivo ou das observações parciais do sujeito, é – tanto quanto o próprio trabalho – uma posição teleológica, de tipo evidentemente particular, mas por essência uma práxis pura. (Luckács, 1967, p. 19 - 20)

O método que os empíricos utilizam para realizar as suas análises, que descola da realidade um fato, para depois entendê-lo teoricamente, peca, pois deve-se pensar a teoria aplicada ao todo e entende-lo desta forma, para somente depois partir para o particular. Desta forma, “(...) ele não apreende o núcleo histórico dos fatos que lhe servem de base e negligencia este núcleo”. (LUCÁKS, 1981, p. 66) (grifo do autor) Assim, estes pesquisadores não conseguem perceber que apesar da natureza se comportar de maneira constante, a história se desenvolve de uma maneira dialética, necessitando, assim, de uma análise dinâmica.

Assim, o primeiro passo para um trabalho científico deve ser “(...) apreender, clara e exatamente, esta diferença entre a sua existência real e seu núcleo interior, entre as representações que deles se formam e seus conceitos.” (LUCÁKS, 1981, p. 67-68) Ainda,

Trata-se, de uma parte, de arrancar os fenômenos de sua forma imediatamente dada, de encontrar as mediações pelas quais eles podem ser relacionados a seu núcleo e a sua essência e tomados em sua essência mesma, e, doutra parte, alcançar a compreensão deste caráter fenomênico, desta aparência fenomênica, considerada como sua forma de aparição necessária. (LUCÁKS, 1981, p.68)

Somente desta maneira estaria de tratando de totalidade, para somente depois se ter o real conhecimento da realidade e do concreto. Do contrário, ao se analisar apenas uma parte descolada do todo, tem-se o materialismo vulgar, incapaz de compreender a totalidade dos processos sociais.

Os pesquisadores das ciências da natureza não levam em consideração, em suas análises, as questões antagônicas, por uma interpretação errônea das teorias que orientam a sua ciência, as fazendo baseadas em combinações. No entanto, a sociedade capitalista é permeada por contradições, as quais são essenciais à sua existência, elas “(...) estão vinculadas, de modo indissolúvel, à essência da realidade mesma, a essência da sociedade capitalista.” (LUCÁKS, 1981, p. 70)

Desta maneira, se levado em consideração o método das ciências naturais nas análises sociais, além de possibilitar a prática de ciência burguesa, resultará em análises superficiais. Enquanto isso, a dialética analisa a totalidade, as ciências naturais, praticada pelos pesquisadores que compreendem incorretamente os métodos, analisam a união, que, para o caso da sociedade, acaba mostrando uma realidade incompleta.

Somente as análises dialéticas podem perceber que “as categorias econômicas, então, tornam-se dinâmicas e dialéticas num duplo sentido” (LUCÁKS, 1981, p. 76). Podem também perceber que “(...) a produção e a reprodução de uma totalidade econômica determinada, que a ciência tem por tarefa conhecer, transformam-se necessariamente (...) em processo de produção e reprodução de uma sociedade global determinada.”(LUCÁKS, 1981, p. 77)

Para Lucáks (1981), Marx “(...) reprova o conhecimento hegeliano por ser simplesmente um conhecimento acerca de uma matéria – carente em si de uma essência – e não um auto-conhecimento desta matéria que é a sociedade humana.”(LUCÁKS, 1981, p. 77) Desta forma, Marx entendeu o fenômeno da evolução da sociedade e do homem e sua relação com o processo histórico, tornando-o assim, um método, destacado no Prefácio da obra Contribuição à Crítica da Economia Política.

A quebra entre Marx e Hegel se dá na realidade, pois

Hegel não foi capaz de apreender as forças verdadeiramente motoras da história porque, à época em que nasceu o seu sistema, elas eram ainda pouco visíveis; assim, ele foi obrigado a ver nos povos e na sua consciência (...) os agentes efetivos do desenvolvimento histórico e permaneceu prisioneiro, apesar de seus esforços, das formas de desenvolvimento platônico e Kantianas, da dualidade do pensamento e do ser, da forma e da matéria.(LUCÁKS, 1981, p. 79)

Porém, deve-se a Hegel o conceito de totalidade concreta, onde a matéria é o “resíduo da determinação”, ou do pensamento.

No caso da razão no materialismo histórico,

(...) “sempre existiu, mas nem sempre sob uma forma razoável” [Marx, K. Nachlass], atinge a sua forma “razoável” pela descoberta de seu verdadeiro substrato, da base a partir da qual a vida humana pode realmente tornar-se consciente de si mesma. (LUCÁKS, 1981, p. 80)

Já na natureza, “(...) ‘a transformação é circular, repetição do idêntico’, na história a transformação não se produz ‘simplesmente na superfície, mas no conceito. É o próprio conceito que é corrigido’ [Hegel. A razão da História]” (LUCÁKS, 1981, p. 80).

O homem, por sua vez, deve ver-se como sujeito e objeto da sociedade e da transformação histórica desta. No entanto esta tomada de consciência somente ocorre no Modo de Produção Capitalista após o momento em que a sociedade atingir alto grau de desenvolvimento e evolução. Desta forma, “(...) é apenas quando o núcleo do ser social vê-se como devir social que o ser pode aparecer como um produto até então inconsciente da atividade humana, e esta atividade, por seu turno, como elemento decisivo da transformação do ser.” (LUCÁKS, 1981, p. 80)

A burguesia, que atua como agente consciente, mesmo que inconscientemente é o motor da revolução. Já o proletariado somente entende a sua posição e compreende a sua existência ao compreender a totalidade do processo social. Neste caso, o “(...) conhecimento de si mesmo e o conhecimento da totalidade coincidem – o proletariado é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de seu próprio conhecimento.” (LUCÁKS, 1981, p. 82)

Assim, “o método marxista, a dialética materialista enquanto conhecimento da realidade, só é possível do ponto de vista de classe, do ponto de vista da luta do proletariado.” (LUCÁKS, 1981, p. 83) Desta forma, o marxismo ortodoxo busca o fim da influência de pensamentos burgueses na construção da sociedade e da história. O proletariado luta por toda a sua classe, sendo que o seu embate com a burguesia representa, sempre, o interesse de boa parte da sociedade. Fato este reafirmado em 1967,

Portanto, o proletariado como sujeito-objeto idêntico da verdadeira história da humanidade não é uma realização materialista que supera as construções do pensamento idealistas, mas muito mais um hegelianismo exacerbado, uma construção que tem a intenção de ultrapassar objetivamente o próprio mestre, elevando-se acima de toda realidade de maneira audaciosa. (LUCÁKS, 1967, p. 25)

Desta forma, somente a partir do reconhecimento da classe proletária como classe, as lutas e as conquistas possibilitam o atendimento dos anseios de toda a classe e ultrapassam o limite da dominação dos interesses burgueses.

Segundo Lucáks (1981), Marx, em seus escritos, não se preocupou em definições ontológicas concretas, apesar delas aparecerem em alguns trechos de sua obra – isto devido ao ponto de partida de Marx ser a filosofia hegeliana. Esta filosofia, entretanto, vai sendo criticada durante a obra, com base no materialismo, fazendo com que o pensamento, não somente de Marx, mas também de Engels e Lênin, evolua principalmente após a obra Feuerbach.

Neste caso, a filosofia hegeliana se mostrou diluída após o confronto entre idealismo e materialismo.

O juízo de Marx sobre Feuerbach, portanto é sempre dúplice: reconhecimento de sua virada ontológica como o único ato filosófico sério daquele período e, ao mesmo tempo, constatação de se seus limites, ou seja, do fato de que o materialismo alemão feuerbachiano não percebe absolutamente como problema a ontologia do ser social. (LUCÁKS, 1981, p. 90)

Marx reconhece que “(...) a função prático-social de determinadas formas de consciência, independente do fato de serem elas, no plano ontológico geral, corretas ou falsas.”(LUCÁKS, 1981, p. 90). Para ele as categorias econômicas aparecem “(...) como categorias de produção e reprodução da vida humana, tornando-se assim possível uma descrição ontológica do ser social sobre as bases do materialismo.” (LUCÁKS, 1981, p. 91) Somente desta forma as análises não se resumem a um economicismo.

Ao assumir esta posição Marx não aceita a separação sociedade-natureza, sendo que “(...) reconhece uma só ciência, a ciência da história, que engloba tanto a natureza quanto o mundo dos homens.”(LUCÁKS, 1981, p. 91) A partir do momento em que a produção e reprodução social se transformam no problema central do homem e de suas ações “(...) surge a dupla determinação de uma ineliminável base natural e de uma ininterrupta transformação social desta base.”(LUCÁKS, 1981, p. 92) Neste caso, o trabalho é a categoria central, sendo que o homem, através do trabalho, muda e age sobre a natureza natural e também a sua própria natureza. Esta transformação da natureza segue um cunho ideológico. “(...) o ser social (...) pressupõem o ser da natureza inorgânica e orgânica.” (LUCÁKS, 1981, p. 93)

Entretanto, as leis da natureza não devem ser simplesmente transformadas para o entendimento da sociedade.

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem, a medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, para depois se tornarem cada vez mais declaradamente sociais. Este desenvolvimento, porém, é um processo dialético, que começa com um salto, com a posição tecnológica do trabalho, algo que não pode ter analogias na natureza. (LUCÁKS, 1981, p. 93)

O processo histórico implica em uma transformação dos homens de seres naturais para seres sociais. Durante o processo de evolução do homem, ele busca, através da modificação da natureza, as bases para a sua reprodução e produção materialista.

Segundo Lucáks (1981), para Marx “(...) a fundação de uma ontologia materialista da natureza, que compreendia em si a historicidade, o caráter processual, a contraditoriedade dialética, etc., já está contida implicitamente no funcionamento metodológico da ontologia de Marx.”(LUCÁKS, 1981, p.96)

Assim, o entendimento do método materialista histórico e dialético se faz necessário, para que a análise do objeto de estudo ocorra de uma forma mais ampla e coerente.

2.2. O MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO E DIALÉTICO

Silva (1999), ao tratar da industrialização do Norte Catarinense e conseqüentemente, do processo de formação da burguesia industrial da região, afirma que das duas correntes normalmente ligadas ao processo de industrialização, a saber, a que liga o processo ao capital comercial e a que liga aos processos shumpeterianos, nenhuma compreende a complexidade do processo de industrialização regional. Ora, o processo de industrialização na região não se resumiu a fatores do capital comercial “(...) a participação do capital comercial, e sobretudo aquele de grande porte, (ligado ao comércio de importação e exportação), foi nitidamente inexpressiva na região do nordeste catarinense.” (SILVA, 1999, p. 103) Além disso, no caso dos estudos com base nos processos shumpeterianos não nos levam a conclusões fechadas acerca da industrialização regional, isto pois

(...) as evidências em favor das origens da burguesia a partir dos pequenos negócios

(artesanais, comerciais e agrícolas) de maneira alguma significam que a idéia shumpeteriana da energia ou mentalidade industrial acima do normal seja adequada assim tão prontamente. (SILVA, 1999, p.104)

Desta forma, para que se possa compreender o processo de industrialização e seus desdobramentos na evolução econômica regional “(...) é preciso partir dos grandes tipos de formação econômica-social que historicamente estiveram na base da evolução capitalista e das origens da burguesia nas mais diversas regiões do planeta.” (SILVA, 1999, p. 105) Portanto, segue a análise da formação social como um método de análise do estudo que se desenvolveu.

As transições de Modos de Produção, de maneira geral, ocorrem seguindo características semelhantes, que podem ser usadas para diversas análises de transição, sempre levando em consideração as especificidades de cada realidade, como uma base para se entender as formas como os Modos de Produção se comportam em diferentes Formações Sociais. Deste modo não temos uma evolução linear das sociedades, mas sim um sistema de dispersão de contradições. Desta forma supera-se, tanto o empirismo quanto a linearidade da história e evolução da sociedade.

Segundo Marx (1983a), se faz necessário iniciar os estudos a partir do embasamento teórico para se chegar ao concreto, para se ter “(...) uma rica totalidade de determinações e relações numerosas.” (MARX, 1983a, p. 218) Sendo que, assim, se chegaria a um método científico evidentemente concreto. Deste modo tem-se que “O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade.” (MARX, 1983a, p. 218) Ou seja, neste caso o concreto tornar-se-ia o resultado da pesquisa e não somente o ponto de partida.

Desta forma inicia-se a análise, partindo do ponto em que, os homens,

(...) na produção social da sua existência, (...) estabelecem relações determinadas, necessárias, independente de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual

correspondem determinadas formas de consciência social. (MARX, 1983a, p. 24)

Tanto a superestrutura, quanto a estrutura estão diretamente ligadas ao Modo de Produção e vão, de uma maneira ou de outra, comandá-lo a fim de ele sempre se manter atuante e desenvolver as forças produtivas. Entretanto, há um momento em que estas forças, ou a expressão jurídica delas, entram em colapso e contradição, com isso não há mais o desenvolvimento esperado das forças produtivas, surgindo, então, o período de transição de Modo de Produção. Mudanças na base econômica também alteram a superestrutura. Estas podem ser materiais ou condições econômicas de produção e formas ideológicas. Há, entretanto, uma ligação orgânica entre a superestrutura e a estrutura, sendo que o econômico não representa o ponto de partida para os processos. (MARX, 1983a)

Os indivíduos de uma sociedade explicam-se, não somente pela ideia que fazem de si mesmos, mas também pelas contradições da vida material, através dos conflitos das forças produtivas sociais e as relações de produção. A forma como a época se apresenta – aparência – não pode ser considerada a mesma forma como ela realmente se comporta – essência –, sendo que, ao se analisar esta época, deve-se tomar como base como as relações se portam, e as formas devem ser tomadas, principalmente como caráter informativo. (MARX, 1983a)

A transição nunca se encerra em um curto espaço de tempo, há sempre uma era de revoluções sociais. Sendo que,

Uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhe substituem antes que as condições materiais de existência destas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade. (MARX, 1983a, p. 25)

Entretanto, durante esta era não existem etapas, mas sim contradições “(...) progressivas da formação econômica da sociedade (...)” (MARX, 1983a, p. 25), que acabarão por completar o processo de transição.

As relações de cada Modo de Produção não aparecem somente no período em que são tradicionalmente ligadas – como as relações burguesas que não aparecem somente no período capitalista –, elas preexistem, no entanto, de uma forma mais simplificada.

Assim, apesar de historicamente a categoria mais simples pode ter existido antes da mais concreta, pode pertencer, no seu completo desenvolvimento (...) precisamente a uma forma de sociedade complexa, enquanto que a categoria mais concreta se achava já completamente desenvolvida numa forma de sociedade mais atrasada. (MARX, 1983a, p. 221)

Entretanto, os conceitos e abstrações de caráter mais geral somente aparecem a partir de desenvolvimentos concretos mais ricos, enquanto há uma similaridade entre os fatos, sendo assim, deve-se pensar em um modo geral e posteriormente analisar as especificidades de cada realidade.

Assim, a abstração mais simples, que a economia política moderna coloca em primeiro lugar é que exprime uma relação muito antiga e válida para todas as formas de sociedade, só aparece no entanto sob esta forma abstrata como verdade prática enquanto categoria da sociedade mais moderna. (MARX, 1983a, p. 222 e 223)

Uma sociedade mais evoluída sempre vai apresentar características de Modos de Produção passados, mesmo estas estando escondidas. No caso do Capitalismo, para a época das análises elaboradas por Marx, “A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e mais variada que existe.” (MARX, 1983a, p. 223) Deste modo, entendendo a sociedade que está posta, é possível entender os Modos de Produção anteriores. Sendo que

As relações de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social, contraditória não no sentido de uma contradição individual, mas de uma contradição que nasce das contradições de existência social dos indivíduos. No entanto, as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa, criam ao mesmo tempo, as condições materiais para resolver esta contradição. (MARX, 1983a, p. 25)

As categorias econômicas não devem ser classificadas conforme a determinação histórica, mas sim “(...) pelas relações que existem entre elas na sociedade burguesa moderna (...)” (MARX, 1983a, p. 225), que são contrárias ao que ocorreria “naturalmente” na história.

Desta forma podemos perceber a história econômica brasileira, catarinense e conseqüentemente a da região em questão. Para tanto, se faz necessário entender como o processo evolutivo dos Modos de Produção ocorre partindo de uma escala macro para a posterior análise do micro, por entender que os reflexos são evidentes, mas não os únicos determinantes para a formação de uma sociedade. Além disso, o reconhecimento das classes como tais deve permear a totalidade da análise, para que, somente a partir de tal reconhecimento, as relações de classe sejam o motor da evolução da sociedade.

2.3. A TRANSIÇÃO DO FEUDALISMO PARA O CAPITALISMO E A INSERÇÃO DA CIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DO MODO DE PRODUÇÃO

Em uma perspectiva marxista da história, pode-se dizer que a evolução da sociedade conhecida se dá a partir do Modo de Produção chamado Comunismo Primitivo e passa por uma série de revoluções que ocorrem durante todo o tempo, levando à mudanças na economia e na sociedade. A partir destas revoluções passa-se para Modos de Produção como o Asiático, Feudal, Capitalista e Socialista, sempre ocorrendo em diversos momentos na história da humanidade, de forma não linear, e aparecendo com características também diversas. Deve-se lembrar, no entanto, que nunca haverá um Modo de Produção “puro”, pois sempre uma sociedade mais avançada vai apresentar características de Modos de Produção anteriores, podendo, estas, não se mostrarem aparentemente. (MARX, 1983a, 1983b)

A passagem do Modo de Produção Feudal, para o Capitalista, torna-se, para o estudo do caso das indústrias de bens de capital, o mais importante de ser entendido, afinal, é neste momento que a ciência começa a ser utilizada com mais ênfase para a geração de lucro. A partir deste momento, então, as máquinas, inseridas nos sistemas produtivos, possibilitaram a ampliação da produção e o progresso técnico para a formação de mais valia. (MARX, 1984)

Os primeiros sinais da industrialização aparecem na Europa Meridional, especialmente Itália e Espanha, porém foi somente no século XVI que o Sistema Capitalista aparece com ênfase na Inglaterra. Em ambos os casos, o processo industrial iniciou com a manufatura que por ser de caráter conservador, não foi difusora de grandes progressos

científicos. Deste modo, na primeira fase do Capitalismo, a ciência não teve papel relevante, dada a grande estagnação daquele momento. (MAMIGONIAN, 1982)

A era realmente industrial do Capitalismo apareceu após as grandes expropriações de camponeses, acumulação interna e externa, e a abertura dos mercados mundiais, quando das grandes navegações. Somente a partir deste momento permitiu-se “(...) substituição do trabalho manual pela máquina.” (MAMIGONIAN, 1982, p. 78) Deste modo pode-se dizer que – ao contrário do especulado nos livros didáticos e apresentado aos estudantes – não foi a máquina a vapor que fez com que surgisse o Capitalismo na Inglaterra, mas sim o contrário, o Capitalismo, aliado à ciência, possibilitou o surgimento e utilização da máquina a vapor, para a geração de mais valia e exploração da mão de obra. (MAMIGONIAN, 1982)

Com o passar do tempo, cada vez mais, a ciência foi assumindo o papel de força produtiva, de superestrutura, atuando diretamente na produção capitalista, não como consequência, mas sim como causa do desenvolvimento do Capitalismo. Assim, no momento inicial do Capitalismo pode-se perceber que

(...) a tecnologia é filha do dinamismo industrial e da fertilidade da ciência. À medida que a indústria foi descobrindo que a ciência pode ser cada vez mais uma força produtiva, foi submetendo a produção de conhecimentos científicos à mesma divisão de trabalho a que estava sujeita a produção de qualquer outra mercadoria. (MAMIGONIAN, 1982, p. 79)

Marx, em *Maquinaria e Grande Indústria*, destaca a evolução da aplicação das ferramentas e máquinas no processo produtivo. Para ele “(...) na ferramenta o homem seria a força motriz, enquanto na máquina ela seria uma força natural diferente da humana, como a força animal, hidráulica, eólica, etc.” (MARX, 1984, p. 08) A utilização das máquinas, no entanto, somente é possível graças a aplicabilidade da ciência na criação destas máquinas. Elas possibilitam a ampliação da mais valia, não por produzi-la, mas sim, por possibilitar a rapidez e eficiência no processo produtivo. (MARX, 1984)

Entretanto, no caso do setor têxtil, em questão neste trabalho, a utilização da máquina não substitui, em muitas fases a utilização da mão de obra humana, desta forma, o trabalho manual continua sendo parte integrante do processo produtivo, principalmente no que diz respeito ao

detalhamento dos produtos. Sendo assim, apesar da grande aplicação da maquinaria neste setor industrial, a atuação humana na produção sempre é direta e com grande importância para o processo produtivo como um todo.

O Capital passa, sempre, por um movimento circulatório, que possui características específicas em cada uma de suas três fases principais. A primeira dela pode ser chamada de Fase Dinheiro, onde o industrial compra força de trabalho – mão de obra – e meios de produção – maquinário e matéria-prima – com o Capital em forma de dinheiro que se transformará em mercadoria. A chamada Fase Produtiva inicia a partir do momento em que “(...) o capitalista adquirido no mercado os meios de produção e a força de trabalho, inicia o consumo produtivo das mercadorias” (LAPIDUS 1944, p.53), ou seja, a transformação da matéria-prima em mercadoria. A terceira e última fase deste movimento é chamada Fase Mercadoria, nela ocorre a venda do produto pelo Capital comercial, que se apropria de parte da mais valia gerada no processo produtivo para a sua manutenção. Ao terminar este ciclo, o Capital é novamente investido no movimento circulatório, se transformando em dinheiro para a primeira fase do mesmo. Para a existência do Capital, o mesmo deve passar sempre em um ciclo como o acima citado sem nenhuma interrupção. (LAPIDUS, 1944)

A partir da produção ocorre o que pode ser chamado de distribuição e troca para que gerem o consumo.

A produção cria os objetos correspondentes às necessidades; a distribuição os reparte segundo leis sociais; a troca reparte outra vez o já repartido segundo a necessidade singular; finalmente, no consumo, o produto sai desse movimento social, devém diretamente objeto e serviço da necessidade singular e a satisfaz no desfrute. (MARX 2011, p.44)

Desta forma pode-se perceber que a mercadoria somente existe a partir do momento em que se cria a necessidade do consumo. A distribuição está amplamente ligada a produção, uma vez que a mesma possibilita o acesso dos trabalhadores ao dinheiro e aos bens transformados. A troca, citada acima, ocorre na própria produção e faz parte da mesma, sendo que agrega mais valia ao produto final. (MARX, 2011)

Não se pode considerar a mercadoria como ‘plenamente’ realizada senão quando ela chega até ao consumidor. Entre o lugar da produção e o consumidor, o caminho é as vezes longo. O tecido

produzido numa fábrica de Moscou deve, para chegar ao camponês de alguma aldeia longínqua da Sibéria, atravessar milhares de quilômetros, utilizando todas as formas de transporte: automóvel, estrada de ferro, caminhão, ao mesmo tempo que passa por dezenas de entrepostos e armazéns etc. Esta longa viagem, mesmo quando ela se faz sem transtornos, exige muito tempo. (LAPIDUS 1944, p.55)

Porém, a condição da evolução econômica de uma sociedade não pode estar somente ligada ao crescimento e fortalecimento da indústria. Desta forma, por outra ótica, podemos pensar no surgimento e evolução do Capitalismo através do comportamento das classes sociais, a saber burguesia e proletariado. Os primeiros, detentores dos meios de produção, em muitos casos estão ligados à antiga classe social dominante, os senhores feudais, já em outros casos, são os que ascenderam através da acumulação primitiva gerada a partir da agricultura, artesanato e manufatura. No caso analisado por Dobb (1987), a exemplo do que ocorre no Brasil, caso específico desta análise, há uma diferenciação entre as colônias formadas por pequenas propriedades e as formadas por grandes propriedades, onde as últimas geraram uma quantidade maior de mão de obra não proprietária de terras, semelhante, novamente, ao ocorrido no caso brasileiro, com a promulgação da Lei de Terras de 1850.

Já a segunda classe, o proletariado, surge da expropriação das terras, do fim do artesanato e do fim do campesinato – a partir da instalação de uma lógica mercadológica predatória nestes setores. Entretanto, esta classe somente se tornou mais volumosa e sua reprodução ficou mais intensa, após a consolidação do Capitalismo, uma vez que antes deste período não havia um crescimento demográfico considerável do proletariado, que já se mostrava presente em uma forma embrionária. Esta consolidação foi marcada principalmente pelos arrendamentos e pelo afrouxamento da coerção.

“A dispersão dos dependentes feudais, a dissolução dos mosteiros, os cercamentos dos campos para a ovinocultura e as modificações nos métodos de manejo (sic) da terra desempenharam cada um seu papel.” (DOBB, 1987, p. 227). O caso do cercamento das propriedades está diretamente ligado ao crescimento do Capitalismo industrial, sendo que as dificuldades enfrentadas pelos

camponeses levaram a um endividamento e entrega de seus poucos bens aos que concediam os empréstimos – mais uma vez semelhante ao que ocorre na década de 1960 no Brasil, pós Revolução Verde e êxodo rural, levando a geração de excedente de mão de obra para a inserção na indústria.

No caso analisado por Dobb (1987), os cercamentos, aliados à proibição de existência de desempregados nas cidades, acabou engrossando a classe proletária. Quando tais proibições foram contornadas, os trabalhadores artesanais não possuíam capital acumulado, uma vez que estavam a serviço da manufatura, e, desta forma, não conseguiram se tornar capitalistas, mais uma vez aumentando o número de proletários. Porém, devido à demanda crescente da indústria, a quantidade de mão de obra proletária ainda não era o suficiente. Este fato, somado a falta de espaço hábil para a instalação de indústrias nas crescentes cidades, levou à instalação de plantas industriais nas aldeias, fazendo com que os camponeses e artesãos estivessem na mesma propriedade rural.

Já nos primeiros períodos da industrialização e fortalecimento do capitalismo havia grande controle social, com o estabelecimento de valores máximos, em épocas de baixa disponibilidade de mão de obra. Esta submissão do proletariado, aos abusos da burguesia, eram legitimados pelas leis também burguesas. Desta forma pode-se perceber, claramente, a ligação intrínseca entre a formação do proletariado e a situação do mercado de trabalho. (DOBB, 1987)

Outro importante processo de formação do proletariado foi através da qualidade/quantidade de terras e dos instrumentos que cada indivíduo possuía. Desta forma, ocorre, devido às “vantagens comparativas”, a submissão de vários indivíduos a outros por fatores específicos, como, por exemplo, a facilidade de venda dos produtos. Esta dependência desencadeou um processo de diferenciação social e econômica dentro de uma mesma classe, no caso analisado pelo autor, de mineiros, levando ao assalariamento de parte da classe por uma minoria. “Estava acabando a exploração pela usura, e o sistema salarial capitalista tomava seu lugar.”(DOBB, 1987, p. 250)

Para Dobb (1987), é preciso conceituar a transição do feudalismo para o Capitalismo a partir de dois critérios principais, a

saber, 1) a relação entre o produtor (camponês) direto e o proprietário (senhor) dos meios de produção e 2) o teor econômico desta relação. Assim, entende-se como o desgaste desta relação social, somado aos fatores econômicos que vinham sendo modificados naquele momento, levaram ao declínio do feudalismo e a formação da classe proletária.

Para entender os processos econômicos e sociais no mundo capitalista, segundo Silva (2001), deve-se levar em consideração as questões dos ciclos econômicos e da formação econômica-social. Desta forma ocorre uma compreensão de grande quantidade de condicionantes que ditam o princípio, a evolução, a decadência ou superioridade de certa economia. Somente desta forma, entendendo o processo de transição do Feudalismo para o Capitalismo, ou de industrialização, por assim dizer, como um processo dinâmico com diversas questões envolvidas, pode-se perceber a realidade econômica complexa em que a sociedade contemporânea está inserida.

No que diz respeito ao problema central deste estudo, torna-se essencial para o entendimento, em um primeiro momento, da formação da classe proletária que atua na região, bem como da origem da burguesia que explora a sua mão de obra, sendo que esta relação social é a responsável pela realidade que está posta na região. Quanto a origem do capital que possibilita a relação de exploração, pode-se perceber a importância que as relações sociais pré-capitalismo contemporâneo exerceram em sua formação. Quanto a origem da mão de obra, o seu entendimento viabiliza o reconhecimento das motivações da venda de sua força de trabalho. As questões relacionadas à crises e ascensões do sistema capitalista demonstram a intensificação da exploração da mão de obra justificada por, em momentos de crise, superação de dificuldades e, em momentos de ascensão, manutenção das condições de trabalho e salário.

Assim, o entendimento, tanto do processo de transição do Feudalismo para o Capitalismo, quanto dos processos de industrialização e de crescimento e crise no Sistema Capitalista, se faz necessário para o entendimento da totalidade de quaisquer processos econômicos e/ou sociais que se passam na atualidade.

3. A FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL TÊXTIL DO VALE DO RIO ITAPOCU

Para entender os processos econômicos e sociais no mundo capitalista, segundo Silva (2001), deve-se levar em consideração os ciclos econômicos mundiais e da formação econômica-social. Desta forma ocorre uma compreensão de grande quantidade de condicionantes que ditam o princípio, a evolução, a decadência ou superioridade de certa economia.

Os Estados Unidos da América, após um crescimento no consumo, durante a primeira metade do século XX, chamado de *padrão de crescimento fordista*, chegou a uma crise no consumo. Como solução para tal, principalmente no período pós guerra, houve o investimento em inovação de produtos, afim de tornar os antigos bens defasados. Além disso, contou-se com movimento de exportação de capitais, investindo principalmente na Europa, a fim de incentivar o consumo dos bens norte americanos em outras partes do mundo. (SILVA, 2001)

“De algum modo a perda de dinamismo da siderurgia americana reflete também as condições de modernização das indústrias que lhes eram insumidoras.”(SILVA, 2001, p.13) Observou-se uma crise maior, nos Estados Unidos, em setores não apoiados pelo Estado, ou seja, setores não financiados ou com programas específicos de manutenção e crescimento de produção, como o caso do setor de armamentos, que, devido aos incentivos estatais, por ser considerado estratégico, se sobressaiu à crise econômica instalada no país no período pós guerras. (SILVA, 2001)

Para o Brasil, a análise que segue, leva em consideração estas e outras condicionantes, com a finalidade de demonstrar como as relações internacionais, nacionais, regionais e locais interferem no processo econômico.

3.1. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO BRASIL

A economia brasileira, desde os primeiros anos da colonização, até o século XX, baseou-se principalmente na produção de produtos primários, para consumo e exportação. O poder, durante este período, concentrou-se nas mãos de representantes do espaço rural (vassalos – senhores de escravos e seus substitutos os barões comerciantes) e

representantes do meio urbano (comerciantes exportadores, importadores e industriais) (RANGEL, 1957), sendo que no século XIX, após a Proclamação da República, esta concentração ficou muito mais aparente com a política do Café com Leite. Durante este período, o poder era revezado nas mãos de representantes dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

O panorama econômico, apesar de relativo atraso em relação à Europa, portou-se sempre dinâmico, ora inserindo-se cada vez mais no mercado internacional, ora nos períodos depressivos dos ciclos longos, promovendo substituição de importações² (produtos agrícolas, artesanais e industriais). Modificando-se a partir do final do século XIX e início do século XX, quando o Brasil passou por um processo inicial de industrialização. Este processo ocorreu devido à existência de uma classe média produtora e consumidora, fazendo com que houvesse a inserção do país em um modelo capitalista de produção. A este processo estão relacionadas as iniciativas de imigrantes principalmente europeus, concentrados nas regiões Sul e Sudeste do país. Estes trabalhavam em um sistema de pequena produção mercantil, que desembocou numa acumulação de capital, permitindo assim o desencadeamento do processo de industrialização. Juntam-se às primeiras, as estratégias estatais e as iniciativas dos grandes proprietários rurais, esta que somente investiram nesta nova categoria econômica quando a mesma tornou-se segura. (MAMIGONIAN, 1969)

² A industrialização por substituição de importações ocorre quando, devido à uma crise externa ou uma guerra, há o cancelamento das importações de produtos industrializados. Este cancelamento acarreta não somente a escassez de produtos industrializados, mas também o excesso de produtos de origem primária. Para que este processo não prejudique o país, inicia-se um processo de industrialização, financiado pelo Estado, ou pela burguesia. Tal processo beneficia o surgimento de uma burguesia industrial, que vai se aproveitar dos efeitos da crise e vai tomar o mercado interno para si. Iniciou a partir da década de 1930 no Brasil, quando da crise no sistema capitalista e do período entre guerras (SINGER, 1983). Já segundo Rangel (1981) apud Mamigonian, (1987), no Brasil ocorre um processo precoce e anterior ao descrito por Singer (1983), onde, no interior das fazendas de escravos entre os anos de 1815 e 1848, ocorre uma substituição natural de importações. Já entre os anos de 1873 e 1896 há uma substituição artesanal-mercantil de importações destinadas ao atendimento das necessidades urbanas. Somente entre os anos de 1930 e 1948 é que ocorre uma substituição industrial de importações.

Segundo Mamigonian (2000) podemos entender o processo de industrialização brasileira segundo três correntes teóricas, a saber: Teoria da Comissão Econômica para a América Latina – ONU (Cepal) – que trata a industrialização como um processo estagnado de substituição de importações principalmente em momentos de crise nas relações centro/periferia e, conseqüentemente, de comércio exterior –; a Teoria da Dependência – que relaciona a industrialização do país através da atuação de empresas multinacionais que impulsionam a economia nacional, refletindo, portanto, sempre os interesses do centro do Sistema Capitalista –; e a Teoria dos Ciclos Econômicos – que entende a industrialização brasileira como um processo dinâmico e cíclico, entranhado ao Modo de Produção Capitalista. Conforme o mesmo autor, a última “(...) reconhece o enorme dinamismo do processo de acumulação capitalista brasileiro.” (MAMIGONIAN, 2000, p.08)

Segundo a última teoria, mais aceita por Mamigonian,

(...) a industrialização deu origem a um vigoroso modo de produção capitalista no interior da economia agroexportadora com forte setor natural, que desde a década de 20 gerava seus próprios ciclos médios, com fase expansiva seguida de fase recessiva. Tais ciclos levavam à expansão industrial dos investimentos, que se tornam ociosos nos momentos de insuficiência do consumo. A capacidade ociosa recém instalada constituía poupança potencial, que podia dispensar a poupança externa para a retomada do desenvolvimento econômico no ciclo seguinte. O capitalismo brasileiro estava em condições de se expandir internamente mesmo quando eram desfavoráveis as relações externas, como ficou evidente na década de 30. (MAMIGONIAN, 2000, p. 17-18)

Além disso, a industrialização brasileira analisada através dos ciclos econômicos possibilita entender o desenvolvimento capitalista brasileiro em épocas de crise no sistema capitalista mundial, como é o caso da década de 1930. (MAMIGONIAN, 2000)

Neste período, em que fica mais evidente o capitalismo brasileiro, ocorreu a Revolução de 30, que apeou do poder os latifúndios voltados para a exportação e os comerciantes de export-import, que dominavam o governo desde a Proclamação da República, e instalou no poder uma administração nacionalista (latifúndio feudal do Rio Grande

do Sul, Minas Gerais, Sertão Nordestino, aliados à emergente Burguesia Industrial). Este se aproveitou da depressão do terceiro ciclo de Kondratieff³, que teve início nos primórdios da década de 1920. No entanto foi a partir da substituição industrial de importações, que passou a gestar no interior da economia brasileira, os ciclos internos de acumulação, chamados Ciclos Juglarianos⁴. (MAMIGONIAN, 1969)

Neste momento, onde há o início da 3ª dualidade⁵ brasileira em que ocorre mais intensamente o desenvolvimento do sistema capitalista

³ Sua origem data da Primeira Revolução Industrial, quando a natureza deixa de ser a responsável pelas mudanças econômicas. Ciclos de acumulação, crise e expansão do sistema capitalista, comandados pelo centro do sistema em que cada fase depressiva representa uma crise e a fase seguinte representa uma expansão. De duração aproximada de cinquenta anos, está relacionado aos períodos de mudanças tecnológicas mundiais, em sua grande maioria as Revoluções Industriais. (MAMIGONIAN, 1999)

“Os ciclos longos desempenharam e continuam desempenhando papel fundamental no funcionamento do sistema capitalista. A fase expansiva do primeiro ciclo longo (1790-1815) correspondeu ao auge da primeira revolução industrial (Inglaterra), ponto de partida dos ciclos industriais longos (Kondratieff) e médios (Juglar) e do capitalismo concorrencial, que se estendeu historicamente pelos dois primeiros ciclos longos (1790-1896). Na fase depressiva do segundo ciclo longo (1873-1896) aceleraram-se as mutações que transformaram o capitalismo concorrencial em monopolista e imperialista, bem como foram lançadas as bases da segunda revolução industrial (EUA e Alemanha). O capitalismo monopolista tem correspondido ao terceiro e quarto ciclos e mesmo o planejamento keynesiano, vigente desde a década de 30 no centro do sistema, não impediu a eclosão de nova fase depressiva, iniciada em 1973, durante a qual parecem estar em gestação as inovações técnicas e outras mudanças que permitem pensar numa terceira revolução industrial, que deverá se abrir na década de 90 (...)” (MAMIGONIAN, 2000, p. 25)

⁴ Ciclos médios de duração aproximada de dez anos, resultantes da superprodução, ou seja, representam a acumulação capitalista brasileira e auxiliam na explicação do desenvolvimento econômico do país. (BASTOS, 2002; MAMIGONIAN, 1999)

⁵ Ignácio Rangel, em sua obra “Dualidade básica da economia brasileira” desenvolve a tese de que a história econômica brasileira se comporta de maneira distinta a história econômica e social do restante do mundo, principalmente da Europa. Isto pois, para o autor, “(...) nossa evolução não é autônoma, não é produto exclusivo de suas forças internas. Nossa economia nasceu e se desenvolveu como complemento de uma economia heterogênea e sempre esteve sujeita às suas vicissitudes.” (RANGEL, 1999, p. 29) Desta forma, o autor

no Brasil, as áreas de Pequena Produção Mercantil estão mais preparadas do ponto de vista técnico e empresarial para tirar maior proveito, de modo que estes pequenos produtores começam a investir no processo de industrialização. Cria-se a burguesia industrial brasileira, que emerge apoiada pelo Governo Federal, que no momento representava os latifundiários do país.

Este governo nacional-desenvolvimentista, por sua vez, intensificou o processo de industrialização possibilitando a instalação de várias indústrias de base, como siderúrgicas e petrolíferas – bens de produção –, mas sempre ligadas aos ciclos juglarianos, sendo que,

Cada ciclo médio correspondeu a um degrau na escada da substituição de importações: indústria de bens de consumo simples, indústrias de materiais de construção, indústria de bens de consumo duráveis e indústrias químicas e mecânicas pesadas. (MAMIGONIAN, 2000, p. 19)

Além da inserção de políticas de investimento externo que possibilitaram a modificação do panorama industrial brasileiro. Sendo assim, pode-se perceber que a industrialização brasileira ocorreu de “cima para baixo”⁶ e está relacionada principalmente aos processos de

demonstra que sempre na economia brasileira atuam forças internas e externas, e que estas forças modificam-se com o passar do tempo. “A economia brasileira se rege basicamente, em todos os níveis, por duas ordens de leis tendenciais que imperam respectivamente no campo das relações internas de produção e no das relações externas de produção.” (RANGEL, 1999, p. 32) Porém, estas forças não somente coexistem, mas se pressionam mutuamente estando em constante conflito.

A primeira dualidade da economia brasileira é representada, no pólo interno, pelo escravismo, no lado interno e pelo feudalismo, no lado externo; já no pólo externo, pelo capitalismo mercantil, no lado interno e pelo capitalismo industrial, no lado externo. A segunda dualidade da economia brasileira é representada no pólo interno, pelo feudalismo, no lado interno e pelo capitalismo mercantil, no lado externo; já no pólo externo, pelo capitalismo mercantil, no lado interno e pelo capitalismo industrial, no lado externo. A terceira dualidade da economia brasileira é representada, no pólo interno, pelo feudalismo, no lado interno e pelo capitalismo mercantil, no lado externo; já no pólo externo, pelo capitalismo industrial, no lado interno e pelo capitalismo financeiro, no lado externo.

⁶ Caracterizada assim por ser inicialmente pautada na produção de bens de consumo para suprir as necessidades dos imigrantes que aqui se estabeleciam.

substituição de importações que ocorrem somente em parte dos ciclos, diferentemente do afirmado por teóricos da Cepal. (MAMIGONIAN, 1969; BASTOS, 2002)

Nos governos da República do Café com Leite, a industrialização ocorreu de maneira espontânea, sem o incentivo do Estado, nas mãos dos imigrantes e iniciativas de comerciantes instalados nas principais praças do país (Rio Grande – RS, Santos – SP, entre outros). Sendo que no caso de São Paulo, estes imigrantes que possuíam experiência de trabalho variada e nível de vida elevado – em relação aos escravos – através de hábitos econômicos bastante equilibrados, aproveitaram a expansão da cafeicultura e promoveram a modernização da agricultura e a industrialização. Este processo não ocorreu somente em São Paulo, mas também nos demais estados em que se estabeleceram, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (MAMIGONIAN, 1969)

Já no governo de Getúlio Vargas, as iniciativas estatais dominaram o processo de industrialização. Durante o governo de Juscelino Kubitschek, iniciou a abertura do país ao investimento externo, levando-o a uma dependência tecnológica e econômica com o centro do sistema. (MAMIGONIAN, 1969)

Juntamente com este processo de industrialização, viu-se criar uma densa malha rodoviária, que possibilitou o escoamento da produção primária e industrial, fortalecendo também o setor terciário. Além do escoamento da produção, as rodovias possibilitaram a integração da nação, uma melhora em seu projeto de unificação nacional. Possibilitou, ainda, a formação de uma mais ou menos densa malha de cidades hierarquicamente organizadas, metrópoles nacionais e regionais, capitais regionais, centros locais e sub-regionais.

Sendo assim, a industrialização do país se intensifica no século XX, e possibilita a integração do país ao sistema econômico vigente. (MAMIGONIAN, 1969). Há, então, uma alteração do país em relação à Divisão Internacional do Trabalho e o país começa a sentir mais intensamente as crises geradas a partir do endividamento externo e é

Sendo que, inicialmente, quando necessitavam de equipamentos importavam dos países do centro do sistema capitalista e somente após a década de 1950 houve uma intensificação da produção interna destes equipamentos.

atingido pelos ideais neoliberais, principalmente a partir da década de 1980, quando passa por uma onda de privatizações.

Tendo em conta que o longo período recessivo dos anos 80, associado aos avanços tecnológicos registrados mundo afora, ou mesmo a fatores próprios às dinâmicas específicas de diferentes setores, colocou em xeque a competitividade de importantes segmentos da indústria brasileira – bem como que esse quadro de relativo atraso, abriu espaço, sobretudo nos anos 90, para um importante processo de reestruturação industrial que, para o bem e para o mal tem implicado em decisivas mudanças (...). (SILVA, 2004, p. 72)

Além disso, na década de 1990 ocorreu “(...) uma forte descapitalização – motivada pela perda de mercado decorrente da redução de tarifas e, sobretudo, pelo fraco desempenho no mercado externo provocado pela sobrevalorização cambial do Plano Real.” (SILVA, 2004, p.74). Para o autor, estas mudanças podem transformar as características econômicas de uma região, para que ocorra a manutenção do processo de geração de mais valia no processo produtivo. Assim, com a análise das especificidades locais, pode-se notar a real interferência destas mudanças no processo econômico.

As consequências da descapitalização para a região são perceptíveis ao analisar o processo de transferência de produção para outros polos ou dentro da mesma região, ou até mesmo pela compra de materiais semiacabados provenientes, principalmente, de produção asiática. Estas ações levaram a diminuição dos postos de emprego na indústria têxtil e incentivaram a criação de mecanismos para a produção ser realizada na região, porém, fora das unidades fabris que originaram as marcas.

A transferência desta produção dentro mesmo da região ocasionou a transformação das relações produtivas da cadeia têxtil de Jaraguá do Sul e tornou-a ainda mais complexa. Complexidade esta que deve ser analisada pelo ponto de vista tanto da classe burguesa, que busca se manter competitivo, quanto e, principalmente, pelo ponto de vista da classe proletária, que mantém a venda de mão de obra para continuar reproduzindo a sua existência.

3.2. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Para a análise do processo de industrialização do estado de Santa Catarina, leva-se em consideração os trabalhos realizados pelo economista Alcides Goulart Filho, no início dos anos 2000, e do geógrafo Marcos Aurélio da Silva, durante seu processo de mestrado e doutorado.

GOULARTI FILHO, A. (2002) propõe uma periodização para a história econômica catarinense baseada nas mudanças de padrão de crescimento da economia estadual. Assim, a história econômica catarinense pode ser dividida em quatro períodos levando em consideração o crescimento econômico do estado. Para o autor, a periodização ocorre conforme o passar dos anos e dos processos que ocorriam no estado e no mundo, a saber:

(...)os anos de 1880 a 1945 caracterizam-se pela origem e crescimento do capital industrial; os anos de 1945 a 1962 foram marcados pela diversificação e ampliação da base produtiva; o terceiro período começa depois de 1962, quando há a integração e a consolidação da indústria catarinense; e o último período inicia-se em 1990, a partir da abertura comercial e financeira e da desregulamentação da economia com o esfacelamento do Estado.(GOULARTI FILHO, 2002, p. 977)

Desta periodização, segue a análise de cada uma das fases da economia catarinense. Assim, a primeira demonstra que há uma unidade do Estado a partir de 1880, quando elementos unificadores como a predominância da pequena propriedade mercantil e ocupação e criação de novos núcleos populacionais são identificados.

A vinda de novos imigrantes para as lavouras de café e para o Brasil meridional tornou-se uma política econômica deliberada pelo Governo Imperial somente a partir do último quartel do século XIX. Com a chegada de novos e de mais imigrantes a Santa Catarina, a ocupação e a fundação de novos núcleos coloniais começaram a se dispersar, saindo do eixo norte-Vale, chegando até o sul da província. Antes da chegada dos imigrantes ao sul da província, já havia as

localidades: de Laguna, fundada em 1682; de Tubarão, fundada em 1836; de Araranguá, fundada em 1848; e de Jaguaruna, fundada em 1867. Tanto Araranguá como Jaguaruna e as outras localidades no litoral foram colonizadas, basicamente, por açorianos. (GOULARTI FILHO, 2002, p.980)

Os imigrantes que chegaram ao sul do estado, principalmente italianos, alemães e poloneses, iniciaram as atividades carboníferas e posteriormente auxiliaram na construção da ferrovia Tereza Cristina. A região oeste ainda não havia sido efetivamente ocupada, mas nesta época já existia a colônia militar na região de Palmas, bem como a demarcação da fronteira oeste da então província. (Goularti Filho, 2002)

O primeiro período tratado por Goularti Filho (2002) inicia, como supracitado, em 1880 e se prolonga até 1945. Neste período há a predominância da pequena propriedade e atividades tradicionais, com a dominação do capital mercantil⁷. Neste primeiro período há o surgimento das indústrias madeireira, têxtil, alimentar, carbonífera, metal mecânica e moveleira, sendo que as quatro primeiras se desenvolvem neste mesmo período e se consolidam na década de 1960, já as últimas crescem em anos posteriores. O autor descreve o primeiro período como um

(...) padrão de crescimento [que] era dado pelo capital mercantil e pela pequena propriedade. Nesse período, nasceram e expandiram-se a indústria têxtil em Blumenau e Brusque, a extração da erva-mate no planalto norte, a do carvão no sul, a da madeira e a produção alimentar em todo o Vale do Itajaí. Esse período também se destacou pela chegada dos imigrantes, com a fundação de vários núcleos coloniais, pela expansão da fronteira agrícola no oeste, pela construção de importantes ferrovias e pela atuação das companhias colonizadoras. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 979)

⁷ Na região do planalto serrano há a existência de grandes propriedades que são menos expressivas na totalidade do estado, no entanto o capital que domina este tipo de propriedade também é o mercantil. (GOULARTI FILHO, 2002)

No que concerne à população, nesta época, ocorre a chegada de imigrantes europeus, principalmente italianos⁸, para a colonização do estado, entre os anos de 1875 até 1900, principalmente nas regiões do Vale do Itajaí, Norte e Sul, desacelerando até a década de 1920. Já a região Oeste foi ocupada a partir do início do século XX, pelos migrantes do Rio Grande do Sul, que saíram da região da serra gaúcha em um processo, segundo Pesavento (1980), de êxodo rural, devido à falta de terras, causado pela alta densidade demográfica⁹, e grande número de nascimentos. Além disso, segundo Waibel (1979), esta população migra para a região do planalto gaúcho, oeste catarinense e para o estado do Paraná, inicialmente, devido a deterioração causado pelos sistemas agrícolas¹⁰ altamente desgastantes do solo. Além disso, a expropriação cabocla causada pela Lei de Terras (1850), aliada a atuação das companhias colonizadoras, somados a estes dois fatores, repercutiam em uma movimentação geográfica da população. Nesta buscavam não somente emprego nas cidades nascentes, mas também terras para continuar a sua produção de origem.

⁸ A concentração de imigração alemã em Santa Catarina ocorre a partir de 1850.

⁹ No ano de 1918, através de um levantamento feito pela Embaixada Italiana no RS, estimava-se uma densidade demográfica média de 26 habitantes por quilômetro quadrado na região da Serra Gaúcha. (CASSOL, et. al. 1975)

¹⁰ Os sistemas agrícolas utilizados eram o Sistema de Rotação de Terras Primitiva e o Sistema de Rotação de Terras Melhorada. O primeiro é caracterizado por uma utilização intensa dos recursos naturais – com derrubada de matas e queimadas – e isolamento relativo dos colonos. Resulta em um esgotamento de terras, capacidade de resistência às influências negativas do meio físico, rebaixamento dos padrões físicos, culturais e econômicos, transformando os colonos imigrantes em caboclos. Já o segundo é caracterizado por uma evolução do primeiro, onde há a inserção de estradas que fazem a ligação entre as áreas rurais e os pequenos núcleos urbanos que começaram a surgir. Estes possibilitavam a convivência entre os colonos e diminuía o isolamento. No que diz respeito ao cultivo, há a inserção da criação de gado e cultivo de culturas estrangeiras como o trigo. Tal modelo acaba gerando uma série de relações comerciais e manufatureiras e foi, no início do século XX, o mais difundido no Sul do Brasil. Apesar de todas as melhorias descritas, ainda havia um grande desgaste dos recursos naturais, principalmente do solo. (WAIBEL, 1979)

O segundo período, de 1945 até 1962, é definido no momento em que a indústria catarinense inicia um processo de diversificação e ampliação de sua base produtiva.

Por um lado, os setores carbonífero, têxtil, madeireiro e alimentar expandiram-se ainda mais, integrando-se com a economia nacional. Por outro lado, surgiram novas e dinâmicas indústrias, como a metal-mecânica em Joinville, a cerâmica no sul e a de papel e celulose no planalto. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 979)

Este forte crescimento da indústria de base catarinense, que ocorreu em conjunto com o processo de industrialização, também de base, de caráter e abrangência nacional levou a um esgotamento da infraestrutura social básica estadual, principalmente no que se refere às condições de rodovias, energia elétrica e financiamento estatal. (GOULARTI FILHO, 2002)

Já a terceira fase da evolução econômica catarinense é definida pela

(...) integração e a consolidação do capital industrial, que vai de 1962 a 1990. Nessa fase, o padrão de crescimento da economia catarinense passou a ser comandado pelo grande capital industrial e agroindustrial e pelos investimentos estatais em infra-estrutura. A economia catarinense integrou-se no mercado internacional, e o planejamento estadual tornou-se uma marca dos sucessivos governos. Os diversos complexos industriais e agroindustriais foram formados e consolidados. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 979)

As linhas de crédito estadual, que até o final da segunda fase econômica catarinense estavam deficientes, foram as responsáveis, juntamente com os incentivos de tributários e os investimentos em áreas deficitárias para o setor secundário, pela possibilidade de integração com o mercado internacional, destacada por Goularti Filho (2006).

Por fim, o autor acredita que nos anos 1990 ocorreu uma mudança nas articulações políticas e uma reestruturação na economia catarinense.

A partir desse momento, o Estado começou a se retirar de cena, dando vez à lógica exclusiva do mercado, despolitizando as relações econômicas. Vários segmentos industriais no Estado foram

prejudicados com a abertura econômica e com o processo de desnacionalização. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 979)

Sendo assim, o Estado irá “assegurar” o direito defendido pelo setor empresarial de definir os seus investimentos e sua área de atuação. Entretanto, este compromisso com o setor empresarial acaba por prejudicar o setor secundário, uma vez que a valorização cambial proveniente desta política prejudica a indústria. Este direito assegurado acabou gerando um problema grave, apontado por Goularti Filho (2002), como prejuízo econômico e social da abertura econômica, esta consequente da independência industrial.

Como já descrito anteriormente os setores têxtil, madeireiro e alimentar se consolidaram até o início dos anos 1960, no estado de Santa Catarina. No entanto o princípio desta consolidação e a gênese do capital industrial, nas décadas de 1910 e 1920, em casos esparsos no estado, não foram o suficiente para uma alteração geral no padrão econômico catarinense, uma vez que este era submisso ao capital nacional, então mercantil. Esta alteração somente ocorreu a partir dos anos 1930 e 1940, quando, da união com economias de outros estados, principalmente São Paulo, e com a economia nacional, ocorre um maior fortalecimento do capital industrial e uma alteração significativa no padrão de crescimento estadual. (GOULARTI FILHO, 2002) Neste momento,

O pequeno proprietário, o colono, o caboclo e o pescador são as matrizes sociais dessas transformações. O capital-dinheiro, concentrado nas mãos dos pequenos capitalistas, transformou-se rapidamente em capital-industrial. É a partir desse desdobramento que nasceu o grande capital industrial em Santa Catarina. E é o capital industrial, juntamente com o mercantil, que será o móvel da acumulação no período de 1945 a 1962, um período transitório para a fase de integração e consolidação da indústria catarinense. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 986)

Ainda para Goularti Filho (2002), o fortalecimento da indústria catarinense, a partir do ano de 1962 está ligado ao processo que o capital industrial do estado passou a desempenhar o papel de motor da acumulação capitalista. Isto pois, o Estado passou a acompanhar a tendência nacional no planejamento das ações estaduais ligadas ao desenvolvimento industrial, sendo que a partir deste ano foram

implantados planos em quatro grandes áreas, destacadas pelo autor, a saber: 1) financeira, através de geração de capacidade de financiamento realizado pelo Estado para a investimentos a longo prazo; 2) transporte, através do incentivo da venda da produção para outras áreas do estado e do país; 3) energia, através da atuação da empresa estadual Centrais Elétricas de Santa Catarina – CELESC, com o aumento da distribuição de energia e 4) telecomunicações, através da ampliação da rede de serviços. Assim,

A partir de novas bases econômicas pós 1962, montadas pelo Estado, começaram a despontar, nacional e internacionalmente, os grupos catarinenses, que passaram a comandar e a internalizar com maior intensidade o crescimento industrial no Estado. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 991)

Para Goularti Filho (2002), se analisarmos a economia catarinense, em seu processo de evolução, pode-se chegar a conclusão de que o crescimento expressivo observado no estado, acima da média nacional, foi possível por alguns motivos específicos, a saber:

(a) ainda havia espaço para a integração produtiva intra-estadual; (b) os setores menos atingidos pela crise eram justamente aqueles em que Santa Catarina se especializou; (c) boa parte da produção foi deslocada para o mercado externo; (d) os investimentos em infra-estrutura promovidos pelo setor público dentro dos planos estaduais foram amadurecendo ao longo da década; (e) as finanças industrializantes, promovidas pelas agências de fomento e pelos programas de incentivos, garantiam a continuidade dos investimentos; (f) ocorreu uma diversificação produtiva em municípios pólos em cada região, no caso de Criciúma, Jaraguá do Sul e Caçador; e (g) alguns setores mantiveram taxas constantes de incremento tecnológico, como nos setores alimentício, cerâmico e papel e celulose. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 998)

Já nos anos 90, após a quebra dos padrões de financiamento industrial, não somente no estado de Santa Catarina, mas também na América Latina como um todo, ocorrido devido a um enfraquecimento do Estado enquanto poder de comando, começou-se a desenhar uma nova dinâmica econômica, baseada no Estado Mínimo. Neste momento

(...) se altera a relação entre o poder público e a dinâmica interdepartamental e o grande capital nacional, também se altera o padrão de acumulação. Com a desarticulação política do Estado na condução do processo de acumulação, investindo na infra-estrutura social básica e na regulação econômica e financeira, o grande capital multinacional, principalmente o financeiro, passou, de fato, a comandar o processo de acumulação. As privatizações e as desnacionalizações suicidas, associadas ao novo ciclo de endividamento especulativo externo dos anos 90, ao mesmo tempo enfraqueceram e fortaleceram o Estado: enfraqueceram no sentido de formular novas políticas de desenvolvimento em bases nacionais e fortaleceram para conduzir os ganhos especulativos do mercado financeiro. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 992-993)

Há, então, um enfraquecimento geral do Estado sobre as políticas de desenvolvimento devido, principalmente, pela retirada da atuação estatal diretamente na economia e o empoderamento do capital financeiro, que passou a comandar todo o processo de acumulação. Este processo gera, então, um fortalecimento quanto à condição à especulação financeira, que conduz os ganhos especulativos do mercado financeiro e gera lucro sem a produção de mercadoria, apenas com a possibilidade de sua produção.

Sendo que, segundo Goularti Filho (2002), é neste contexto que deve-se analisar o padrão de reestruturação, através da desverticalização e retração da indústria têxtil do estado e da região.

Para Silva (2006), o princípio da análise da evolução econômica catarinense e conseqüentemente a industrialização do estado deve ser mais minuciosa do que vem sendo tratada, levando em consideração outros fatores além do capital comercial.

Se tomarmos o caso das zonas coloniais de Santa Catarina, encontraremos igualmente estudos em que a ênfase no papel do capital comercial aparece. Em geral o destaque está no contato do comerciante (o vendista) com a economia de subsistência dos colonos (o conhecido sistema colônia-venda); que assim iam se tornando, pois, empobrecidos, enquanto os primeiros, absorvendo a maior parte dos excedentes agrícolas, iam

dirigindo seus lucros para a atividade industrial.
(SILVA, 2006, p. 9)

Segundo Silva (2006), o processo de industrialização de Santa Catarina é mais detalhado do que os estudos que tratam dele sugerem. No estado, o papel do capital comercial revela-se, em parte, muito menos importante do que vem sendo tratado. Mesmo que o capital comercial seja a causa da industrialização de estados do país ele não é suficiente para tornar hegemônico o processo de industrialização de toda a região Sul, nem mesmo do estado de Santa Catarina.

Ora, esta relativa homogeneidade genética dos capitais comerciais nas áreas industriais de um ou outro estado – oriundos dos pequenos negócios – sugere que a contraposição capital comercial e pequenos artesanatos, se é capaz de elucidar mecanismos da formação dos capitais industriais em determinadas situações, não se mostra suficiente, pois, para elucidar toda a problemática da gênese das iniciativas industriais no Sul do Brasil. A comparação mais proveitosa deve ser estabelecida entre as diferentes formações sócio-espaciais assentes na história da região. (SILVA, 2006, p. 10-11)

Silva (2006), ao tratar do processo de industrialização no final do século XIX e início do século XX, afirma que

(...) se nenhuma indústria complexa como a de equipamentos elétricos ainda não está presente, posto que sequer o fornecimento de energia elétrica estava garantido neste primeiro momento, ramos que lhe são fornecedores diretos já podem, pois, ser encontrados (as fundições e o trabalho em metais).¹¹ (SILVA, 2006, p. 21)

¹¹ “Por sinal, se elas tendem a se concentrar em alguns núcleos, certamente isso se deve a condições especiais, como a proximidade de portos e a necessidade de construção e reparo de embarcações (Joinville, Porto Alegre), ou ainda *linkages* para trás proporcionados por algum produto de exportação, como as necessidades de concerto de peças para os fornos dos engenhos que beneficiavam a erva-mate, bem como as rodas das carroças, as ferraduras dos cavalos e as próprias cintas das barricas de acondicionamento, todas envolvidas na economia do mate de Joinville, e que contavam com o trabalho artesanal dos diversos ferreiros.”(SILVA, 2006, p. 21)

Assim, pode-se perceber, que a indústria não surge, no caso catarinense, simplesmente pela atuação do capital comercial, mas sim pela junção de vários fatores que por bem ou por mal, determinaram o desenvolvimento de um setor da economia catarinense, levando, assim, o desenvolvimento por todos os setores econômicos.

Quanto à evolução da economia estadual, Silva (2006), assim como Goularti Filho (2002), divide a história econômica catarinense em três principais etapas.

O processo de industrialização da Região Sul do Brasil e, por extensão, das áreas surgidas da pequena produção mercantil seguiu de modo geral três fases distintas. A primeira delas, correspondente ao período que vai do último quartel do século XIX a I Guerra Mundial, se caracterizou pela gênese industrial propriamente, a formação de economias externas de aglomeração ligadas às infra-estruturas, e as precoces economias internas de escalas, formadas (ao final do período) por firmas que se habilitavam a concorrer no mercado nacional. A segunda fase, dizendo respeito ao período entre Guerras, marca a expansão da indústria leve e os primeiros passos da indústria metal-mecânica. A terceira, concernente ao pós II Grande Guerra, é consoante com a abertura das economias regionais, o crescimento industrial do tipo bola de neve, e a efetiva emergência de políticas públicas voltadas para o apoio ao capital industrial. (SILVA, 2006, p. 57)

Entretanto, a periodização proposta de Silva (2006), leva em consideração, além das questões estaduais, questões nacionais e mundiais, uma vez que o estado catarinense não se encontra isolado do processo de evolução do capitalismo mundial. Desta forma, para cada momento da história mundial, o Estado assume um importante papel de fabricante de produtos de caráter essencial tanto em nível estadual, quanto em nível regional, nacional e mundial.

Segundo Silva (2006), no estado de Santa Catarina, no período entre guerras, foi o momento em que a indústria assumiu papel de maior importância dentro de cada uma das economias regionais. Além disso, para o autor, a exemplo do que ocorre no período que precede a Primeira Guerra Mundial, o maior crescimento e desenvolvimento do

setor industrial se dava nas regiões de colonização europeia, como nas cidades de Joinville, Blumenau e Brusque, bem como no seu entorno próximo. “A década de 1930 e os anos que se seguem com a Segunda Grande Guerra configuram certamente um momento inusitado para a indústria nacional no que se refere às possibilidade de substituição de importações.”¹² (SILVA, 2006, p. 31)

No período entre 1939 e 1965, principalmente no que concerne aos segmentos alimentar e têxtil, os mesmos obtiveram uma queda na participação total da produção industrial do estado. Esta queda é representada pela porcentagem de

(...) 36,9% para 27,8% e de 22,1% para 19,5%,
indústrias ligadas ao complexo da indústria
metalúrgica, que passa de 3,5% para 5,7%, da

¹² “Também a Kohlbach surgiu como uma oficina de consertos gerais durante a Segunda Guerra Mundial e a partir de estímulos oriundos das melhorias empreendidas na agricultura, já que entre os primeiros negócios de H. R. Kohlbach se achavam ‘as encomendas de colonos para fazer instalações elétricas em moinhos de arroz’. A este tipo de serviço será acrescentada a fabricação artesanal de dínamos para caminhões, aproveitando a localização algo privilegiada de Jaraguá do Sul para este negócio, já que a cidade servia de ‘conexão entre o sistema rodoviário de Santa Catarina e a Estrada de Ferro Paraná-Santa Catarina’.

Mas essa posição logo foi perdida com a construção da estrada Itajaí-Joinville o que deve ter servido para estimular a expansão do negócio de montagem de rádios novos a partir de modelos usados (marcas Semp e Teleunião) que H. R. Kohlbach iniciaram junto à fabricação de dínamos. Com vendas que se propagam por importantes centros locais de vida regional como Jaraguá do Sul e Guaramirim, os negócios da família Kohlbach darão lugar, ainda, numa experiência muito próxima da observada para o caso da Fockink, a uma loja de materiais elétricos, vendendo artigos como lustres e baterias.

Por certo não deve ser entendido como mera coincidência o fato de que todas estas iniciativas tenham realizado investimentos decisivos por volta de meados dos anos 1950 – como a construção ampliada das próprias instalações feita pela Schneider em 1954, a construção de uma fábrica de geradores de corrente alternada pela Kohlbach em 1955 (momento aliás em que vigoravam incentivos fiscais para a instalação de indústrias em Jaraguá do Sul, por iniciativa de políticos udenistas). Trata-se de uma conjuntura em que a economia nacional está muito mais integrada, não só institucionalmente, através da queda dos impostos interestaduais (a partir de 1943), mas também fisicamente, por meio dos grandes eixos rodoviários, o que exige de indústrias de alcance eminentemente regional alguma resposta.”(SILVA, 2006, p. 36)

indústria mecânica, de 0,9% para 1,9% e da indústria do material elétrico e comunicações, que alcança no ano de 1965 3,3%, ultrapassando amplamente um ramo já estabelecido desde os anos 1920 como o do material de transporte, que no período em causa passa apenas de 0,6% para 0,8%.¹³ (SILVA, 2006, p. 37)

Para o autor fica evidente o papel do ambiente favorável à diversificação da produção para o fortalecimento da economia local. “Claro está que as regiões marcadas por uma forte democracia econômica em sua formação histórica facilmente desenvolvem uma cultura empresarial favorável aos empreendimentos imitativos de um sucesso anterior.” (SILVA, 2006, p. 40) Como o caso do desenvolvimento da indústria têxtil em Blumenau, da metal-mecânica em Joinville, da moveleira em São Bento do Sul e da de equipamentos elétricos em Jaraguá do Sul. Para o autor, este fenômeno pode ser conhecido como bola de neve, que tem, também, relação com os investimentos em infraestrutura que são realizados nas regiões mais amplamente desenvolvidas.

O fenômeno bola de neve tem, também, em parte, relações com a abertura das economias regionais que o boom de construções rodoviárias, proporcionado pelo novo regime de concessões, e o fim dos impostos interestaduais, fizeram, pois, valer. Se notarmos que firmas de alcance eminentemente regional não poderiam contar,

¹³ “Assim é que, aproveitando o conhecimento do mercado de motores elétricos, que no período 1958-62 multiplicou-se por 2,5 vezes, surge em Jaraguá do Sul-SC, a então pequena Eletromotores Jaraguá (posteriormente denominada Weg) – em cujas origens encontramos duas pequenas oficinas que se expandiram realizando bobinagens e fabricando e instalando equipamentos como geradores para a economia regional (caso da oficina de Werner Voigt, instalada em Jaraguá do Sul desde 1953), ou mesmo produzindo peças e equipamentos sob encomenda para empresas industriais da região (caso da oficina da família Werninghaus, fundada em Joinville no imediato pós-Segunda Guerra Mundial). Do mesmo modo é que a Kohlbach, nos idos de 1959-60, então já com 30 empregados, acrescenta à sua linha de geradores, pequenos motores elétricos de ¼, 1/3 e ½. (...) Na mesma época vê-se surgir em Blumenau-SC a Encemic-Engenharia Civil e Eletro-mecânica, Indústria e Comércio Ltda., ‘fabricando transformadores de pequena capacidade a partir de *know how* desenvolvido pelo próprio engenheiro proprietário’.” (SILVA, 2006, p. 39)

doravante, com uma estrutura de oferta marcada por escalas insatisfatórias de produção e outros processos menos eficientes, é fácil perceber o quanto, por exemplo, a presença de fornecedores próximos – funcionando como elos de uma produção integrada que, se não estão no interior das firmas, se fazem presentes, pelo menos, o espaço regional – permitiu o impulso inicial de muitas firmas cujos recursos eram ainda insuficientes para responder às técnicas de produção das regiões centrais – agora ainda mais eficientes, dada a então recente e maciça entrada do capital estrangeiro. (SILVA, 2006, p. 40-41)¹⁴

Além disso, o autor cita as condicionantes regionais para o desenvolvimento industrial, como a disponibilidade de infraestrutura elétrica em meio à uma crise energética, em 1950, no caso de Blumenau, com a aplicação dos excedentes de Capital em ramos até então não explorados na região; ou no caso do excedente de Capital das carboníferas do sul do estado, que pela existência de matéria prima de qualidade decidiram investir na indústria cerâmica. Porém, afirma, também, que tais investimentos não podem nos fazer tomar como verdadeiro e exclusivo um caráter unicamente defensivo, como os casos analisados pelo autor podem levar a crer. Isto pois,

(...) as várias apostas em ramos dinâmicos sugerem que as expectativas então correntes não se encontravam em estratégias imediatas (...). No caso das iniciativas voltadas à integração interestadual no tecido econômico regional, deve bastar o exemplo de que muitas firmas têxteis, dinamicamente inseridas no mercado nacional, favoreceram o aparecimento de fábricas locais de equipamentos para suas fábricas. (SILVA, 2006, p. 41-42)

Para Silva (2006), no final da década de 1950, as iniciativas de desenvolvimento das indústrias, incluindo as imitativas, as de integração ou de multiplicação financeira, obtiveram muitos benefícios para se ocorrer, principalmente devido a atuação do poder público estadual. Entretanto, não se pode pensar em uma nova fase na história econômica

¹⁴ Para Silva (2006) os casos de produção de motores elétricos em Santa Catarina, se refere à esta característica.

catarinense pela ação do estado, a partir deste momento, isto pois a dinâmica do crescimento já estava posta na realidade estadual, sendo que as políticas públicas de uma forma ou de outra iriam acabar sendo incluídas no decorrer do processo econômico.

No final dos anos de 1950, segundo Silva (2006), no estado de Santa Catarina “(...) as políticas públicas do período igualmente concentram-se em polos já dinâmicos (...)” (SILVA, 2006, p.43) Desta forma,

Se a ênfase na determinação econômica da ação estatal permite pôr em questão as esperanças voluntaristas da política econômica, permite também, nota-se, superar as versões estagnacionistas do mesmo voluntarismo e ainda aquelas de orientação neo-smithianas. (SILVA, 2006, p. 43)

Segundo Silva (2006), no caso de Santa Catarina, os investimentos estatais com objetivos desenvolvimentistas iniciaram na década de 1950 com foco restrito no campo da infraestrutura – principalmente em estradas de rodagem e transmissão de energia elétrica –, sendo que o pagamento dos custos destes investimentos era realizado através de recursos locais provenientes dos impostos sobre vendas e consignações, por exemplo. Somente na década seguinte ocorreu o incentivo financeiro como subsídio para o Capital, através de ações de um fundo estadual com recursos provenientes do orçamento do Estado, sendo que a atuação deste fundo foi fortalecida na segunda metade da década em questão, quando do incremento das ações, através de incentivos fiscais.

Na década seguinte, mais precisamente em 1975, após um impedimento federal em incentivar fiscalmente as empresas com base no imposto sobre a circulação de mercadorias – forma como o governo de Santa Catarina vinha agindo, o Estado substituiu a base do incentivo, passando de um Fundo Estadual para um Programa para a Capitalização de Empresas. Desta forma, criou uma autarquia estadual, cujas ações estavam voltadas à participação em forma de capital de investimento nas empresas instaladas no estado.¹⁵

¹⁵ “Esta política de incentivos (...) também se articulava com os repasses realizados pelo BRDE, e ainda pelo BADESC (Banco de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina), criado em 1975. Também aqui vigoraram as operações casadas, do tipo triangular, em que os recursos do governo federal,

Para Silva (2006, p. 51),

(...) no caso de Santa Catarina o conjunto de incentivos à disposição das indústrias ajuda a explicar a transformação da estrutura produtiva do estado – sempre consoante com a moderna indústria brasileira. Com efeito, ramos tradicionais da economia estadual, como a madeira e mesmo a indústria têxtil, perderam nitidamente no valor da transformação estadual (...), ao passo que se expandiram indústrias dinâmicas como a mecânica (...) e do material elétrico (...).

Para o autor, o que definiu a grande industrialização e o investimento em áreas mais dinâmicas do setor secundário, foi a utilização da capacidade ociosa, que estava acumulada inicialmente, associada a utilização de investimentos provenientes de subsídios governamentais.

A origem dos capitais industriais, mesmo que ligada a diferentes estratos da estrutura sócio-econômica regional, deve ser entendida a partir das especificidades da formação social de tipo pequena produção mercantil que se desenvolveu no Sul do Brasil a partir da terceira década do século XIX. Esta formação de tipo clássica se contrapõe a uma origem latifundiária que, na mesma Região Sul, resultou em estruturas industriais de escassa aglomeração e complexidade. (SILVA, 2006, p. 57)

Assim, há um complexo arranjo de fatores que ditam a dinâmica do processo de industrialização não somente do estado de Santa Catarina, em questão, mas também de toda a região Sul do Brasil.

Segundo Silva (2006), as empresas com maior complexidade no ramo industrial, a partir da diversificação do setor embrionário ao setor existente na região, surgiram na segunda fase de industrialização do Sul do Brasil, enquanto a consolidação dos setores mais pesados da indústria de base nacional ocorreu na terceira fase do processo de industrialização

captados pelas firmas junto ao BRDE, o BADESC ou diretamente junto ao BNDES, eram subsidiados pelo governo estadual através da liberação do capital de giro dos novos empreendimentos.” (SILVA, 2006, p.51)

descrito pelo mesmo autor, sempre baseados no processo de investimento estatal para a diversificação do setor. Porém,

A presença de um aparato de fomento industrial não pode significar que a consolidação em bases complexas do processo de industrialização regional tenha sido feita a partir de uma ação demiúrgica dos poderes públicos. Estes antes devem ser entendidos como o resultado ao patamar de acumulação alcançado por muitas firmas no bojo do movimento de industrialização do tipo bola de neve que se abre no período pós II Grande Guerra – em cuja uma das características vemos um importante processo de multiplicação financeira. (SILVA, 2006, p. 58)

Desta forma, como já anteriormente destacado, o processo de evolução econômica estadual e, conseqüentemente, de industrialização, não pode ser visto de apenas um aspecto, sendo que deve-se analisar as condicionantes, não somente estaduais, de uma forma dialética para que se obtenha uma compreensão integral do processo.

3.3. O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO VALE DO RIO ITAPOCU E A FORMAÇÃO DA MÃO DE OBRA LOCAL

Na região do Vale do Itapocu, no Norte Catarinense – principalmente nos municípios de Guarimirim e Jaraguá do Sul –, diferentemente do processo geral de acumulação capitalista do estado de Santa Catarina, ocorreu intenso processo de industrialização durante o século XX, de forma concomitante com a industrialização brasileira¹⁶ e

¹⁶ No Brasil, “(...) a industrialização deu origem a um vigoroso modo de produção capitalista no interior da economia agroexportadora com forte setor natural, que desde a década de 20 gerava seus próprios ciclos médios, com fase expansiva seguida de fase recessiva. Tais ciclos levavam à expansão industrial dos investimentos, que se tornam ociosos nos momentos de insuficiência do consumo. A capacidade ociosa recém instalada constituía poupança potencial, que podia dispensar a poupança externa para a retomada do desenvolvimento econômico no ciclo seguinte. O capitalismo brasileiro estava em condições de se expandir internamente mesmo quando eram desfavoráveis as relações externas, como ficou evidente na década de 30.” (MAMIGONIAN, 2000, p. 17-18)

Além disso, ainda segundo Mamigonian (2000), a industrialização brasileira

de fortalecimento do capitalismo nacional. Este gerou um complexo parque industrial, contendo diversos ramos de produção, com destaque para a indústria eletro metal mecânica – WEG –, têxtil – Marisol¹⁷, Malwee, Elian e Lunender – e alimentícia – Duas Rodas.

Na região de estudo, segundo a periodização de Goularti Filho (2002), a industrialização se intensificou em meados da década de 1960, quando da sua terceira fase de evolução econômica estadual, que corresponde à integração e consolidação do capital industrial. Não quer dizer, entretanto, que não havia iniciativas industriais esparsas na região, o que ocorre é que estas iniciativas não representavam um setor industrial forte, consolidado e diversificado. Foi em momentos ligeiramente anteriores à esta época, mais precisamente na década de 1940, que

(...) a indústria catarinense começou a ampliar e a diversificar a sua base produtiva com o surgimento de setores dinâmicos. A infra-estrutura social básica e os arranjos institucionais não estavam preparados para tal processo de diversificação, obrigando o Estado a intervir na economia para facilitar o processo de acumulação. O padrão de crescimento alterou-se a partir de 1962, com o novo sistema de crédito, com os investimentos em energia e transporte e com a consolidação do setor eletro-metal-mecânico, liderado pelas médias e grandes indústrias. Mesmo nos setores tradicionais, várias firmas se consolidaram, incorporaram outras marcas, tornando-se líderes nacionais.¹⁸ (GOULARTI

analísada através dos ciclos econômicos possibilita entender o desenvolvimento capitalista brasileiro em épocas de crise no sistema capitalista mundial, como é o caso da década de 1930.

¹⁷ “A Marisol foi fundada em 1964 por Pedro Donini, irmão de Vicente, e mais dois sócios. Até 1968 fabricavam chapéus de praia, por isso o nome Marisol. Em 1968, comprou uma confecção. Nos anos de 1970 avançou na malharia, na década de 1980 começou a se destacar no país; nos anos 1990 passou a atuar em nichos de mercado, lançou a Lilica, Tigor e comprou a Maju. Nos anos de 2000 entrou no varejo. Na década atual sofisticou os negócios para ser mais competitiva.” (BENETTI, 2014)

¹⁸ “Internamente, o movimento geral da indústria catarinense passou a ser conduzido por grandes e médias empresas nos setores de alimentos (Sadia,

FILHO, 2002, p. 989)

Estes empreendimentos surgiram a partir de uma classe específica de empresários, que Silva (1999), ao tratar do setor de equipamentos elétricos no nordeste de Santa Catarina, os caracteriza conforme a origem.

(...) de capitalistas oriundos de baixo (das fileiras dos produtores diretos) com grandes possibilidades de ascensão do interior de uma economia pujante. Eles não raro herdaram habilidades profissionais da família, que posteriormente aperfeiçoadas no trabalho como operários para diversas indústrias regionais, permitiram o estabelecimento pequenas oficinas que as economias de aglomeração local fizeram crescer. (SILVA, 1999, p. 107)¹⁹

O mesmo pode ser entendido para o caso da indústria têxtil da região do Vale do Itapocu, apesar do autor afirmar que esta caracterização não signifique

(...) que estejamos diante de um sistema equânime de pequenas e médias empresas como costumam assinalar as míticas abordagens do tipo *small is beautiful*. O que existe, sim, é a projeção sobre o

Perdigão, Chapecó, Coopercentral, Seara e Duas Rodas), eletro-metal-mecânico (Tupy, Cônsul, Embraco, WEG, Kohibach, Busscar e Duque), cerâmico (Eliane, Cecrisa, Icisa, Portobello e Cesaca), têxtil-vestuário (Hering, Artex, Karsten, Teka, Sulfabril, Maiwee, Renaux, Buettner, Cremer, Marisol, Maiwee e Dôhier), papel e celulose (Klabin, Igaras, Irani, Trombini e Rigesa), madeireiro (Sincol, Adami, Battistella e Fuck), carbonífero (CBCA, CCU, Metropolitana, Criciúma, Catarinense e Próspera), moveleiro (Cimo, Artefama, Rudnick e Leopoldo), plástico (Hansen — Tigre e Cipla —, Canguru e Akros) e porcelanas e cristais (Oxford, Schimitz, Ceramarte, Blumenau e Hering).” (GOULARTI FILHO, 2002, p. 989)

¹⁹ “Estão neste caso os exemplos de Werner Voigt, Geraldo Werninghaus (grupo Weg-Jaraguá do Sul) e Heinz R. Kohlbach (Kohlbach Motores-Jaraguá do Sul), mas de alguma forma se pode dizer o mesmo para o caso de Eggon J. da Silva (Weg), filho de um professor que teve um rico aprendizado como empregado de serviços administrativos (o exemplo dos quadros de escritório) na economia urbana local (trabalhou no cartório e agência bancária) até ingressar como sócio-gerente da pequena firma de escapamentos de João Wiest.” (SILVA, 1999, p.107)

presente de uma estrutura artesanal-familiar que convive com importantes movimentos de concentração e centralização de capital responsáveis pela formação de grandes grupos econômicos que atuam, mesmo, a partir da lógica da economia de escala; processo aliás que se faz imbricado a uma ativa participação do Estado central (...), denotando, pois, um prolongamento sobre as áreas de pequena produção (...), das características do desenvolvimento tardio e prussiano do capitalismo brasileiro. (SILVA, 1999, p. 108-109)

Ainda sobre a origem deste capital e sobre a “homogeneidade genética” que se apresenta nesta região industrial, este processo de expansão da pequena produção mercantil caracteriza uma formação sócio espacial peculiar, que

(...) lembra aquela acumulação de capital realizada no interior do pequeno modo de produção (...) permite que se caracterize conceitualmente todo o conjunto regional como uma formação sócio-espacial peculiar – o que é tanto mais verdadeiro quanto mais essas características de origem se mostrem, pois, revelando uma forte dinâmica evolutiva histórico-dialética, projetadas no desenvolvimento presente de diversas esferas (econômica, social, política, cultural e outras) da vida regional. (SILVA, 2004, p.69)

Porém, apesar do dinamismo que apresenta a região, para Silva (2004), devido à inserção do local em um contexto geral de formação periférica, gerou limites para o sistema de inovação local, fato que marcou a formação econômica e social regional.

Com efeito, diferentemente do capitalismo avançado, a industrialização brasileira, ainda que bem-sucedida quanto ao enfrentamento das deficiências estruturais do subdesenvolvimento, ficou a meio caminho quanto a inovação tecnológica – o que leva a classificar o sistema brasileiro, nele incluído o sistema da formação regional que temos por apreço, como um sistema de inovações incompleto. (SILVA, 2004, p. 71)

Desta forma, segundo o autor, o processo de absorção de tecnologias de fora do país pelas empresas nacionais durante o processo de crescimento das unidades industriais, a saber, durante o período de substituição de importações, não acompanhou um processo de internalização e adaptação da tecnologia à realidade nacional, limitando, assim, o processo de inovação tanto em processo quanto em produto, para mudanças tênues. (SILVA, 2004)

No caso da indústria do ramo têxtil e de confecções, principalmente na zona definida por Mamigonian (1965) como de colonização alemã de Santa Catarina, na qual parte do Vale do Itapocu está incluída, tratou-se de um processo diferente do que os demais setores industriais, pois ocorreu na forma de emprego dos excedentes resultantes da pequena produção mercantil para uma nova atividade produtiva. De uma forma mais geral em toda a área de colonização alemã, as empresas resultantes de tais investimentos, conseguiram alcançar, antes até da I Guerra Mundial, o mercado nacional, sendo que a partir do segundo conflito mundial, abriu-se espaço para a especialização da produção destas unidades fabris. (SILVA, 2004)

Em Jaraguá do Sul, a forte diversificação em três segmentos consolidados na área de eletro-metal-mecânico, alimentos e vestuário, liderados por grandes empresas, garantiu a expansão da renda não apenas no município, mas em toda a região. Portanto, o que se assistiu no norte do Estado, centrado nas cidades de Joinville e Jaraguá do Sul, foram a retração de algumas empresas e a expansão de outras. No geral, pode-se dizer que, além da manutenção feita do parque industrial eletro-metal-mecânico, a região teve avanços via exportação. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 998)

Consequentemente, a partir da atuação destas classes empresariais, outros setores da economia também acabaram se desenvolvendo, principalmente os do setor terciário. Todos os ramos industriais, ou de serviços, necessitavam de grande quantidade de mão de obra, não disponível na região. Para sanar tal necessidade ocorreu grande incentivo à migração de trabalhadores de outros municípios de Santa Catarina e de outros estados brasileiros, principalmente Paraná e Rio Grande do Sul.

Em Jaraguá do Sul, antes da rápida expansão das indústrias de alimento, eletro-metal-mecânico e têxtil-vestuário ocorridas pós 1970, a mão-de-obra

recrutada para trabalhar na indústria local era a dos colonos da região do Vale do Itapocu. Com o rápido crescimento da WEG, da Kohlbach, da Marisol, da Malwee e da Duas Rodas, a cidade transformou-se em num centro atrativo de mão-de-obra, vindo principalmente do Paraná. (GOULARTI FILHO, 2007, p. 123)

Estes migrantes, segundo entrevistas, obtinham conhecimento da grande oferta de emprego através de propagandas realizadas pelas indústrias, nas cidades do interior, realizada por funcionários já contratados por estas indústrias, principalmente as do setor metal mecânico, que na oportunidade também efetuavam o recrutamento de novos trabalhadores para a região. Estes eram trazidos, empregados e instalados nas periferias dos municípios do Vale do Itapocu e posteriormente traziam, também, suas famílias, para que pudessem “iniciar uma nova vida”. Muitas vezes vendiam todos os seus bens em suas cidades de origem para poder mudar para a próspera região e empregar seus entes nas indústrias locais.

Ocorre que a mão de obra atuante na região em questão, nada mais é do que o reflexo da realidade vivida pelos operários no estado de Santa Catarina e no país. Desta forma, “o que se observa na formação da classe operária em Santa Catarina é uma trajetória de exclusão, de preconceito e de submissão.” (GOULARTI FILHO, 2007, p. 123) Sendo que a exploração da mão de obra dos que se instalaram em Santa Catarina, em busca de uma melhor qualidade de vida, foi a solução para o problema da falta de lucro das empresas, deste modo, corroborando para a instalação, evolução e manutenção do sistema capitalista no estado.

Os trabalhadores da indústria têxtil e mecânica agüentaram, e ainda agüentam, longas jornadas de trabalho, repressão sindical e baixa remuneração. O ritmo acelerado da indústria têxtil, as doenças causadas pela postura das mulheres em frente à máquina de costura e o constante risco de queimadura a que ficam expostos os trabalhadores de uma fundição, são alguns dos exemplos de que a exploração de um trabalhador numa fábrica não difere em muito daquele que está embaixo da mina ou embrenhado na mata. Sem contar o trabalho infantil das meninas que teciam malha e escolhiam carvão e dos meninos que colhiam erva

e que cortavam madeira. Os benefícios ficaram para poucos, que até hoje deles desfrutam. (...) Esta é um pouco da história do trabalhador e da trabalhadora brasileira: explorados, reprimidos e mal remunerados. (GOULARTI FILHO, 2007, p. 123-124)

Assim, os integrantes da classe operária da região, que devido aos ciclos de desenvolvimento e de retração da economia capitalista, passam por momentos empregados formalmente, como mão de obra relativamente barata para a indústria, ora passam por momentos de desemprego, necessitando buscar alternativas para a sua subsistência. Essa alternativa, na região, muitas vezes, é a prestação de serviços terceirizados, por vezes de modo informal, para as indústrias têxteis, mas principalmente para os setores de confecção da região, prestadores de serviços para este ramo industrial.

Desta forma, a formação sócio espacial peculiar que aparece na região explica a conjuntura econômica e social que a região possui. Esta conjuntura deve ser observada ao se analisar quaisquer processos que nela se apresentam. Sendo assim, a gênese industrial favoreceu a acumulação de capital por parte de alguns industriais, que por sua vez, agem conforme as leis gerais do sistema capitalista. Estas leis gerais determinam a exploração acirrada da mão de obra da classe proletária para a geração de mais valia. Durante os momentos de ascensão do sistema capitalista a exploração da obra se mantém para a manutenção do crescimento econômico da grande empresa. Durante os períodos de crise a exploração direta pode até demonstrar diminuição, conseqüente da demissão de trabalhadores assalariados, porém a exploração passa a ocorrer perante uma nova forma, a partir da prestação de serviços. Nesta nova forma, acentua-se a exploração em sua essência, porém, com aparência de iniciativa empreendedora.

4. O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA DO VALE DO RIO ITAPOCU

Na década de 1980 a economia catarinense cresceu mais que a média nacional no mesmo período, mesmo fato que ocorreu na década de 1990, quando houve uma série de reestruturações produtivas, desarticulações de setores e surgimento de novas indústrias no estado. No caso da indústria têxtil, o Goularti Filho (2007) destaca a sua desverticalização²⁰, além da atuação mais intensa do capitalismo financeiro, porém sem a mudança na composição do capital e na composição dos acionistas.

No caso brasileiro, a década de 1990 foi “(...) marcada por profundas mudanças institucionais na economia nacional, provocou também a adoção de um forte processo de reestruturação industrial por parte de diversas firmas brasileiras (ou instaladas em território nacional).” (SILVA, 2004, p. 74-75).

No que concerne à década seguinte, nos anos 2000, o autor afirma que o crescimento da economia catarinense ficou abaixo do nacional, prejudicando vários setores industriais, mas uma grande ampliação da infra-estrutura social básica. O setor têxtil, neste período, juntamente com os setores madeireiro e de material de transporte, figurou entre um dos mais prejudicados e ao mesmo tempo, aponta para a integração com mercados estrangeiros, até então distantes, seja por questões políticas ou econômicas, como os países do Leste Europeu. (GOULARTI FILHO, 2007)

²⁰ A indústria, a partir de sua estruturação, passou por uma série de mudanças organizacionais. No caso das indústrias de bens de consumo, de uma forma geral, iniciaram com a elaboração dos produtos a partir de matérias primas provenientes de outros setores industriais e de um modelo elaborado fora do domínio da indústria; após o produto pronto era encaminhado a venda em locais igualmente não ligados à produção. Com o passar do tempo foi-se percebendo a necessidade do comando de todas as fases da elaboração dos produtos, o beneficiamento de suas matérias primas, a produção propriamente dita e o encaminhamento para o mercado consumidor através de um setor de vendas próprio. A este processo deu-se o nome de verticalização industrial. A desverticalização consiste, então, na inexistência deste processo de geração da mercadoria, de forma completa, dentro de um grupo industrial.

Este processo de integração com mercados estrangeiros, bem como o de desverticalização e de reestruturação, que ocorreram em praticamente todos os ramos do setor industrial, estão intimamente ligados com os ciclos econômicos estudados por Kondratieff. Esta fase é classificada como uma fase do já iniciado processo de “mundialização do capital” – chamada por muitos, genericamente, de globalização²¹ – que ocorre a partir da década de 1980 “(...) decerto muito diferente do período ‘fordista’, mas também do período inicial da época imperialista, um século atrás.”(CHESNAIS, 1996, p.14)

Entretanto, a característica da concorrência mundializada afeta negativamente as empresas estritamente nacionais e as pequenas e médias empresas, pois ela ocorre principalmente devido à liberalização do intercâmbio dentro do contexto dos blocos econômicos. Para elas, a concorrência mundializada é considerada, muitas vezes, como uma ameaça, representada pela “(...) expressão das leis coercitivas da produção capitalista, às quais a liberalização e a desregulamentação devolveram agora toda a sua potência devastadora.” (CHESNAIS, 1996, p. 115)

No caso dos grandes grupos, a mundialização não aparece como um risco, pois eles se beneficiam de seu tamanho e poderio de forma a encararem a mundialização sob uma ótica diferenciada. Isto porque estes grupos conhecem os seus concorrentes e os mercados que eles dominam. Antes da abertura econômica, estes mercados eram extremamente fechados à novas companhias. Entretanto, a mundialização do capital, para eles significa a

(...) abertura dos oligopólios nacionais e de rivalidade intensa, mas também significa

²¹ “A expressão ‘mundialização do capital’ é a que corresponde mais exatamente à substância do termo inglês ‘globalização’, que traduz a capacidade estratégica de todo grande grupo oligopolista, voltado para a produção manufatureira ou para as principais atividades de serviços, de adotar, por conta própria, um enfoque e conduta ‘globais’. O mesmo vale, na esfera financeira, para as chamadas operações de arbitragem. A integração internacional dos mercados financeiros resulta, sim, da liberalização e desregulamentação que levaram à abertura dos mercados nacionais e partiram sua interligação em tempo real. Mas baseia-se, sobretudo, em operações de arbitragem feitas pelos mais importantes e mais internacionalizados gestonários de carteiras de ativos, cujo resultado decide a integração ou exclusão em relação às ‘benesses das finanças de mercado’.”(CHESNAIS, 1996, p. 17)

recuperar a liberdade de ação, em particular a de poder organizar a produção, integrando as vantagens proporcionadas por diferentes aparatos produtivos ou sistemas nacionais de inovação, e explorando os diferenciais no custo da mão-de-obra. (CHESNAIS, 1996, p.116)

Desta forma, ao mesmo tempo que os grandes grupos empresariais se beneficiam da mundialização do capital, as pequenas e médias companhias, assim como as de abrangência nacional, se movimentam em direção a uma reestruturação produtiva e financeira. Tal reestruturação irá gerar novos processos de relações sociais e políticas em cada local de atuação.

Este processo de reestruturação financeira do setor industrial – que após a década de 1980 já podem ser entendidas como grupos empresariais – deve ser visto e analisado sob a ótica da valorização do capital industrial que estará, cada vez mais, difuso e alinhado em seus interesses (CHESNAIS, 1996).

A atividade dos grupos predominantes industriais na internacionalização financeira não-bancária responde, igualmente, à preocupação de reduzir o risco de sofrer punições sensíveis nos fluxos de valor. Aqui, as companhias predominantemente industriais procuram proteger-se ou dispor de mercados cativos. (CHESNAIS, 1996, p. 192)

Neste mesmo período ocorreu a intensificação dos processos de inserção de produtos estrangeiros no mercado interno, então, o setor têxtil necessitou passar por uma grande reestruturação. Ocorre uma busca incessante, por parte da classe burguesa, não somente local, mas também mundial, pelo aumento da produtividade.

Tal aumento, baseia-se no recurso combinado às modalidades clássicas de apropriação da mais-valia, tanto absoluta como relativa, utilizadas sem nenhuma preocupação com as consequências sobre o nível de emprego, ou seja, o aumento brutal do desemprego, ou com os mecanismos viciosos da conjuntura ditada pelas altas taxas de juros.(CHESNAIS, 1996, p.16-17) Como consequência direta de tal reestruturação pode-se destacar a ampliação do exército de reserva²²,

²² Este exército de reserva é formado, no caso da Região em questão, por trabalhadores sem qualificação, normalmente do sexo feminino e com dependentes.

que pode ser entendida como uma forma de enxugar as contas das indústrias que buscam a diminuição extrema de sua mão de obra contratada diretamente, excluindo de seu chão de fábrica setores essenciais à atividade têxtil. Consequência esta percebida e acentuada nos dias de hoje através da organização da produção têxtil, com influência direta da moda, levando em consideração o marketing e a distribuição e logística.

Esta reestruturação pode ser percebida seja pelas terceirizações, pela transferência de unidades fabris para outros estados, pela diversificação nos investimentos das empresas, pela compra de material pronto de outros países e pelas fusões e aquisições de unidades fabris. Para Chesnais (1996), a valorização de um grupo industrial e o consequente aumento de seu capital baseia-se

(...) em primeiro lugar, na organização e no acionamento da força de trabalho assalariada na produção (tanto de mercadorias como de serviços). Em segundo lugar, abrange operações, hoje cada vez mais numerosas, efetuadas nos mercados financeiros (...). Há ainda outras formas de valorização, que tem origem na apropriação de receitas, fora de qualquer intervenção na produção. (CHESNAIS, 1996, p. 81)²³

²³ Chevalier (1977) apud Chesnais (1996) definiu a “valorização improdutiva do capital” como sendo o processo de aumento de capital sem a obrigatoriedade de produção. A partir desta definição relacionou quatro formas desta apropriação de capital, a saber: a) o lucro especulativo, através de imóveis, estoques e títulos; b) as vendas, baseadas muito mais no domínio do mercado do que na produção em si; c) os lucros monetários; d) a venda de algumas categorias específicas de serviço.

Para Chesnais (1996, p. 82) “A participação no capital e na gestão de uma empresa e na repartição de seus resultados financeiros, sem ‘subscrição de capital’, que é a característica fundamental das ‘novas formas’, é mais uma expressão dessa capacidade que o capital concentrado possui, de crescer alimentando-se de um componente rentista. Esse atributo não se manifesta apenas nas relações Norte-Sul. Ao longo dos anos 1975-1990, os países industrializados também assistiram a uma notável ampliação do leque de formas de apropriação e centralização, pela grande empresa, de valores produzidos, fora de suas ‘fronteiras de companhia’, por outras empresas menores, ou mais vulneráveis, a este ou aquele título. Os acordos de cooperação científica e técnica com laboratórios públicos ou universitários (...) muitas vezes

Silva (2004), ao analisar a obra de Castro (1997), também comenta como ocorre o processo de reestruturação da economia

Em geral este processo seguiu três diferentes caminhos (não necessariamente consistentes entre si), a saber: a) busca de rebaixamento de custos, através da racionalização da produção – nela incluída a dispensa de mão-de-obra via aplicação de novas técnicas organizacionais ou de automação flexível e a redução do número de atividades, tanto pela terceirização quanto pelo abandono de linhas; b) mudança (ampliação) ou realocação de capacidade; c) redefinições patrimoniais/empresariais – aí incluídas a busca de novos sócios, o estabelecimento de parcerias, as fusões, e as transferências de controle. (SILVA, 2004, p. 75)

Principalmente o que Silva (2004) cita como consequências do processo de reestruturação na busca pelo rebaixamento dos custos, pode ser facilmente percebido na região de estudo, no período atual. Analisamos este primeiro caso.

4.1. BUSCA DE REBAIXAMENTO DE CUSTOS, ATRAVÉS DA RACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Segundo Chesnais (1996), uma das consequências deste processo de mundialização do capital é o processo de diminuição da mão de obra contratada diretamente pelas indústrias tanto para a produção de chão de fábrica, quanto para os setores de pesquisa e desenvolvimento. Neste momento, portanto, o que ocorre com maior frequência e aprovação é a aplicação das terceirizações. No caso japonês, citado pelo autor, as técnicas da terceirização toyotista e do *just-in-time*

(...) haviam, desde a origem, servido aos grandes grupos, os que emitem pedidos, para fazer recair sobre as firmas ‘terceiras’ os imprevistos conjunturais e para impor aos assalariados destas firmas o peso da precariedade contratual,

comportam ingredientes deste tipo, assim como o leque de relações de terceirização industrial sobre as quais se constroem as ‘empresas-rede’.”

combinado com níveis salariais bem inferiores.
(CHESNAIS, 1996, p. 35)

Ainda segundo Chesnais (1996), este processo de diminuição de custos de produção ligados à diminuição da mão de obra empregada na produção ocorreria primeiramente nas filiais das empresas, que se encontram deslocadas do cenário mais dinâmico do capital, donde se originam as empresas. Nestes casos, a aplicação desta técnica surge como um teste nestas unidades para somente depois ser aplicada a realidade da matriz. Entretanto, no caso do setor têxtil da região estudada, o que se pode perceber é a aplicação da terceirização como uma regra também nas unidades matriz das indústrias. O processo de “enxugamento” da folha de pagamento ocorre no chão de fábrica do município que deu origem ao capital investido na abertura destas empresas. Processo este que viabiliza, para o aumento do lucro dos proprietários, a superexploração da mão de obra, causado principalmente pela exigência de prazos para entrega e pela total falta de responsabilidade social, previdenciária ou trabalhista da empresa contratante com os funcionários da empresa prestadora de serviços. Ainda, no que diz respeito ao “enxugamento” dentro das fábricas é o que ocorre com a mecanização. “Um dos aspectos centrais das inovações, como se sabe, é a redução de pessoal. Em função disso, existem setores, no interior de algumas empresas, onde um trabalhador cuida de catorze máquinas - em alguns casos até mais do que isso.” (CARDOSO, 2002, p. 114)

Desta forma, mesmo o local de análise sendo um dos lados mais dinâmicos da periferia do sistema capitalista, a regra que vale para os empresários é a mesma aplicada em todas as periferias do planeta, a saber, baixos salários aos empregados, máxima extração da mais valia e consequente ampliação do exército de reserva. Caso que se encaixa no que Chesnais (1996) descreve como “produção sem gorduras de pessoal” que ocorre principalmente nos países da Europa e da América do Norte. Para o autor, este modelo de produção

(...) *não elimina* o interesse das multinacionais por locais de produção de baixos salários, mas elas não precisam mais deslocar-se milhares de quilômetros para achar estes locais. O efeito combinado das novas tecnologias e das modificações impostas à classe operária, no tocante à intensidade do trabalho e à precariedade do emprego, foi proporcionar aos grupos

americanos e europeus a possibilidade de constituir, com a ajuda de seus Estados, zonas de baixos salários e de reduzida proteção salarial, bem perto de suas bases principais, dentro dos próprios pólos ‘triádicos’. (CHESNAIS, 1996, p. 35)

Desta forma, a ligação destes empresários com o Estado fez com que não importasse mais a dinamização ou não da economia, ou mesmo o nível de desenvolvimento capitalista do local, a redução de custos com a mão de obra é aplicada em quaisquer realidades sem a menor preocupação com os possíveis problemas sociais gerados pela exploração.

Entretanto, tercerizar, muitas vezes, não está diretamente ligado à perda de controle na produção. As empresas que optam por este modelo conseguem, através de uma série de mecanismos, controlar as suas prestadoras de serviços, mesmo que não ligadas diretamente a empresa principal. Para Leborgne (1987 apud CHESNAIS, 1996), a atuação de automação flexível, com base na microeletrônica, nos casos de “quase-integração vertical”, acarreta a

(...) uma proliferação de especializações, a um aprofundamento da divisão do trabalho. Da mesma forma, a produção flexível só vem acentuar a importância de dominar uma sucessão de séries curtas. Ora, a complexidade da integração das operações modulares aumenta mais do que proporcionalmente ao número de elos a serem integrados: daí que uma certa desintegração técnica permite um controle mais apertado dos custos e da qualidade. Então, a gestão computadorizada dos fluxos externos, isto é, entre as companhias, bem como a maior precisão de fabricação permitem às companhias principais coordenar seus tercerizados: uma rede de empresas especializadas. (CHESNAIS, 1996, p. 107 – 108)

Grandes empresas catarinenses, não exclusivamente da área estudada,

(...) estimularam seus ex-funcionários a fundarem micro e pequenas empresas para prestação de serviços à empresa mãe. Mas se a prática da terceirização é generalizada entre toda a indústria de transformação, o setor têxtil possui uma

especificidade crucial, que é o trabalho em domicílio, chamado de facção. Esta modalidade de terceirização, na qual o trabalhador, normalmente do sexo feminino, realiza uma ou mais etapas do processo produtivo, aumentou muito com a crise do emprego no setor, agravada a partir de 1994. A empresa busca reduzir custos, já que uma marca inconfundível da facção é a informalidade; a faccionista muitas vezes prefere essa forma de contratação porque, apesar da ausência de registro, ela acaba por receber um salário maior. (CARDOSO, 2002, p.115)

O controle obtido pelas empresas através da técnica e da ciência atua não somente na produção interna das grandes empresas, mas também nos processos de terceirização. Ora, quando uma empresa, ao demitir seus funcionários, os estimulam a fundarem, eles próprios, pequenas empresas para prestarem serviço à antiga contratadora há a fixação de relações de exploração subentendidas. Esta fixação decorre do fato de que há um prévio conhecimento dos padrões de qualidade e de entrega que devem ser cumpridos, além de uma relação patriarcal entre empresário e prestador de serviços. Esta última relação é a que vai de uma forma nefasta, maquiara a superexploração que os prestadores de serviços irão sofrer.

Para Chesnias (1996) o “fetichismo da mercadoria”, descrito por Marx, atinge o seu ponto mais completo a partir da manipulação da mão de obra do trabalhador e consequente transformação da mesma em mercadoria.

O trabalho humano é, mais do que nunca, uma mercadoria, a qual ainda por cima teve seu valor venal desvalorizado pelo ‘progresso técnico’ e assistiu à capacidade de negociação de seus detentores diminuir cada vez mais diante das empresas ou dos indivíduos abastados, susceptíveis de comprar o seu uso. As legislações em torno do emprego do trabalho assalariado, que haviam sido estabelecidas graças às grandes lutas sociais e às ameaças de revolução social, voaram pelos ares, e as ideologias neoliberais se impacientam de que ainda restem alguns cacos delas. (CHESNAIS, 1996, p. 42)

Para Braga (2012), no caso brasileiro, as lutas sindicais iniciaram apenas no âmbito de proteção aos empresários. Somente após

a década de 1980 é que elas começaram a tomar força política e a defender os direitos do proletariado. Entretanto, a luta sindical vem perdendo força gradativamente. Vê-se, atualmente, a aliança política dos líderes sindicais locais com a classe dominante política e economicamente. Desta forma, os direitos defendidos por estes sindicatos chamados de “pelegos” não passam do mínimo exigido por lei. Melhoria na qualidade do emprego, muitas vezes, não aparece nas pautas das assembleias sindicais, nem das classes operárias de chão de fábrica, nem dos que representam o funcionalismo público.

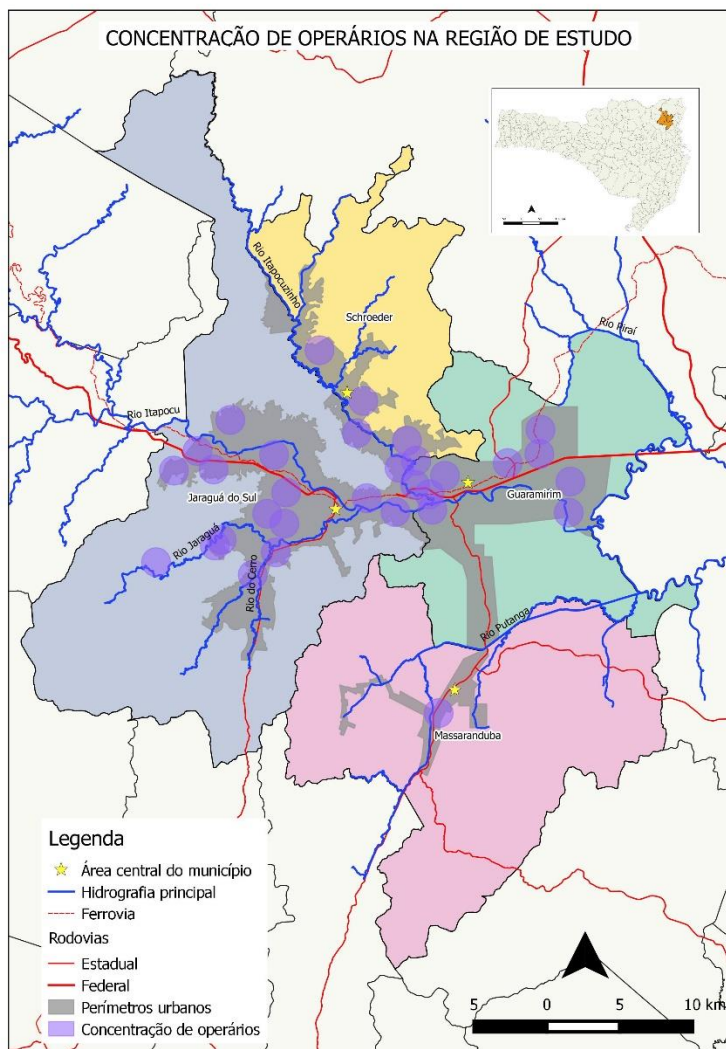
Esses trabalhadores altamente explorados, que podem ser chamados de subproletários, vivem uma precarização do seu trabalho, de sua vida e de sua moradia e acabam se deslocando para as periferias dos centros urbanos, locais desprovidos de infraestrutura e de serviços, isso porque

(...) os terrenos urbanos ou urbanizáveis escapam à municipalização ou socialização do solo (...) e são objetos de especulação desenfreada, tendo como consequência que hoje existem centenas de milhares de sem-teto, mesmo nos países mais prósperos. (CHESNAIS, 1996, p. 43)

Assim, além da segregação que ocorre devido a exploração absurda da mão de obra desta classe, ainda há a segregação espacial e de relações sociais, gerando verdadeiros guetos urbanos nas margens das cidades.

Na região de estudo, as ocupações as margens dos centros urbanos ocorrem de forma irregular, sem a previsão de instalação de infraestrutura pelos vendedores dos imóveis, muito menos pelo poder público municipal. Estas ocupações localizam-se distantes dos locais com equipamentos públicos de educação, saúde e lazer, marginalizando ainda mais esta população, isto quando ainda não estão localizadas em área rural, distantes ainda mais dos olhos do poder público. No Mapa 2 percebe-se a distância entre as ocupações formadas por trabalhadores e as áreas centrais das cidades, locais providos de infraestrutura e serviços públicos.

Mapa 2: Localização de operários na região de estudo.



Elaborado por: Suzane Venturin. Fonte: AMVALI, 2016; pesquisa de campo.

Desta forma percebe-se a estreita ligação entre a superexploração da mão de obra, sua segregação no mercado de trabalho

e a segregação espacial. Ora, se o salário obtido não é, muitas vezes, suficiente nem para a manutenção das condições básicas de vida, não há condição, também, da aquisição de imóveis nas áreas centrais das cidades, locais onde o capital imobiliário especulativo atua aumentando enormemente o valor do solo urbano. No caso das terceirizações, estas, por muitas vezes, são baseadas na informalidade e consequente invisibilidade dos trabalhadores do setor.

Uma das consequências da reestruturação produtiva no setor têxtil-vestuarista no Brasil e em Santa Catarina, com destaque para a cidade de Jaraguá do Sul, foi à terceirização da mão de obra (...) nas indústrias e a crescente abertura de facções. (COIMBRA; ORCHARD, 2014, p. 06)

Tais facções representam apenas uma parcela da terceirização, decorrente do processo de reestruturação do setor têxtil na região. Multiplicam-se, a cada dia, ateliês de prestação de serviços, sem a menor fiscalização do poder público federal, estadual ou municipal. Os trabalhadores que vivem em tal situação encontram, por muitas vezes, neste ramo de trabalho, a solução para empregar todos os familiares, desde crianças até idosos, surgindo então, grandes problemas sociais, uma vez que as crianças, por exemplo, deveriam estar frequentando o ensino básico, além da inexistência de contribuição previdenciária na maioria dos casos.²⁴ Porém, encontram também, uma forma de trabalharem perto de seus filhos, acompanhando o seu desenvolvimento e suprimindo a necessidade de coloca-los em escolas por tempo integral, escolas estas com vagas quase que inexistentes nos municípios da região.

Obviamente estas empresas do ramo têxtil não utilizam tais ateliês irregulares diretamente. Ocorre uma terceirização a empresas regulares, que transferem o trabalho a pequenas “facções”, caracterizando uma subterceirização, ou terceirização da terceirização,

²⁴ Pode-se perceber iniciativas do poder público municipal para a regularização de empreendedores individuais, muitas vezes sem ligação com as facções. Porém estas iniciativas ocorrem isoladamente em apenas um ponto da área de estudo, sendo que nos demais locais as diferenças sociais tendem somente a agravar. Além disso, com a crescente necessidade de mão de obra especializada, pipocam diariamente cursos de qualificação, oferecidos pela iniciativa privada, a fim de sanar as demandas existentes nas áreas de serviço mais especializado.

estas, por sua vez, se não conseguem atender a demanda, encaminham as encomendas para trabalhadoras em suas casas. Acontece que o valor pago aos trabalhadores na ponta já foi repartido por várias vezes, sobrando parte ínfima na base da cadeia produtiva.

Houve também a generalização do processo de terceirização, especialmente no segmento de costura e confecção, bastante intensivo em mão-de-obra, o que se relaciona diretamente com a busca, por parte das empresas, de reduzir custos. O processo ocorre em cadeia: a empresa-mãe terceiriza, reduzindo parte de seu custo, e a terceira contrata uma costureira por um valor ainda menor. (CARDOSO, 2002, p. 79)

Esta baixa remuneração é responsável pelo estímulo à informalidade e a intensificação do trabalho dentro das residências a ponto de ocorrer o emprego de mão de obra irregular.²⁵ Já a “empresa-mãe” como é chamada pela autora, atua de forma oligopolista, com a condição de contratação exclusiva das prestadoras de serviço, criando uma dependência da empresa terceirizada com somente aquela empresa que contrata seus serviços.

4.2. MUDANÇA, AMPLIAÇÃO OU RELOCALIZAÇÃO DE CAPACIDADE

No segundo caso, da transferência da produção, deve-se basear a análise, não somente na localização das empresas, mas também no custo da produção, nas relações de logística, nos benefícios entregues pelo Estado à instalação de filiais, bem como nas relações impressas na sociedade.

Neste caso, surgem dois tipos distintos de empresas, a saber: a) a moderna empresa comercial, que é caracterizada pela existência de várias unidades operacionais distintas, operadas por uma hierarquia de executivos assalariados em tempo integral, voltada à comercialização e somente a ela; b) a moderna empresa industrial, onde cada unidade possui uma estrutura completa produtiva com sua própria administração, voltada à pesquisa e desenvolvimento, à produção e à distribuição.²⁶

²⁵ A terceirização será mais explorada no capítulo 5 desta dissertação.

²⁶ Sabe-se, porém, que estes não são os modelos ideais, e que nem sempre elas aparecem nestes formatos no Brasil.

(CHANDLER, 1988). Além disso, deve-se considerar o fracionamento do processo produtivo por item, que irá compor o produto final.

As modernas empresas industriais são caracterizadas como um “(...) conjunto de unidades operacionais, cada qual com a suas instalações e seu quadro de pessoal, cuja totalidade de recursos e atividades é coordenada, monitorada e alocada por uma hierarquia de executivos de segunda e primeira linha.” (CHANDLER, 1988, p. 305) Sendo que elas se apresentam desta forma, pois atualmente “(...) as empresas manufatureiras tornaram-se multifuncionais, multirregionais e multiprodutoras.” (CHANDLER, 1988, p. 307) Estas empresas atuam criando barreiras à entrada de concorrentes no mercado em que estão consolidadas, reduzindo o seus custos operacionais e entrando em novos mercados. Porém, o seu crescimento depende da redução dos custos e do uso eficiente dos recursos, da economia em escala, com maior volume de produtos por unidade e com economia de escopo, possuindo mais de uma mercadoria por unidade, podendo utilizar, ou não, o mesmo maquinário. (CHANDLER, 1988) Tais empresas são as que aparecem na região, como indutoras do crescimento, como por exemplo Malwee, Marisol e Lunender, todas de capital local.

Nos últimos vinte anos pode-se perceber a formação de um número incontável de regiões que integram vantagens de livre circulação de mercadorias, com intensificação de desigualdades entre os países membros, sendo considerados locais muito atraentes para as empresas que estão em busca de novos ambientes para se instalarem. (CHESNAIS, 1996)

Com a introdução do sistema de produção flexível, altera-se a importância relativa dos custos salariais e da proximidade dos locais em relação ao mercado, como determinantes das opções de localização da produção. A implantação de “produção sem gorduras de pessoal” não elimina o interesse das multinacionais em produzir “fora”, a baixos salários. O que ela faz é impulsionar os grupos a procurarem mais perto de suas bases importantes, até dentro dos polos “triádicos”. (CHESNAIS, 1996, p.130)

A decisão, assim, de deslocar a produção industrial para fora da planta matriz de uma empresa, não está ligada unicamente ao custo de mão de obra, na análise do custo da produção.

Outros requisitos igualmente coercitivos as orientam para os países ou regiões onde a demanda é maior e os mercados mais promissores, e também onde seus principais rivais devem ser enfrentados num confronto direto. Com efeito, na fase de mundialização, o futuro dos membros do oligopólio depende de sua capacidade de levar a concorrência às bases da retaguarda de seus adversários, em particular, suas bases localizadas em seus países de origem. Como oligopólios nacionais, ou mesmo continentais, sua existência, a longo prazo, estará ameaçada, se eles não forem capazes de manejar a rivalidade num contexto “mundial”, ou seja, triádico. (CHESNAIS, 1996, p. 113)

Assim, a localização destas novas filiais está diretamente ligada às relações interempresariais, uma vez que elas são as ditadoras de relações sociais e econômicas em todos os territórios onde atuam.

Entretanto, isto não quer dizer que o custo da mão de obra não é levado em consideração. Ocorre que as empresas conseguem encontrar mão de obra qualificada e barata em locais estratégicos para a instalação de suas unidades, formando ou fortalecendo, mesmo que de forma não intencional, espécies de Arranjos Produtivos Locais²⁷. Isto pois,

Aos assalariados e suas organizações sindicais impõem-se condições bem diferentes das que haviam conseguido arrancar dos “compromissos fordistas”. Isto é feito sobre ameaça do desemprego, com apoio das novas teorias políticas governamentais em matéria de salário e de emprego, e também com o consentimento de dirigentes sindicais que julgam que “não há alternativa”. (CHESNAIS, 1996, p. 131)

²⁷ Os Arranjos produtivos locais (APL's) compreendem a união de atores, a fim de desenvolver uma região de modo que não se torne uma comunidade fechada. Deste modo o desenvolvimento ocorre dentro dos países com competitividade, solidariedade e cidadania comunitária, visando melhorias no bem estar da população. O processo é dinamizado pelos agentes locais e regionais, sendo que o território é o ator e as governanças e organizações são os recursos específicos. (PIRES; MÜLLER; VERDI 2006 apud PIRES; VERDI, 2009)

Desta forma, as filiais serão instaladas, via de regra, ou onde já existem grandes empresas, para que as novas possam usufruir da infraestrutura e das relações econômicas e sociais já instaladas e consolidadas, ou em locais onde o Estado provenha tais benefícios exclusivamente para a instalação destas novas unidades. Ora, o que se pode perceber atualmente é um enorme conflito político entre regiões e, muitas vezes, entre municípios vizinhos, interessados na instalação destas unidades, levando a uma abertura indiscriminada de benefícios para os detentores dos meios de produção. Na maioria das vezes tais benefícios somente são revertidos à sociedade, quando são, muito tempo depois da instalação destas novas unidades.

Ao lado dos oligopólios estabelecidos nas indústrias de alta tecnologia e nas indústrias mecânicas, existem indústrias onde (...) a existência dos grupos repousa, de maneira imediata e quase exclusiva, em sua capacidade de tirar proveito da liberalização do comércio exterior e da telemática, a fim de se beneficiarem dos baixos custos salariais e da ausência da legislação social para “deslocalizar”. (ARTHUIS, 1993 apud CHESNAIS, 1996, p. 113)

Tais grupos, nem sempre consistem grupos industriais no seu sentido estrito, mas também diversas formas de “empresas-rede”, ou cadeias de lojas de departamentos ou hipermercados. Sendo que todos funcionam a partir da terceirização de empreendedores locais, e que desta forma não necessitam fazer investimentos externos diretos para garantir a utilização de benefícios de deslocar a produção.

Ao deslocar a produção, a empresa opta por dois modelos diferentes, com ou sem aporte de capital. Iniciamos a análise com os deslocamentos onde não há aporte. Neste caso os grupos empresariais tiram o máximo proveito do processo de liberalização do comércio exterior e da tecnologia, beneficiando-se dos baixos custos salariais e da inexistência de legislação social e/ou trabalhista. Neste modelo, cada unidade é responsável por uma parte da produção – criação, protótipo e fabricação em massa –, com o comando, obviamente, da matriz da empresa, sendo que na última parte da cadeia produtiva, a execução fica por conta de uma empresa terceirizada, contratada levando em consideração o menor custo possível. (CHESNAIS, 1996)

No segundo caso, segundo Chesnais (1996), quando há o aporte de capital, a empresa se supre de produtos industrializados

padronizados, provenientes dos locais onde o custo for o mais barato. Este modelo refere-se tanto a insumos, quanto a produtos semi-acabados e acabados de consumo em massa, “(...) que hoje grandes cadeias comerciais ou hipermercados podem ir buscar bem longe, estabelecendo seus próprios contratos de terceirização com produtores locais e comercializando os produtos com suas marcas próprias.” (CHESNAIS, 1996, p. 136) Desta forma, estas empresas, conseguem comprar produtos a um preço baixíssimo, sem a necessidade de investir em construção de novas unidades ou na elaboração de novos produtos.

Para o caso das indústrias da região em estudo pode-se perceber o deslocamento de produção das duas formas. Quando a empresa investe na instalação de uma filial em um outro local, distante de sua sede, pode-se afirmar que ocorre a aplicação direta de capital para fomentar a produção. Neste caso ainda há a relação empregador empregado, onde a empresa mantém relações trabalhistas.

A empresa Marisol S.A., por exemplo, possui unidades fabris em três estados brasileiros, em Santa Catarina, nos municípios de Jaraguá do Sul – onde possui sua sede –, Benedito Novo e Schroeder; no Ceará²⁸, no município de Pacatuba e no Rio Grande do Sul, no município de Novo Hamburgo. Nas três unidades há produção sendo que nos estados de Santa Catarina e Ceará a produção é voltada à confecção de roupas e malharia, e no Rio Grande do Sul, a produção é calçadista (MARISOL, 2010). Esta empresa já vendeu uma unidade e transferiu outra. Além disso, ocorreu o fechamento de uma unidade no Rio Grande do Sul (BENETTI, 2014).

Ao mesmo tempo, ocorre a transferência de produção sem a aplicação de capital, no que diz respeito ao processo de terceirizações. (TORRES, 2010)

No caso da empresa Malwee, a produção se encontra distribuída pelo território nacional, nos estados de Santa Catarina, nos municípios de Jaraguá do Sul – onde possui sua sede e mais duas unidades –, Pomerode e Blumenau²⁹; Bahia, no município de Camacan; Ceará, no município de Pacajus; São Paulo, na capital estadual – também com duas unidades –, assim como no Mato Grosso do Sul. Nos estados de Santa Catarina e São Paulo ocorrem os processos de criação e produção, já nos demais ocorre somente a produção (MALWEE, 2015a). Pode-se

²⁸ Estado brasileiro com grande quantidade de produção têxtil do país.

²⁹ Unidade fechada no início do ano 2016.

perceber a aplicação direta do capital no processo de ampliação da empresa, bem como no seu processo de internacionalização, entretanto sem a abertura do capital.

O grupo Lunelli possui unidades nos estados de Santa Catarina, nos municípios de Jaraguá do Sul, onde ocorre a produção têxtil e a estamperia, e Guaramirim, onde há o desenvolvimento da coleção e produção; em São Paulo, no município de Avaré; no Ceará, no município de Maracanaú. Nos dois últimos municípios ocorre apenas a produção têxtil das coleções desenvolvidas na região Sul do país (LUNELLI, 2015).

4.3. REDEFINIÇÕES PATRIMONIAIS E EMPRESARIAIS

Na terceira forma de reestruturação, algumas empresas ampliam a sua gama de atuação, com investimentos em outros setores da economia, como o varejo, a geração de energia e o ramo imobiliário. Para Michalet (1985 apud CHESNAIS, 1996), uma das formas de internacionalização das empresas que estão a caminho de se tornarem multinacionais é o investimento em ramos totalmente novos, passando de apenas produtores de manufaturados para também fornecedores de serviços. Segundo o autor, estas empresas, ao investirem nestes ramos diferentes de sua origem, geram operações complexas, que podem ser baseadas em investimentos na fundação de bancos, firmas de engenharia, financiamentos, varejo, entre outros. Para estas novas empresas, Dunning (1988 apud CHESNAIS, 1996) denomina de “multinacionais de novo estilo”, sendo que o cerne da empresa é mais do que uma única atividade produtiva, baseia-se agora em uma gama variada de atividades e serviços. Estas empresas não estão somente preocupadas com a sua organização interna de produção, mas também nas relações que consegue estabelecer com as outras empresas.

O “objetivo”, mais do que nunca, é o lucro, ao qual se soma, em combinações variáveis de um capitalismo “nacional” para outro, o objetivo de crescer e durar. Com efeito, no quadro da mundialização financeira (...) o rendimento financeiro dos ativos é vigiado pelos detentores de carteiras de ações, e tanto mais de perto, na medida em que estes são, cada vez mais frequentemente, grandes investidores institucionais (...), e que tem a possibilidade de

comparar tal rendimento como de ativos financeiros puros. O grupo multinacional, então, precisa ser eminentemente rentável, mas atualmente essa rentabilidade não pode mais ser baseada unicamente na produção e comercialização próprias do grupo e de suas filiais. Precisa basear-se também no que Dunning chama, de forma vaga e um tanto eufemística, de suas “relações com outras empresas”. (CHESNAIS, 1996, p.77-78)

Desta forma, mais uma vez, o autor acena para a geração de lucro, a qualquer custo, como objetivo central das empresas em processo de internacionalização. A preocupação com a geração de emprego e renda, mais uma vez, não passa de uma consequência ínfima da atividade para a sociedade. O ponto central da discussão deve ser a relação que estas empresas estabelecem com o Estado e com a sociedade. Somente a partir desta ótica, pode-se entender o real impacto social³⁰ do processo de reestruturação para a internacionalização.

Para Chesnais (1996) há um limite cada vez mais discreto entre lucro e renda. A abertura do capital destas empresas, através de venda de ações, levaram ao surgimento de “empresas-rede”, que tornaram seus limites indistintos, mas também acarretaram na “(...) incorporação, ao lucro, de receitas que se resolvem em créditos sobre a atividade produtiva de outra companhia, sob a forma de punição sobre seus resultados de exploração brutos.” (CHESNAIS, 1996, p. 78) Características fáceis de se notar em companhias de investimentos e na relações entre empresas distintas.

³⁰ Chesnais (1996, p. 123), baseado em Hollingsworth (1992) e Ferguson (1991), aponta para a o papel das empresas na formação da sociedade a partir do entendimento de que o “(...)’ambiente nacional’ é determinado pelas evoluções históricas e depende, em grande medida, das políticas governamentais, as empresas não deixam de cumprir um papel importante na sua constituição. Embora as empresas possam ser tentadas a considerar o ambiente nacional como um fator ‘externo’, que de alguma forma lhes seria ‘dado’, na verdade este é fortemente condicionado pelas abordagens e pelas decisões comuns dos meios empresariais e da direção das empresas. O ambiente nacional proporciona um clima propício à competitividade, na medida em que a cooperação, sob diversas formas, for reconhecida e apreciada, pela sociedade em geral e pelas empresas em particular, como representando uma fonte específica de rendimentos crescentes.”

Para Oman (1989 apud CHESNAIS, 1996), há “(...) uma distinção entre empresas que investem com ‘espírito empreendedor’ e as que realizam ‘investimentos rentistas’.” (OMAN, 1989 apud CHESNAIS, 1996, p. 79) Sendo que nos dois casos as empresas estrangeiras atuam como investidoras e não como vendedoras, de forma que o seu objetivo central passa a ser a apropriação de uma parte do ganho da exploração de um projeto. Pode-se inserir, neste pensamento, os investidores chamados de “investidores anjo”³¹ que atuam de forma indiscriminada na geração de novas tecnologias, apenas com aporte financeiro, e lucram a partir do êxito do projeto. Assim, geram lucro a partir de uma nova forma de relação social, baseados em mera especulação científica, sem a exploração direta da mão de obra.

O Estado, por vezes, tenta atrair empresas, prometendo a aplicação de inovações e a possibilidade da ampliação da gama de atuação destas. Porém, deve-se levar em consideração, para a atração de novas plantas industriais para um determinado espaço, a diferença mostrada por Chesnais (1996) entre um “sistema nacional de inovação” e a disponibilização de uma externalidade sob forma de recursos científicos e técnicos a todas e quaisquer indústrias, onde é necessário verificar a real intensão de relação das indústrias com estes programas.

Independentemente de suas próprias atividades de P&D, a situação estratégica das empresas na economia capitalista faz desse elemento aquele do qual depende a valorização competitiva do sistema de pesquisa como um todo. A eficácia dos gastos imateriais efetuados pelo Estado na P&D e no ensino científico e técnico dependerá, de fato, da propensão das empresas a inovar, bem como da qualidade das relações que elas estabelecem com as universidades e os centros de pesquisa públicos. (CHESNAIS, 1996, p.123)

³¹ “O termo surgiu nos Estados Unidos, especificamente na Broadway, para denominar indivíduos que financiavam produtos teatrais. O investimento é efetivado por pessoa física, que pode investir por meio de uma pessoa jurídica, mas com recursos e trabalhos próprios, não de terceiros. O Investidor Anjo é normalmente um ex-empresário ou executivo que tem experiência acumulada de uma carreira de sucesso e que esteja disposto a investir entre 5% e 10% de seu patrimônio e aplicar essa experiência apoiando a empresa.”(SEBRAE, 2015)

Desta forma, pode-se entender que, de nada adianta o Estado realizar gastos estrondosos na atração de indústrias, qualificação de profissionais, se estas não estiverem dispostas a aplicar inovações criadas fora de seus setores de P&D. Os investimentos para atração de indústrias devem ser realizados focando em um ramo específico, com empresas dispostas a empregar as condições estabelecidas pela disponibilização, pelo Estado, de facilidades à instalação.³²

Na região estudada as empresas tem diversificado os seus ramos de atuação partindo para o setor de varejo e serviços, na maioria dos casos. Na maior parte das sedes das indústrias têxteis da região, das maiores e mais expressivas até as de produção menos expressiva, juntamente aos setores de produção, se instalaram lojas para a venda à população, seja de produtos recém lançados, seja nos moldes de *outlet*³³. No caso das empresas Marisol, Lunender e Malwee, a expansão do varejo foi muito além da abertura de lojas próprias nas intermediações das fábricas. Estas empresas também abriram redes de franquias que espalham as suas marcas por todo o território nacional e até internacionalmente, inclusive com a abertura de canais de venda pela *internet*. (Tabela 1)

A Tabela 1, demonstra a quantidade de unidades franqueadas para cada empresa que adota esta modalidade na região. Demonstra, ainda a grande concentração de abertura de lojas após os anos 2000, se intensificando ainda mais após os anos de 2010. Além disso, demonstra a grande abrangência de lojas e canais de venda pela *internet*, que estas unidades possuem em todo o território nacional. Esta abrangência demanda a instalação de um complexo processo de planejamento, circulação e logística das mercadorias. Complexo este que demanda, para a empresas, uma alteração no processo produtivo, que deve atender as demandas de forma generalizada, considerando todas as variações de necessidades dos consumidores.

³² Mamigonian (1982) critica a ideia que as empresas multinacionais são capazes de produzir e difundir tecnologias, pois “(...) a criação tecnológica no sistema capitalista não é um dado imutável e está submetida a injunções estruturais.”(MAMIGONIAN, 1982, p. 38) Desta forma, as empresas multinacionais controlam os avanços tecnológicos.

³³ Unidades de varejo que atuam na venda de produtos de coleções passadas ou até mesmo na comercialização de produtos com pequenos defeitos de fabricação.

Assim, conseguem controlar a sua produção e a venda de seus produtos, para além do antigo modelo de venda a partir de catálogos difundidos por vendedores próprios no estilo porta a porta. Entretanto a grande maioria dos estabelecimentos de varejo funcionam no esquema de franquias, onde as empresas vendem os produtos e a marca, e o lojista se responsabiliza pelas vendas. A empresa, neste caso, recebe uma parcela das vendas de seus produtos sem o investimento direto de capital na atividade de comércio. A aplicação desta nova modalidade de venda demonstra a preocupação na integração vertical em apenas parte dos processos. Ora, por um lado desverticaliza parcialmente a produção, quando passa a contratar empresas terceirizadas para exercer o papel de produtor, relocando esta parte do processo da mercadoria, porém, mantendo o controle da produção diante de rigorosas medidas de qualidade e prazo de entrega. Por outro lado, verticaliza o processo de comercialização de sua produção, evitando a destinação de lucro para os comerciantes, e, ainda, controlando a forma como seus produtos devem ser entregues à população. Ao mesmo tempo, ao instalarem unidades nos moldes de *outlet*, acabam diminuindo os prejuízos causados pela, ou produção com defeito, ou pela não venda de coleções, devido às variações de moda do mercado da confecção. Há, então, um contrassenso de atitudes voltadas à reestruturação da atividade, onde a parte produtiva fica à mercê da desverticalização enquanto a comercialização torna-se extremamente verticalizada.

Tabela 1: Atuação das principais empresas têxteis da região no varejo.

Empresa	Numero total de lojas físicas na modalidade franquía	Canal de Venda	Localização dos canais	Ano de fundação da primeira loja
Marisol	184	Lítica Réplica e Tigor T. Tigor	Estados brasileiros: Acre (1), Amazonas (3), Rondônia (2), Pará (2), Amapá (1), Maranhão (1), Ceará (2), Rio Grande do Norte (1), Paraíba (2), Pernambuco (2), Alagoas (2), Sergipe (1), Bahia (9), Mato Grosso (5), Rio de Janeiro (2), Goiás (8), Minas Gerais (16), Espírito Santo (2), Rio de Janeiro (10), São Paulo (31), Paraná (11), Santa Catarina (10) e Rio Grande do Sul (10) http://www.amazgstore.com.br/loja/marisol.html?pg=15_14	2000
		One Store Marisol Lojas Multimarcas	Sem informações	
Malwee	306, das quais 218 são resultado de filiais	Malwee	Presente em 10660 unidades multimarcas em todo o território nacional	2011
		Brasileirinhos	Bahia (2), Distrito Federal (1), Goiás (1), Maranhão (1), Minas Gerais (5), Paraná (1), Pernambuco (2), Rio de Janeiro (5), Rio Grande do Norte (1), Santa Catarina (1), São Paulo (12)	
		Sacree Carrilho	Bahia (2), Distrito Federal (2), Espírito Santo (2), Goiás (4), Maranhão (1), Mato Grosso (1), Minas Gerais (3), Pará (1), Paraíba (1), Paraná (4), Pernambuco (5), Rio de Janeiro (4), Rio Grande do Norte (1), Roraima (1), Santa Catarina (2), São Paulo (21)	
		Puket	São Paulo (50), Bahia (1), Ceará (1), Distrito Federal (1), Pernambuco (1), Sergipe (1), São Paulo (6)	
Lunender		Lojas Multimarcas	Acre (1), Alagoas (3), Amazonas (2), Bahia (2), Ceará (3), Distrito Federal (7), Espírito Santo (1), Goiás (6), Maranhão (1), Minas Gerais (11), Mato Grosso do Sul (1), Mato Grosso (2), Pará (2), Paraíba (3), Paraná (1), Pernambuco (1), Piauí (1), Rio de Janeiro (8), Rio Grande do Norte (1), Rio Grande do Sul (5), Rondônia (1), Santa Catarina (4), Sergipe (1), São Paulo (80), Tocantins (1), Exterior: Rio de Janeiro (47), Amazonas (2), Bahia (3), Ceará (2), Distrito Federal (5), Espírito Santo (5), Goiás (2), Maranhão (5), Minas Gerais (4), Mato Grosso (1), Pará (3), Paraíba (2), Paraná (1), Rondônia (1), Santa Catarina (1), Sergipe (1), São Paulo (6)	2011
		Lojas Virtuais	Presente em todo o território nacional http://www.malweejoinvital.com.br http://www.scene.com.br http://www.mercato.com.br/default.aspx http://loja.puket.com.br/	
		Lojas Virtuais	https://www.lunenderstore.com/?utm_source=site-lunender&utm_medium=site&utm_content=link-menu&utm_campaign=alto-verao-2014-2015 https://store.lezalez.com/?utm_source=site-lezalez&utm_medium=site&utm_content=link-rodape&utm_campaign=alto-verao-2015 https://store.alakazoo.com.br/?utm_source=site-alakazoo&utm_medium=site&utm_content=link-menu&utm_campaign=alto-verao-2014-2015	
Lojas Multimarcas	Lez e Lez	Presente em todo o território nacional Santa Catarina (6), Pará (1), Ceará (1), Distrito Federal (1), Sergipe (1), Bahia (1), Paraná (1), Rio Grande do Sul (1), Rio de Janeiro (1), Ibiara - Espanha (1)		

Fonte: Marisol (2015), Malwee (2015b), Lunender (2015). Elaborado por Suzane Venturim.

Segundo Chesnais (1996) a atuação de grandes capitais, concentrados somente nos comércio atacadista e varejista confere uma forma de ameaça aos próprios lucros das grandes empresas capitalistas. Isto pois,

A parcela de lucro que uma companhia industrial pode perder quando grupos muito fortes, em situação de “oligopsônio” (pequeno número de compradores para grande número de vendedores), estão em condições de impor condições para se ter acesso à demanda final, é um parâmetro que afeta, de forma significativa, as condições de valorização do capital. (CHESNAIS, 1996, p. 191)

Desta forma, a ideia é de que a mais valia deve ser reduzida ao menor nível, incluindo o processo de comercialização, incentiva os grandes grupos industriais a atuarem também no setor de comércio.

Além dos investimentos na área de comércio varejista, as empresas têxteis da região tem ampliado sua gama de atuação. A família Weege, proprietária da Malwee Malhas, investe também no ramo de geração e comercialização de energia elétrica, de forma sustentável, através do Grupo Dobrevê Energia S.A. (DESA). Este grupo é o proprietário das marcas utilizadas pela indústria têxtil da família. (DESA, 2015) Ainda, a família investe em negócios no ramo imobiliário e de logística nacional e internacional. Já a Marisol S.A., como forma de diversificar os investimentos, o grupo que comanda a empresa também investe em outros ramos econômicos, como o imobiliário. (BENETTI, 2014)

No caso da compra de materiais de outros países, o processo de reestruturação para internacionalização passa por uma integração transnacional. Esta integração, que pode ser por especialização de produtos ou vertical, acaba provocando um intercâmbio muito grande de produtos acabados ou semi-acabados, entre filiais de uma mesma empresa, ou até mesmo entre empresas distintas formando um comércio, ao mesmo tempo, internacional, intracorporativo e intra-setorial. (CHESNAIS, 1996)

A exemplo do que ocorre no caso japonês, na gestão toyotista da produção, das relações de trabalho e relações profissionais e da gestão de estoques, há de se analisar que a

(...) “deslocalização” da produção de parte dos componentes, anteriormente fabricados na fábrica

central do grupo, para empresas juridicamente independentes, constitui uma “ruptura radical” com os princípios de internalização (ruptura radical que necessariamente significa, dentro da teoria de Caos e Williamson, a volta a situações muito mais próximas do mercado). Aqui também, tudo parece indicar que o movimento formal de externalização é acompanhado por uma série de medidas drásticas, cujo objetivo é estender para fora, especialmente para terceirizados, as exigências e meios de coerção ligados às “hierarquias”. Estamos diante de uma adaptação da internalização às exigências, mas também às novas oportunidades proporcionadas pelas tecnologias de informação. (CHESNAIS, 1996, p. 106-107)

Quando da aquisição de produtos prontos ou semi-acabados, provenientes de outras plantas industriais, localizadas no mesmo país, ou não, elas ocorrem de filiais do mesmo grupo ou até mesmo através de contratos temporários de fornecimento. Desta forma, cada filial ou contratada atua de forma especializada produzindo apenas uma gama de mercadorias, cuja demanda é dada pela matriz.

Elas se especializam em uma ou várias linhas de produtos que têm caráter de sistema “completo”; o grupo lhes dá autonomia quase total na organização da produção. No país onde está implantada, a filial tem também a missão de comercializar toda a linha de produtos do grupo. Na integração vertical, a especialização é baseada na decomposição técnica do sistema produtivo. A organização pode ser feita “em cadeia” ou “em cacho”; em ambos os casos, o pivô do conjunto é a unidade de montagem final. Atualmente, os grupos têm começado a apertar as suas redes, a concentrar as filiais e a substituir a produção deslocalizada, organizada em base intragrupo, por fornecimentos externos, por terceirização e contratos de longa duração. A mobilidade intrínseca do capital, combinada com a variedade de soluções técnicas oferecidas e a atratividade de suprimento nas proximidades (o “just-in-time”), vai levar necessariamente a uma variedade de

esquemas de localização bem maior do que no passado. (CHESNAIS, 1996, p. 133)

Tal modelo de ação das empresas leva a um aperto das relações de terceirização, bem como sua racionalização e elimina empregos em quantidades relevantes; entretanto valoriza enormemente locais onde os salários estão cada vez mais baixos e onde não há proteção social. (CHESNAIS, 1996)

Comprovadamente, apenas a Marisol S.A. importa produtos acabados, finais de outros países, que no caso desta empresa pode ser tratada como terceirização. Para Torres (2010), esta corresponde a 5% de sua produção, proveniente de fornecedores do continente asiático, mais especificamente China, Índia e Paquistão, de onde são adquiridas as peças de lã e os tecidos tecnológicos, ou seja, sintéticos. Já para Benetti (2014), a importação asiática corresponde a 25% de sua produção total. Sendo assim, a importação destes produtos pode começar a configurar uma nova forma de transferência de produção para as empresas da região.

No caso das aquisições e fusões, segundo Chesnais (1996), é um processo que iniciou, nos países desenvolvidos, em meados da década de 1970, em um período onde havia incentivos e restrições que alavancaram tal processo. Este é justificado pelo autor pois, em setores onde há alta evolução de pesquisa e desenvolvimento, ou mesmo de produção em massa, ocorreu aumento significativo dos custos fixos. Estes custos foram recuperados através da produção voltada ao mercado mundial, não somente ao local de origem do capital inicial, além de estarem tomando para si, em escala mundial, insumos industriais, principalmente os de caráter inovativo. No caso das indústrias de caráter já oligopolista nacional, somente entrando em novos mercados, poderiam atingir tais objetivos.

Entretanto, principalmente no caso de aquisições, elas podem não ser rentáveis a ponto de pagar o investimento em um primeiro momento. Este tipo de negócio pode ser considerado como precursor “(...) de um mercado futuro, e tem por objetivo ocupa-lo antes que cheguem outros rivais, ou a título de previsão de mercados ainda virtuais; podem até ter o objetivo de impedir que um rival ocupe o lugar, fazendo a mesma aquisição”. (CHESNAIS, 1996, p. 129).

No caso de outros ramos industriais, como o têxtil em análise,
 (...) um dos principais objetivos de uma aquisição/fusão consiste em pegar uma parcela do mercado, especialmente quando for acompanhada

pela aquisição de marcas comerciais, de redes de distribuição de clientes cativos. É bem compreensível que – no duplo contexto de uma conjuntura econômica mundial marcada por muita incerteza e instabilidade, mesmo nos períodos de retomada, e de intensificação da concorrência devido à abertura dos oligopólios nacionais e ao, mesmo tempo, ao reduzido crescimento da demanda em vários setores do mercado – as aquisições/fusões tenham se beneficiado de forte preferência. (CHESNAIS, 1996, p. 64)

Entretanto, na região de estudo, processos de aquisição e fusão se concentraram nas décadas de 1990 e 2000, quando da intensificação da mundialização do capital no Brasil. Observa-se que estas aquisições não ocorreram em todas as firmas analisadas, haja visto que nem todas eram dinâmicas o suficiente àquela época.

Nas grandes empresas têxteis localizadas na região de estudo pode-se identificar casos de fusões e aquisições. O Grupo Lunelli originou-se da fusão das empresas Lunender e Lunelli, ambas de capital local. (LUNENDER, 2015) A Marisol S.A., diferentemente do primeiro grupo citado, não realizou processo de fusão em nenhum momento de sua história, entretanto utilizou-se das aquisições para aumentar o seu rol de marcas e aumentar o seu nicho de mercado. A empresa adquiriu, em seus 51 anos de existência, marcas como a Rosa Chá e a Sais – voltada para o público de alta renda –, a Pakalolo – voltada para o público adolescente –, a Stereo – voltada para o público jovem – e a Babysol – marca de roupas e acessórios voltada para bebês. Entretanto, como a maioria das marcas foi adquirida para o investimento no comércio varejista e algumas das marcas estavam quase que abandonadas pelos seus proprietários e conseqüentemente esquecidas pelos consumidores, as aquisições não repercutiram o sucesso desejado e a empresa parou de investir nelas. (ARAGÃO, 2012) Percebe-se no caso da Marisol, um pioneirismo em tudo que tem relação às estratégias de reestruturação, com iniciativas inéditas na região em abertura de franquias, importação, relocação de produção e aquisição de marcas.

No caso da Malwee Malhas, a exemplo da Marisol S.A., as aquisições são as principais ações realizadas pela empresa na tentativa de ampliar o seu mercado consumidor. Nos seus 47 anos de atuação no ramo têxtil, mas principalmente na última década, adquiriu marcas como a Scene – voltada ao público feminino adulto – assim como a Mercato,

e a Puket – voltada ao público infantil e feminino. Estas marcas foram adquiridas, aparentemente, pela sua consolidação no mercado varejista, em alta nos investimentos atuais do grupo.

4.4. A INTERNACIONALIZAÇÃO COMO ALTERNATIVA A CONSOLIDAÇÃO NO MERCADO NACIONAL

As empresas analisadas não podem ser consideradas multinacionais. Chesnais (1996), utilizando o conceito desenvolvido por C.-A. Michalet em 1985, classifica as multinacionais como empresas que iniciaram em âmbito local e se fixaram como grandes empresas nacionais, que, a partir de sua concentração de capital e da diversificação de produção e investimentos se internacionaliza. Desta forma, “(...) essa companhia é, em geral, um *grupo*, cuja forma jurídica contemporânea é a de *holding*³⁴ internacional; e por fim, que esse grupo atua em escala mundial e tem estratégias e uma organização estabelecidas para isso.” (CHESNAIS, 1996, p. 73, grifo nosso) Assim, as empresas da região podem ser caracterizadas como grandes empresas nacionais, de caráter familiar e capital fechado, que podem estar em busca do caminho para a internacionalização e posterior transformação em multinacionais. Entretanto, o que se pode observar, atualmente, é que estas empresas estão voltando as suas ações para a superação da concorrência com os produtos importados – provenientes do mercado internacional – no mercado nacional, após a abertura comercial do final do século XX. Assim, não se pode pensar que tais medidas são voltadas somente à inserção no mercado internacional, mas também no fortalecimento delas no mercado brasileiro.

O primeiro passo para esta internacionalização, no caso das empresas analisadas, é a constituição de grupos, que consiste, segundo

³⁴ “Uma firma constitui uma *holding* quando sua função consiste em deter investimentos ou créditos de outras firmas, no mesmo ou num terceiro país. Ela é considerada como sociedade financeira e, em certos países, pode empregar apenas um pequeno número de pessoas, o necessário para manter os livros em dia. Frequentemente, a escolha geográfica da sede das holdings depende das vantagens fiscais oferecidas pelos países receptores.” (OCDE, 1992 apud CHESNAIS, 1996, p. 56, grifo nosso)

Beaud (1978 apud CHESNAIS, 1996), na formação de um conjunto de relações financeiras e pessoais ligadas a um centro financeiro. Desta forma, buscando

(...) valorização do capital, diferenciada e multiforme, que tanto podia assumir a forma produtiva de investimentos de capital, como uma variedade de formas que não envolviam, nem investimento industrial, nem criação de valor, e às vezes apresentando aspectos improditivos, quando não parasitários. (CHESNAIS, 1996, p.76)

Na região em estudo destacam-se a formação de grupos seja por fusões de empresas do mesmo ramo, como o já citado no caso do Grupo Lunelli, seja pelo processo de abertura de novas empresas a partir do capital gerado por uma atividade industrial única, como no caso do grupo Dobrevê, detentor da marca Malwee e da empresa Desa Energias Renováveis, também citado anteriormente.

Para Leborgne (1987) apud Chesnais (1996), o processo de “desverticalização” das grandes empresas especializadas, ou até mesmo o agrupamento de empresas em rede, deve ser visto e analisado como uma resposta às pressões econômicas e financeiras. Pressões estas sofridas principalmente pelos riscos gerados com a instalação de um setor de pesquisa e desenvolvimento, na aplicação de alta tecnologias na produção, enfim, na mobilização de grande parte do capital da empresa, em capital fixo de alto custo. Assim, esta empresa rede formada não representa

(...) uma “ruptura” com as hierarquias e a internacionalização, mas antes como uma nova forma de organizar e de gerenciar essas hierarquias, bem como de maximizar as possibilidades de “internacionalizar” as “externalidades” (...), proporcionadas pelo funcionamento em redes. (CHESNAIS, 1996, p. 109)

Chesnais (1996) critica tais empresas, pois acredita que estas grandes hierarquias e a concentração não são culpa das companhias, mas sim das falhas de mercado, que elas se fundem ou criam filiais, para se internacionalizar, e que este modelo cria vantagens para os oligopólios. Defende, também que a internacionalização traz vantagens às empresas, tais como a economia nas transações, a redução nas incertezas de mercado, a maior proteção contra a imitação, a geração de sinergias, o

acesso a políticas públicas e a manipulação dos preços. Percebe-se que tais vantagens são exclusivas da empresa, sendo que a internacionalização, seja através da fusão, da terceirização, da aquisição, ou de quaisquer outros mecanismos não garante o desenvolvimento da região, nem muito menos a igualdade social. Pelo contrário, aprofunda as diferenças entre países e entre classes sociais.

Assim, nota-se que as empresas em análise, estão em um início de processo de internacionalização, mas que mesmo assim, já praticaram muitas ações diretamente ligadas a este processo, como a transferência de produção, “enxugamento” da folha de pagamento, a aquisição de novas marcas e o investimento em outras áreas de atuação, abrindo um grande período de reestruturação econômica. Os efeitos de tal reestruturação também são sentidos socialmente, e desta forma, impactam diretamente o mercado de trabalho e as condições sociais da população residente na região em estudo. Vale lembrar, ainda, que estas empresas não atuam sozinhas. Muitas outras indústrias têxteis de pequeno porte se utilizam das relações econômicas e sociais locais para desenvolverem suas atividades. Além delas, indústrias do setor metal mecânico também atuam fortemente nestas relações, atraindo mão de obra para a região e ampliando o exército de reserva local.

Para Silva (2004), na região em questão, estas mudanças causadas pela reestruturação econômica podem ser notadas a partir dos anos de 1990 com mais intensidade e “(...) remontam, pois, a anos anteriores, sendo adotadas à luz de um outro contexto regulatório nacional. Este parece ser bem o caso das mudanças em direção à racionalização da produção.”³⁵ (SILVA, 2004, p. 75)

³⁵ No caso da região do Vale do Itajaí as “(...) grandes empresas têm investido, desde os anos setenta, em filiais integradas, em geral seções de costura, localizadas nos centros menores da rede urbana regional (como Acurra, Benedito Novo, Rodeio, Ibirama), ou mesmo espalhados pela zona rural (Brusque, notadamente), que se combinam com estratégias de desverticalização na busca da exploração da mão-de-obra das famílias de operários-colonos –mais precisamente através da terceirização das mesmas tarefas de costura, com o emprego de mulheres muitas vezes dispensadas pela empresa-mãe (tendência mais presente nos anos noventa) que então passam a trabalhar a domicílio, recebendo por produção, sem sindicalização, sem direitos previdenciários e submetidas a altas jornadas de trabalho (já que não abandonam o serviço doméstico, que pode incluir o trabalho agrícola).” (MAMIGONIAN, 1986; DIEESE, 1997 apud SILVA, 2004, p.75-76)

Sendo que ao se analisar mais profundamente este

(...) processo de realocização de seções integradas associado à terceirização, diríamos que, de par com a procura de salários mais baixos, se está diante de investimentos em espaços onde a vida cultural e ideológica dos trabalhadores guarda, não obstante toda modernização (SILVA, 2004, p. 77)

Fato que para o autor representa como o desenvolvimento se apresenta de forma dialética entre as relações de salário regionais e suas manifestações no espaço, uma vez que as sedes das empresas, que já se comportam como polos, há um sindicalismo mais organizado. Porém esta organização sindical não é suficiente para acabar com as relações paternalistas existentes na região desde o momento de sua colonização. Ainda para o autor,

(...) se fossemos definir as relações salariais regionais, diríamos que, distando do modelo taylorista padrão, marcado pela imposição, bem como do modelo negociado do atual capitalismo alemão, as formas salariais aqui se aproximam mais àquelas do tipo incitativo observado no capitalismo asiático (Coriat, 1993), o que certamente se deve, num e noutro caso, à convivência com “certos vestígios, ainda não apagados” de relações sociais pretéritas (Marx, 1983: 223 [1859]). (SILVA, 2004, p. 77)

Além disso, Silva (2004) atenta para o fato de que este processo de reestruturação “(...) está associado à lentidão da modernização fabril antes assinalada e a aplicação dos excedentes no circuito da especulação financeira.” (SILVA, 2004, p. 78) Sendo que este processo não se inicia na década de 1990, mas sim se intensifica, uma vez que nos anos de 1970 já era possível observar a tendência a reestruturação,

“Este padrão encontra seu exemplo mais acabado na Hering, empresa que, enquanto conta com filiais integradas de seções de costura em cidades como Rodeio, Ibirama etc., encontra aí também bacias cativas de mão-de-obra para o trabalho a domicílio nas tarefas de costura, terceirizadas na empresa em praticamente 50% – processo aliás levado a efeito pelas próprias filiais integradas desde meados dos anos noventa, quando a empresa passa a trabalhar com as chamadas Unidades de Negócios (UN), dando liberdade decisória às diversas unidades para superar a lentidão da empresa única.” (SILVA, 2004, p. 76)

principalmente no que se refere à redução de custos de produção. Tais estratégias para redução de custos via extração da mais valia absoluta, não são nada mais do que, apenas uma forma de viabilizar a competitividade industrial. Esta competitividade, na região, nos anos 2010, demonstra que principalmente nos momentos de crise do sistema capitalistas, a competitividade se torna mais acirrada, principalmente entre empresas do mesmo setor localizadas geograficamente nos mesmos locais. Ora, ao mesmo tempo em que há investimentos na ampliação das marcas Lilica Ripilica e Tigor T. Tigre pela empresa Marisol, a Malwee investe nas marcas Carinhoso e Zig Zig Zaa, enquanto a Lunelli Alakazoo. Mesmo fato ocorre em outras linhas. Esta intensificação ocorreu principalmente devido ao grande

(...) impacto da abertura comercial dos anos noventa e a corrida para a rápida automação dos processos que lhe seguiram parece indicar que a estratégia voltada para a redução dos custos via extração de mais-valia absoluta afigurava-se como apenas uma forma, ademais não tão eficaz, de viabilizar a competitividade industrial. (SILVA, 2004, p.78)

Sendo que esta abertura comercial, somada à valorização cambial acabou afetando diretamente o desempenho na exportação, além de ter aumentado sobremaneira a concorrência, no mercado nacional, com os produtos importados principalmente da Europa e Ásia.³⁶ (SILVA, 2004)

Entretanto, não foi de todo má esta competição, uma vez que a mesma obrigou a modernização dos equipamentos das unidades fabris, daquelas empresas que estavam preparadas financeiramente para fazê-lo.

Essa pressão competitiva, associada à completa anulação de tarifas de importações de máquinas implementada já no início dos anos noventa, acabou favorecendo o começo de um processo de

³⁶ “Destarte, no mercado interno, nossa produção teve que suportar a entrada de produtos paquistaneses e tailandeses (os últimos vendendo pano de copa a R\$ 0,50 a unidade contra R\$ 1,30 da produção nacional), enquanto no mercado externo perdia-se concorrência para a Índia (nicho das toalhas e tecidos estampados), Turquia e o mesmo Paquistão (nicho dos tecidos planos), aliás justamente em áreas de venda que ofereciam uma certa resistência no mercado doméstico.” (SILVA, 2004, p.78)

renovação do parque fabril – em geral através da introdução de equipamentos computadorizados, e isso notadamente nas seções insumidoras.³⁷ (SILVA, 2004, p.79)

Apesar do mesmo autor destacar pontos negativos de tal pressão competitiva para algumas empresas, as menos preparadas financeiramente, que acabaram não se modernizando.

(...) vale notar que para algumas empresas a pressão competitiva dos anos noventa não resultou exatamente na modernização dos elos da cadeia produtiva por elas trabalhados, mas antes na radicalização da desverticalização, que então avançou para além das atividades de costura.³⁸ (SILVA, 2004, p. 79)

Silva (2004), destaca, ainda, que apesar da terceirização ser levada ao extremo, os custos nem sempre diminuem, assim como nem sempre os aumentos na produção são exponenciais, visto que, parte do que é atribuído como aumento da produção não está diretamente relacionado ao aumento do valor agregado.

De fato, não é pouco provável a presença de resultados como estes na reestruturação aqui tratada. Na verdade o processo de modernização do parque fabril, ainda que iniciado no início da década, não se completou de imediato, estendendo-se ao longo de toda a década – bem como, nem ao menos se fez de modo homogêneo, e isso mesmo no interior de uma mesma firma, o que torna legítimo, pois, falar, para o complexo

³⁷ “Assim, por exemplo, na Döhler, isto permitiu um forte avanço de produtividade na produção de fios. Já em 1991, em apenas uma de suas três fiações, esta empresa lograva produzir 500 toneladas/mês empregando apenas cerca de 50 operários, enquanto entre 1976-84 esta marca era de 100 toneladas/mês para 150 operários.” (SILVA, 2004, p.79)

³⁸ “É este o exemplo da Artex e da Hering, que acabaram se desvencilhando de suas fiações. (Silva, 1999; Lima e Martinez, 1999). Aliás, a radicalização dessa opção na Hering sugere que se atente para a estratégia de longo prazo da empresa, qual seja, a de atuar como algo próximo de uma *hollow company* (empresa vazia), especializada apenas na comercialização da marca (Silva, 1999) – o que ademais se faz seguindo o mesmo caminho também na área de realização das vendas, através do desenvolvimento de uma estratégia de franquias.” (SILVA, 2004, p.79)

em apreço, em modernização defensiva. (SILVA, 2004, p.80)

Desta forma, Silva (2004) vem afirmar que o processo de reestruturação é longo e contínuo, sendo que no momento de sua análise não estava acabado. Fato que ainda hoje pode-se perceber, uma vez que, em alguns casos, no setor têxtil, apesar do intenso processo de reestruturação, ainda há possibilidade de aumentá-lo sobremaneira. Este aumento, segundo Buzzarello (2015)³⁹, ainda não foi possível, apenas por impedimentos legais.

Silva (2004) afirma, também, que as mudanças no processo produtivo não ocorrem de uma forma programada ou mesmo organizada e equilibrada. Desta forma, cada investimento vai de acordo com a necessidade apontada pela empresa no momento da mudança no processo produtivo, para que se aumente a lucratividade.

Ora, parece ser justamente esta característica assimétrica e defensiva do processo de modernização que explica a presença, no complexo têxtil regional, das redefinições patrimoniais (...) – mas também a existência de um amplo espaço para melhorias, de que há indícios de aproveitamento neste final de década (certamente de modo ainda desigual no interior do complexo), e que não deve ser subestimado. (SILVA, 2004, p.81)

Sendo que entre outras mudanças notáveis na empresa, a mudança do controle é uma das que merece especial atenção. “Neste tipo de reestruturação aparecem com destaque as transferências de controle, que podem atingir, pois, toda uma firma ou então apenas alguns de seus negócios.”⁴⁰ (SILVA, 2004, p.81) Porém o mesmo autor destaca que esta transferência de controle nem sempre possui caráter

³⁹ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

⁴⁰ “No exemplo da transferência de controle de apenas alguns negócios, em regra se está diante, pois, de um processo de fragilização financeira da empresa que não consegue realizar investimentos necessários para o enfrentamento dos grandes fabricantes do setor. É este o caso da Cremer, que em 1997 vendeu sua divisão de higiene infantil para a MPC (Mebesa-Paragon Corporation), uma associação de capitais mexicanos (Mebesa, 51%) e americanos (Paragon, 49%) (Wilke, 1999a e 1999b) – processo aliás semelhante ao ocorrido com a Hering, que teve que se desfazer da Ceval.” (SILVA, 2004, p.82)

negativo para o contexto regional. “Mas há que notar que a reestruturação patrimonial em foco não se faz apenas em desfavor do complexo têxtil regional.”⁴¹ (SILVA, 2004, p.82)

Além disso, Silva (2004) destaca a produção de *commodities* como fadada a extinção na região, uma vez que para superar os problemas gerados pela abertura de capital, a empresa deve investir em produtos que possuam um maior valor agregado, investindo, assim, em setores de P&D e buscando a fidelização de clientes. No caso do setor no Vale do Rio Itapocu, as empresas vem investindo fortemente nos setores criativos e de desenvolvimento de novos produtos, formando assim, um diversificado encarte de produtos sem a prerrogativa de atingir em massa a população. Desta forma, passam a acompanhar as tendências de lançamentos de coleções consagradas nacional e internacionalmente para conseguir aumentar o valor agregado de seus produtos e atrair públicos que estão mais ligados à tais tendências. Para cumprir tais metas, os investimentos mais fortes se concentram no público infantil, através da aquisição do direito de produção de personagens consagrados no universo infantil, além da especialização da marca para conseguir atingir este público consumidor.⁴² Atuam fortemente, também, em campanhas publicitárias, com ampla divulgação de suas marcas.

Para que as empresas consigam melhorar a sua lucratividade, sem investimentos para a diminuição da produção de *commodities*, há a mudança do mercado consumidor, passando a produzir não mais a sua

⁴¹ Exemplo disso no Vale do Rio Itajaí é o destacado por Silva (2004, p. 82) “Há casos de absorção de firmas extra-regionais em dificuldades pelas têxteis catarinenses, como no exemplo da aquisição da firma paulista Texcolor, em 1995, pela blumenauense Teksa.”

⁴² Outro fator importante que acaba favorecendo o setor infantil destas unidades produtoras é a baixa quantidade de produtos importados voltados para este público. Desta forma, através destas estratégias, há a mudança no padrão produtivo de cada unidade fabril. “Decerto são estas melhorias que de algum modo estão na base da recuperação exportadora do setor que se ensaia no período pós desvalorização cambial, bem como do movimento de substituição de importações aberto na mesma conjuntura – este último aliás sendo o que aparece de modo mais evidente. Ademais, não deve causar surpresa que a capacitação para esta resposta competitiva tenha sido iniciada ainda na conjuntura de câmbio sobrevalorizado, quando as condições de mercado eram, pois, não obstante as medidas protecionistas arrancadas do governo pelos produtores, absolutamente adversas.” (SILVA, 2004, p. 83)

marca própria, mas sim, vendendo os seus produtos com etiquetas das mais variadas marcas, ampliando indiretamente o seu mercado consumidor nacional e até internacional.⁴³

Numa palavra, estas formas de penetração no mercado externo parecem trazer a marca dos baixos investimentos em pesquisa e da baixa capacidade autóctone de inovações – que antes aparecem apenas na forma incremental, mediante a adaptação dos processos e produtos às condições ditadas pelos compradores internacionais. (SILVA, 2004, p. 84)

Porém esta exportação de *commodities*, com marcas que pertencem a outros grupos, demonstra um lado perverso da penetração no mercado externo, uma vez que a lucratividade proveniente da marca e da elaboração do produto não volta para o país produtor, mas sim, se encaminha para o local de origem de tais melhorias. Confirmando, mais uma vez, a colocação dos países produtores como base da divisão internacional do trabalho.⁴⁴

Além desta divisão internacional do trabalho, há que se destacar, segundo Silva (2004), a formação de uma divisão espacial

⁴³ “Em geral essas melhorias vêm acompanhadas de estratégias de exportação calcadas no chamado sistema private label, isto é, quando as vendas são feitas com a etiqueta do cliente, no mais das vezes grandes cadeias varejistas, sobretudo localizadas nos EUA (Wal-Mart, J. C. Penney) ou Europa (Otto Ferzenn), que ademais ditam o design das roupas – ou mesmo acompanhadas do amplo uso de licenciamentos de marcas (Salvador Dalí para a Teka, Disney para a Hering), através do pagamento de royalties que podem variar entre 3, 5 e 8% (Silva, 1999; Martinez, 1999 c; Lima e Martinez, 1999; Sônego Jr., 2000 b).” (SILVA, 2004, p.84)

Exemplo destas empresas que empregam suas tecnologias para a produção de marcas conhecidas nacional e internacionalmente é o grupo AMC Têxtil Ltda. Este grupo é o detentor das marcas Malhas Menegotti, Colcci, Sommer, Carmelitas, Triton, Forum, Tufi Duek e Coca Cola Jeans e atua no mercado desde 1983 terceirizando seus serviços de fabricação e tingimento de malhas para pequenas confecções da região. (MENEGOTTI, 2016)

⁴⁴ “De fato, não se deve descuidar de tais efeitos. A esse respeito, basta notar, pois, a pressão que a ABIT (Associação Brasileira da Indústria Têxtil) realizou, em 2014, junto ao BNDES para a criação de uma linha de crédito destinada a financiar a aquisição no exterior de marcas conhecidas e canais de distribuição, a chamada “compra de mercado” (Lima e Martinez, 1999).” (SILVA, 2004, p.85)

interna do trabalho, no caso da região em questão, primeiramente em uma escala regional e posteriormente em uma escala nacional, haja vista o processo de transferência de produção que ocorre no local. Nesta, a parte central da empresa, onde se localiza a administração e o setor criativo, permanece em sua “cidade natal”, como no caso da Empresas WEG, Malwee e Marisol, com salários, normalmente, em níveis mais elevados, sendo que as unidades produtivas se deslocam para outras áreas, normalmente as receptoras de novos investimentos em escala nacional ou até mesmo internacional como no caso da WEG, afim de transferir a responsabilidade pelos salários mais baixos e pelas questões sociais e trabalhistas que estas questões geram⁴⁵

Trata-se, enfim, de inversões que continuam alinhadas com a estratégia de superexploração da mão de obra dos anos setenta e oitenta. Agora, porém, o diferencial parece estar no fato de que as empresas já não estão capitalizadas como naqueles anos, quando podiam dispor de recursos para aplicações especulativas. O que está na ordem do dia é uma corrida contra a descapitalização e a obsolescência. (SILVA, 2004, p.86)

Desta forma, não basta analisar as questões econômicas da reestruturação do setor, mas também, quais são as condições sociais em que esta reestruturação se baseia e as consequências dela para a formação da classe operária instalada na região.

Assim, as ações das empresas regionais estampam claramente o processo de reestruturação produtiva que vem ocorrendo no setor têxtil desde o início dos anos 1990 e se intensifica nos anos 2010. As ações de compra de marcas, transferência de produção, internacionalização, redefinições patrimoniais, fusões entre outras, se mostram presentes em quase todas as empresas de capital local do Vale do Rio Itapocu. Estas, entretanto, se mostram benéficas em um primeiro momento, para a

⁴⁵ O exemplo mais acabado do que estamos dizendo parece ser o dos investimentos realizados pela Marisol em Pacatuba, região metropolitana de Fortaleza-CE, cujo foco está predominantemente nas vendas private label feita aos Estados Unidos (Wilke, 1999 c), mas de algum modo poderíamos dizer o mesmo das inversões da Karsten em Lages-SC, da Teka em Passos-MG, da Hering em Anápolis-GO (Silva, 1999; Huscher, 1999 b; Lombardo e Sônego Jr., 2000).” (SILVA, 2004, p.85)

economia municipal e regional, pela manutenção da ação destas empresas na região.

Porém, por um outro lado, elas se mostram preocupantes, sendo que há a quebra da circulação local de mercadorias, que resulta, também, na diminuição da arrecadação de impostos pelo poder público. Preocupante também, é a consequência para os trabalhadores de chão de fábrica que estas ações de reestruturação trazem. Ora, os trabalhadores são os primeiros a sofrerem as consequências das ações de reestruturação, uma vez que o que mais se nota em relação à este processo é a transferência de produção para o “enxugamento” da folha de pagamento, levando, então, à um grande número de demissões.

Estas demissões levam os trabalhadores a buscarem novas alternativas de trabalho, que, na maioria dos casos é suprida pela prestação de serviços, em casa, de maneira irregular, para as grandes empresas da região. Prestação de serviços de costura, bordado, dobração, taguiamento, que servem as empresas como transferência de produção e terceirização de suas atividades. Fato é que tais terceirizações, por muitas vezes, não são regularizadas, nem do ponto de vista da prestação de serviços, nem do ponto de vista dos trabalhadores, mais especificamente da sua condição perante a previdência pública. Por outro lado, a possibilidade de prestar serviço em sua casa, leva, também, a possibilidade do contato das famílias e de suprir a necessidade de manter os filhos nas creches, de vagas escassas na região.

5. O ATUAL PANORAMA DO SETOR TÊXTIL NA REGIÃO DO VALE DO ITAPOCU

A região do Vale do Rio Itapocu está parcialmente incluída na zona de colonização alemã catarinense, descrita e caracterizada por Mamigonian (1965) e possui características que a torna peculiar no que diz respeito tanto à origem de sua burguesia quanto à origem de seu proletariado. No caso do complexo têxtil, a região se destaca nacional e internacionalmente no ramo de confecção principalmente voltada ao público infantil após um processo de surgimento, evolução e reestruturação.

Surgida de uma estrutura social do tipo pequena produção mercantil, o complexo têxtil da zona de colonização alemã catarinense venceu a concorrência nacional a partir de uma estrutura técnica verticalizada, de um recorrente esforço de modernização do parque fabril nas conjunturas favoráveis à importação de máquinas, da presença de oficinas anexas de reparação e cópia dos equipamentos importados e da existência de relações salariais que marcam um engajamento de tipo incitativo da mão-de-obra nas metas das empresas. Associados a fortes incentivos estatais às exportações, notadamente concedidos durante o regime militar, esses fatores viabilizaram a inserção bem sucedida no mercado internacional. (SILVA, 2004, p.86)

Apesar do dinamismo presente neste setor industrial, a mudança na prioridade política econômica industrial de Santa Catarina a partir de meados de 1960, dando enfoque infinitamente maior para os ramos industriais de base,

(...) levou ao início de um processo de defasagem do parque têxtil regional que se agravou com a recessão brasileira dos anos oitenta e a revolução tecnológica e organizacional desencadeada nas principais economias industriais do planeta nas décadas de 1980 e 1990. (SILVA, 2004, p. 86)

Assim, ocorreu conseqüentemente um aumento nos custos de produção para a renovação do maquinário industrial, bem como para conseguir competir com os produtos importados provenientes da abertura comercial brasileira, levando as empresas a buscarem soluções

que se mostrassem favoráveis à manutenção da atividade na região. Desta forma,

O enfrentamento da elevação dos custos para manter a competitividade iniciou já nos anos setenta, com a busca de mão-de-obra barata para as seções de costura através da instalação de unidades integradas nas zonas rurais da região ou, mesmo, da terceirização espúria, marcada pelo uso do trabalho feminino sem registro legal – estratégia que evidencia a exploração dos elementos de continuidade da formação sócio-espacial regional. A insuficiência dessa solução, evidente com a abertura comercial dos anos noventa e a valorização da moeda nacional do período 1994 - 1998, fez crescer a ela o início de um processo de modernização tecnológica (mas também organizacional) que de algum modo foi viabilizado pela queda das tarifas e a própria valorização cambial. (SILVA, 2004, p. 86-87)

Este processo de modernização, além de não ter atingido à todas as empresas, também não ocorreu de forma igual dentro de um mesmo grupo industrial. Porém, segundo Silva (2004),

(...) essa modernização está na base da recuperação exportadora do setor, bem como de sua inserção em um movimento de substituição de importações que se abriu a partir de 1999 com a desvalorização da moeda nacional. A capacitação para essa resposta competitiva contudo, fora iniciada ainda na conjuntura de câmbio sobrevalorizado, demonstrando que em boa medida parte das empresas preserva estratégias de longo prazo. (SILVA, 2004, p.87)

Tal desigualdade e assimetria no processo de modernização industrial, acaba gerando, também, um processo muito lento e penoso, característica do processo de modernização de todo o parque fabril tradicional brasileiro, alterando as condições patrimoniais das unidades industriais.⁴⁶ “Todavia, nem sempre esta reestruturação se faz em desfavor das indústrias da região em tela, podendo elas levar a efeito,

⁴⁶ “Nos casos mais extremos, as dificuldades decorrentes de uma tal lentidão na modernização resultaram mesmo na abertura de falências.” (SILVA, 2004, p.87)

por exemplo, aquisições de firmas em dificuldades localizadas noutros estados do país.” (SILVA, 2004, p.87) Este processo de aquisição de empresas e marcas, favorece os detentores, tanto da marca adquirida, quanto os adquirentes da marca que passam a abraçar mais uma fatia do mercado consumidor. Entretanto esta radicalização da desverticalização é consequência do processo de desvalorização da indústria nacional, que leva ao enfraquecimento das empresas e a busca pela reestruturação produtiva, baseada na redução de custos de produção, aumento da lucratividade de seus produtos e do aumento da abrangência do seu mercado consumidor.

Quanto a alternativa de reestruturação relacionada à alteração da produção de *commodities* para produtos de maior valor agregado, ligada à venda do produto nacional com marca internacional, pode, segundo Silva (2004), ser o responsável por uma limitação na capacidade inovativa da produção industrial nacional, devendo, assim, ser observada sob o aspecto de reestruturação defensiva.

Para Goularti Filho (2002), o setor têxtil foi o mais afetado no estado pelo processo de abertura comercial nacional e sobrevalorização.⁴⁷

Nos anos 90, a falta de uma diretriz nacional isolou as unidades subnacionais na elaboração de seus planos. A prática do planejamento já começou a entrar em crise no Brasil ainda nos anos 80, quando o Estado começou a enfrentar o problema do endividamento externo e de seus desdobramentos internos. O Estado ficou engessado na dívida externa e na crise fiscal e financeira, sem condições de elaborar novos

⁴⁷ “Com a abertura comercial, reduzindo as alíquotas de importação de 105% em 1990 para 20,0% em 1993, e a recente sobrevalorização cambial, ocorreu uma maciça importação de produtos acabados nos ramos têxtil e vestuário, fazendo com que as exportações catarinenses no ramo têxtil caíssem de US\$ 423,6 milhões em 1993 para US\$ 258,7 milhões em 1999, uma queda de 63,7%, reduzindo a participação do total exportado no Estado para 10,1%, ou seja, uma queda de 50,0%. Dentro do segmento, o item mais prejudicado foi o de confecção em geral (Secex/SED-SC). Uma empresa como a Hering, que em 1992 chegou a exportar US\$ 100 milhões, em 1998 exportou apenas US\$ 18 milhões. Do total exportado pela Hering, 50,0% era destinado aos EUA e Canadá, esse índice caiu para zero em 1998.” (GOULARTI FILHO, 2002, p. 994)

planos com objetivos nacionais. A cada plano que passava, reduzia-se a atuação do Estado-nação e aumentava a crença no mercado. Essa lógica perversa está associada a um movimento mais geral da história recente, que são o neoliberalismo e a cosmopolitização das finanças. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 995)

Atualmente, da mesma forma que vinha ocorrendo no início do século XXI no Vale do Itajaí, no Vale do Rio Itapocú,

(...) os grupos econômicos ligados ao setor têxtil partiram para a diversificação de seus investimentos, entrando nos ramos alimentício, comercial e financeiro. A indústria têxtil ampliou a cadeia produtiva e disseminou, na região, uma rede de pequenas e médias indústrias dos vestuários, com a formação de um aglomerado de serigrafias, bordadeiras, estamparias e facções domiciliares e industriais.⁴⁸ (GOULARTI FILHO, 2002, p. 997)

A partir desta ótica, o setor na região do Vale do Itapocú se apresenta em um processo de reestruturação – que em um primeiro momento pode ser entendido como objetivando a internacionalização de seus produtos, mas que, em uma análise mais aprofundada, percebe-se a busca do mercado interno, com a alteração, principalmente, do processo produtivo, da mudança de cartela de produtos e do investimento no setor de varejo. Além disso, há a diversificação da aplicação do capital proveniente da atividade em outros setores econômicos, como, por exemplo, a produção de bebidas e a geração de energia.

A mudança no processo produtivo é a mais aparente regionalmente, sendo que a terceirização aparece com mais frequência do que os outros demais itens citados por Clandler (1996) e descritos

⁴⁸ A cidade de Brusque começou a se adaptar para tornar-se, nos anos 90, um grande centro de vendas da indústria têxtil e do vestuário, voltado para pequenos e médios comerciantes. As exportações de têxteis tiveram um aumento contínuo na década, praticamente dobrando a sua participação na pauta de exportação estadual e aumentando em mais de 50,0% na nacional. A diversificação para outros ramos industriais não foi tão acentuada em Blumenau como foi em Criciúma e Jaraguá do Sul, destacando-se algumas indústrias de materiais elétricos de médio porte e os investimentos da WEG e da Kohlbach. (GOULARTI FILHO, 2002, p. 998)

anteriormente. Quanto à mudança na cartela de produtos, o investimento em pesquisa e desenvolvimento de novos materiais e de novas tendências, ligando o setor muito mais ao setor da moda do que o da produção em massa, pode ser percebido pelo lançamento de marcas voltadas ao público infantil, ao público jovem e ao de maior poder aquisitivo. Já com relação aos investimentos no setor de varejo, há uma forte tendência na criação de franquias – lojas exclusivas de produtos das marcas da região – bem como na compra de marcas e franquias já consagradas no mercado nacional. Segundo Buzzarello (2015)⁴⁹, não se pode perceber a produção local voltada ao mercado internacional, mas sim a manutenção da atuação no mercado nacional, assumindo definitivamente o papel competidor com as marcas internacionais e nacionais que dominam o mercado.

Quanto aos requisitos locacionais das empresas, quando da pesquisa de Silva (1997), a escolha do local para a instalação das indústrias do setor metal mecânico, ocorre

(...) de um tipo desenraizado, nossas firmas têm como requisitos locacionais fatores outros (...): como por exemplo a existência de serviços, o custo dos terrenos, a proximidade aos corredores de escoamento da produção, a disponibilidade e o custo da mão-de-obra, ou ainda – o que não é raro, veremos – a simples imitação dos sucessos locacionais já existentes. É preciso estudar como eles se combinam para cada caso particular e momento histórico específico – e isso tanto para um sítio especial quanto para a região mais ampla de instalação (a macrolocalização) das plantas industriais. (SILVA, 1997, p. 171)

Soma-se, à análise locacional de Silva (1997), no caso da região de estudo e no período atual, do setor têxtil – foco desta análise – e do setor metalomecânico – estudado pelo autor –, a forte relação entre o local de nascimento dos fundadores da empresa, com o local de instalação de suas unidades fabris, sendo que este fator apresenta-se, em muitos casos – Weg, Malwee e Marisol – como importante requisito locacional. Entretanto, quando o autor destaca a disponibilidade de mão

⁴⁹ Entrevista concedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

de obra, principalmente no que concerne ao início do processo de industrialização da região do Vale do Rio Itapocu, a disponibilidade e custo, não podem ser levados em consideração quando se trata da instalação e fortalecimento do parque fabril na região. Ora, é notório o esforço realizado por estas empresas em trazer para a região a maior quantidade possível de trabalhadores para ocupar as recém criadas vagas de chão de fábrica oriundas do fortalecimento do setor secundário na região. Estas empresas, por muitas vezes, realizaram caravanas de recrutamento fora dos limites da região, a fim de aumentar a quantidade de trabalhadores empregados nos setores industriais emergentes.

Mas o mais característico fator locacional hodierno presente no nordeste catarinense é mesmo aquele que se relaciona a atração das zonas de baixos salários e/ou incipiente atividade sindical. Estas zonas podem ser tanto internas às cidades, notadamente suas periferias, quando definidas na escala mais ampla do espaço regional – aparecendo, pois, em vários núcleos rurais, ou então, acompanhando a hierarquia urbana da região, nos diferentes centros locais e de primeira e segunda ordem, ainda bastante densos de famílias de agricultores. (SILVA, 1997, p. 174)

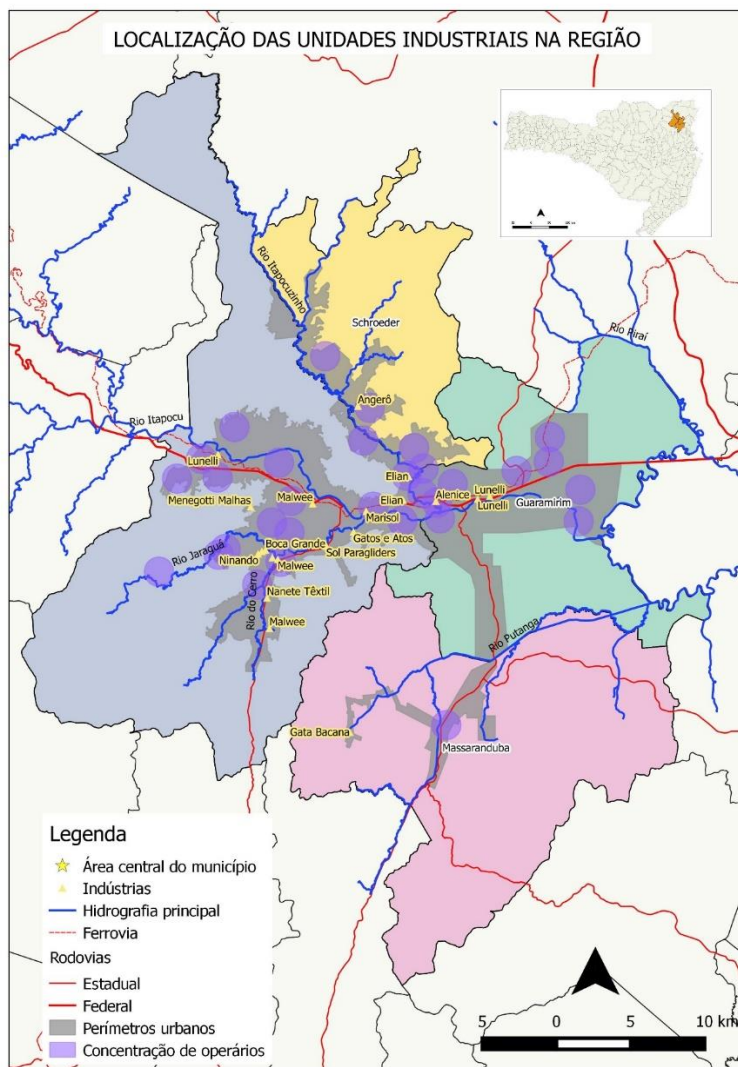
Os trabalhadores que aqui se instalaram para o preenchimento das vagas acabaram por assimilar os baixos salários e a pouca força do sindicato como uma verdade incontestável. Assim, as características dos trabalhadores, citada por Silva (1997), se reproduziram até os dias atuais, dando prova e explicando o por que da atual realidade da classe na região.

A ocupação do espaço por estes trabalhadores trazidos pelas empresas para trabalhar no chão de fábrica levaram a uma organização espacial definindo uma hierarquia urbana. Esta hierarquia urbana fica clara ao se analisar o Mapa 3 que demonstra a localização das empresas no território regional e das periferias criadas por estes trabalhadores. Notadamente, as periferias localizam-se relativamente próximas às sedes das empresas, porém, distantes dos centros urbanos e dos equipamentos públicos de uso comunitário.

A produção deste modelo descrito no final do século XX por Silva (1997) apresentou características que fizeram com que a sua reprodução ocorresse de maneira indefinida até os dias atuais. As

ocupações irregulares que surgem diariamente nos municípios demonstra tal característica.

Mapa 3: Localização das indústrias na Região.



Elaborado por: Suzane Venturin. Fonte: AMVALI, 2016; pesquisas de campo.

No que diz respeito ao processo de deslocamento industrial para a periferias, Silva (1997), ao descrevê-lo, principalmente no que tange o setor metal mecânico do município de Jaraguá do Sul, aponta o papel da empresa Malwee no contexto da região sudoeste do município.

O fenômeno da produção do espaço comandado pelo crescimento industrial aparece igualmente na zona sudoeste da cidade (...). Com efeito, instalada no centro do bairro Barra do Rio Cerro, uma firma como a Malwee, contando com cerca de 3000 empregados, acabou por organizar em toda sua ala oeste verdadeiras bacias cativas de mão-de-obra que se aglomeram hierarquicamente em subúrbios operários (Jaraguá 99) e subúrbios colônia (a localidade de Jaraguá 84, a oeste de Jaraguá 99, Rio Cerro I no caminho para Pomerode) –, estes com acelerado processo de crescimento dos loteamentos clandestinos nos últimos anos. (SILVA, 1997, p.182)

Silva (1997), ainda ao comentar sobre a transferência de plantas industriais para a periferia do município de Jaraguá do Sul, cita a emergência de facções, principalmente nas proximidades da empresa Malwee.

Todavia, é certo que se deve notar que não apenas à Malwee pode ser atribuída a relativa autonomia da zona sudoeste da cidade (...). Para o lado leste da empresa, e nos bairros São Luis, Jaraguá Esquerdo, Barra do Rio Molha, nos deparamos com a forte presença de facções de fundo de quintal que no entanto não trabalham para a Malwee, bastante verticalizada, e que, em boa medida, têm logrado, em não raros casos, se transformar em pequenas empresas bem-sucedidas. (SILVA, 1997, p. 182)

Certo é que, naquele momento, surgiam pequenas empresas autônomas do ramo têxtil, com base no contexto de exploração, que atualmente atuam em um cenário nacional, como é o caso da empresa Ninando, cuja proprietária afirmou, em entrevista, ter aberto sua empresa sem nenhum conhecimento prévio de facção. Ou ainda empresas que surgiram a partir do desligamento de seus proprietários da grande empresa, como o caso da Buzzmaq, que segundo seu sócio proprietário, iniciou as atividades após alguns anos de trabalho na Malwee, que resultaram em experiência na área de mecânica, levando

hoje a empresa à fornecer serviços e peças para mais de 800 clientes na região. (EMPRESÁRIA 01, 2015⁵⁰; BUZZARELLO, 2015⁵¹)

Entretanto, atualmente, as facções que pipocam, em número incontável devido à situação irregular em que se encontram, na região não mais têm a intenção de se transformarem em empresas autônomas, detentoras de marcas de renome nacional. A esmagadora maioria das microempresas que surgiram nos últimos anos na região têm como finalidade, sem a intenção de mudanças, a prestação de serviços terceirizados para as grandes empresas, sendo que, normalmente, cada uma é responsável pela execução de uma operação na fabricação da peça, a saber: tecelagem, tinturaria, estamparia, costura, etiquetagem ou taguiamento⁵², conferência, dobração e expedição. (BUZZARELLO, 2015)⁵³

Daí que, nesta porção da zona sudoeste, o número de empregados que parte para trabalhar na Malwee, ou mesmo noutras zonas industriais, seja bem menor –, e ainda assim conte com parcela não desprezível de operários-colonos vindos da periferia rural-urbana localizada na extremidade sul da zona. (SILVA, 1997, p. 182-183)

Ao mesmo tempo, o autor analisa outras regiões do município, observando a parte leste de Jaraguá do Sul, facilmente percebemos a presença de um bloco industrial que concentra empresas de setores bastante diversos e tamanhos os mais variados. Conforme já nos referimos, trata-se de um distrito industrial do tipo espontâneo que, excetuando-se apenas um caso (a processadora de alimentos Duas Rodas, instalada desde 1925), vem concentrando tanto os investimentos realizados da cidade (Marisol, WEG), quanto as iniciativas industriais mais recentes (Dalmar, Dalcelis, Trapp). (SILVA, 1997, p. 183)

⁵⁰ Entrevista cedida pela proprietária da Empresa Fenalu Confeccções, em Jaraguá do Sul, dia 09 de julho de 2015.

⁵¹ Entrevista concedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

⁵² Processo de colocação de etiquetas de papel nas peças prontas, deixando-as prontas para o envio aos revendedores.

⁵³ Entrevista concedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

Ocorre que este tipo de concentração foi prejudicada devido à legislação relativa ao zoneamento urbano municipal ser repleto de facilidades para o uso misto e conflitante – residencial e industrial –, fazendo com que a especulação imobiliária resultasse na concentração de empreendimentos residenciais de baixo padrão, inviabilizando a instalação de novas plantas industriais no município.⁵⁴ Facilidades de uso misto conflitante resultantes de uma análise, do poder público, equivocada do que deve realmente ser entendido como uso misto.

⁵⁴ “Além de, dada sua pujança, promover, sobretudo por conta das grandes empresas, a ruptura da autonomia das relações residência-trabalho das diferentes zonas industriais da cidade, esse distrito espontâneo (...) do tecido urbano da cidade. Com efeito, pode-se dizer que os bairros Baependi e sobretudo Vila Lalau, que abrigam as empresas do referido distrito, funcionam, pois, como verdadeiros bairros pólos geradores de áreas suburbanas em forma de tentáculos (em parte devido ao relevo) como os bairros Ilha da Figueira, Centenário, e o conjunto Vieira-João Pessoa. Todavia, é preciso que aqui se estabeleça ainda uma diferença. Enquanto o bairro Centenário vai se elitizando pela crescente presença de residências de gerentes e profissionais liberais, que acabam por expulsar os operários mais antigos para as zonas periféricas (alguns permanecem, pela resistência em vender os lotes), o conjunto Vieira-João Pessoa vai se definindo como um grande subúrbio operário de tipo novo –, alias **locus** de abrigo não só dos trabalhadores farâneos – que chegam em grande número –, mas também dos que são expulsos do bairro em processo de modernização. Assim, ao aburguesamento do Centenário, que numa espécie de esboço da expansão residencial do centro, vai se equipando com os melhores serviços urbanos, corresponde, pois, o desenvolvimento degradado dos bairros Vieira e João Pessoa: faltam esgotos, calçamento; proliferam casas de duas ou três peças para famílias de número bem maior do que o dessas divisórias –, não raro apinhados em um mesmo terreno, expressando diferentes momentos de chegada na cidade de uma mesma família: primeiro o pai, depois o filho casado, depois o genro...

Mas é certo também que na zona leste a organização sócio-espacial se faz de modo nuançado, definindo uma hierarquia mais completa do tecido urbano. Assim, entre uma periferia que vai se tornando aprazível como o Centenário e os subúrbios degradados como os bairros Vieira e João Pessoa, situa-se um bairro como a Ilha da Figueira, que não é bem do tipo aprazível, do tipo industrial ou do tipo operário, mas antes uma mistura disso. Por outro lado. Nos fundos dos bairros Vieira e João Pessoa, encontramos as já conhecidas zonas agrícolas repletas de operários-colonos que definem, pois, as mais inferiores situações espaciais do tecido urbano.” (SILVA, 1997, p. 183-184, grifo do autor)

Aliado a isto, a forte atuação do empresariado no momento das definições das especificidades das legislações urbanísticas, em detrimento da participação popular, sendo que os benefícios gerados pela legislação vigente são responsáveis tanto pelo conflito de renda, quanto pelo conflito de terra, além do aumento da especulação imobiliária nas áreas mais providas de infraestrutura.

Silva (1997), ao analisar a evolução do tecido urbano de Jaraguá do Sul, afirma que esta ocorreu em forma de “anastomose espacial”, conceito definido por Mamigonian (1965), sendo que, em cada área do município, localizam-se alguns setores industriais específicos, porém sempre as indústrias convivendo dentro do espaço urbano, com áreas residenciais, dependendo de onde, no momento de instalação, havia espaço e mão de obra. Desta forma, não existe, no município, local onde há uma concentração industrial maior, definida pelo poder público municipal.⁵⁵ No que concerne a localização industrial nos demais municípios da região, as indústrias também acabam se localizando, desde os anos de 1990 até atualmente, de forma

⁵⁵ No caso de Jaraguá do Sul, Silva (1997) descreve como ocorre a distribuição espacial industrial no município. “O centro e sua periferia noroeste, abrigando grandes firmas metal-mecânicas, produziu subúrbios operários de tipo equipados como Vila Lenzi ou mais degradados como os recentes Tifa Martins, Estrada Nova, e outros –; além de, nas margens do perímetro urbano, zonas de transição rural-urbana, caracterizadas como subúrbios-colônia. Este conjunto acabou por se juntar, na zona sudoeste da cidade, a um outro bloco espacial formado pelo crescimento da Malwee que também definiu, notadamente em sua ala oeste, subúrbios colônia – enquanto na porção leste, ao seu menor poder de atração, correspondeu a maior autonomia dos bairros Barra do Rio Molha, Jaraguá Esquerdo e São Luís que, além dos quadros superiores e os operários mais antigos, cresceu abrigando um grande número de pequenos negócios. Por seu turno, esta parte foi se ligando à zona centro-sul da cidade que abriga alguns estabelecimentos industriais importantes como o da Marcato Indústria de Chapéus Ltda. E a primeira unidade a Marisol, recentemente transformada em prédio da prefeitura. Tal conjunto, por assim dizer conector, se liga à zona leste da cidade via bairro Vila Nova, que tem características aprazíveis, bem como através da parte sudeste do próprio centro – esta, pois, sob nítida influência das históricas instalações da firma Duas Rodas, localizada na confluência dos rios Itapocu e Jaraguá. A partir deste ponto, em direção à periferia leste da cidade, o bloco de indústrias que dá lugar ao que chamamos de distrito industrial espontâneo comanda, pois, todo o processo de organização do espaço.” (SILVA, 1997, p. 184 – 185).

espalhada dentro dos perímetros urbanos, porém concentrados nas proximidades das infraestruturas de serviços de escoamento da produção, como no caso da Lunender, em Guaramirim, localizada às margens da Rodovia BR 280, ou das empresas de Schroeder, localizadas, em sua grande maioria, no eixo viário central do município.

Silva (1997) destaca, em seu estudo, a necessidade de se analisar espacialmente a distribuição industrial, por entender que as relações de produção se apresentam no espaço, em sua forma mais acabada.

De fato, é necessário entender a estruturação urbana em causa como a expressão mais acabada das relações de produção e da divisão social e técnica do trabalho firmado na (e produzidas pela expansão da) unidade de produção capitalista: daí que nossos bairros-pólo e periferias aprazíveis estejam se definindo como lugar das firmas, dos bancos, do patronato e do trabalho intelectual (diretores e gerentes); os subúrbios operários mais antigos apresentam uma concentração daqueles que, mais antigos, lograram ascender aos cargos mais bem remunerados de chefia; enquanto os subúrbios operários novos e os subúrbios-colônia (...) abrigam os peões recém chegados e os agricultores rapidamente treinados para os serviços rotinizados de montagem e/ou usinagem mais banal; – além de, crescentemente, aparecerem como zonas de relocação dessas tarefas (terceirizadas ou não) pelas firmas.” (SILVA, 1997, p. 184-185)

Desta forma, analisa-se a já citada terceirização, pela sua expressiva ocorrência em todos os municípios da região e pela importante fonte de vagas de emprego que se tornou. Além disso, o processo de terceirização viabilizou e viabiliza a abertura de novas empresas e a manutenção das já existentes, atuando ambas, fortemente, em todo o mercado regional e nacional. Ainda, o processo de segregação espacial que ocorre na região, quando da localização de novas indústrias, bem como quando da localização das ocupações em seu entorno.

5.1. O PROCESSO DE TERCEIRIZAÇÃO NO SETOR TÊXTIL DO VALE DO RIO ITAPOCU

Para se entender o processo de terceirização é necessária breve contextualização do processo legal em que a questão surge e como busca-se, atualmente, a resolução dos impasses gerados pela forma de produção que se instalou na região. Como já descrito anteriormente, o processo de industrialização da região do Vale do Rio Itapocu, apesar de já demonstrar sua imponência nas primeiras décadas do século XX, passa, atualmente, por uma expressiva reestruturação organizacional e produtiva iniciada já no final do século XX.⁵⁶

No caso brasileiro, a terceirização no setor têxtil vem sendo amplo tema de fóruns de discussão, principalmente, de caráter administrativo. Para os autores que frequentam tais fóruns a terceirização aparece como uma alternativa aos produtos importados e à alta carga tributária praticada no país. Segundo Refosco e Pessoa (2013) os motivos variam, desde aos recursos produtivos, ligados à tecnologia, até a qualificação da mão de obra, que não dá conta da produção local, sendo necessário “(...) repassar o serviço a uma empresa especializada, tendo por objetivo conferir aos produtos maior qualidade e proporcionar um diferencial, como acontecem com as fases de lavagem, bordados, estamparia, tinturaria, entre outros.” (REFOSCO; PESSOA, 2013, p. 05) Assim, transferem a produção para locais, distantes de suas fábricas, afim de reduzir custos e aumentar e melhorar a produtividade, baseados na produção especializada das pequenas empresas.

Além disso, outro ponto destacado pelos autores, diz respeito ao processo de terceirização ter como objetivo a redução dos custos trabalhistas e a eliminação dos vínculos com os empregados, assim como com os encargos sociais, sendo que a partir da terceirização a única ligação que ocorre entre a grande indústria e o prestador de serviços são os contratos de prestação de serviços lavrados entre as

⁵⁶ Fato comprovado pela fundação, em 1938, da Associação Comercial e Industrial de Jaraguá do Sul – ACIJS, pelas empresas localizadas no então território do município de Jaraguá do Sul. (ACIJS, 2015) Como exemplo de empresas provenientes desta época, a Bebidas Max Wilhelm, fundada em Jaraguá do Sul em 1925 (MAX WILHELM, 2015), a Duas Rodas Industrial, também fundada em Jaraguá do Sul em 1925 (DUAS RODAS, 2015), a Firma Weege – que em 1968 deu origem à Malwee Malhas – fundada, em Jaraguá do Sul em 1906 (MALWEE, 2015c), entre outras.

partes. Tais contratos requerem avaliação constante das prestadoras de serviço. (REFOSCO; PESSOA, 2013)

Para o caso da terceirização como um aspecto organizacional dentro de uma empresa, leva-se em consideração, para o estudo específico das indústrias têxteis, o estudo desenvolvido por Rech (2006). A autora, ao analisar a cadeia produtiva da moda, afirma que a reestruturação do setor inicia em meados da década de 1990, com o processo de abertura comercial nacional e que uma das características desta reestruturação é a segmentação da cadeia produtiva, com o deslocamento da produção para locais com menor custo. Ocorre que para as indústrias da região, o que se percebe é um deslocamento da produção para fora da fábrica, não necessariamente para longe da matriz, mas em muitos casos, para empresas terceirizadas, localizadas dentro da própria região em que a fábrica está inserida.

Ainda para a autora⁵⁷,

A sub-contratação, característica do intenso movimento de flexibilização do trabalho que assinala o setor no momento, é um elemento da lógica que induz as empresas de confecção a externalizarem a costura para as oficinas em busca de economia com mão-de-obra. Através da informalidade, as empresas utilizam a terceirização como maneira de baixar os custos trabalhistas, seja através da isenção do contrato de trabalho e das obrigações sociais que lhes correspondem; seja pela remuneração de valores inferiores pelas peças costuradas internamente na fábrica. (RECH, 2006, p. 197)

Para Rech (2006), o processo de terceirização está se tornando cada vez mais consolidado devido à forte disseminação que vem ocorrendo em todas as empresas, independente do tamanho, principalmente no que diz respeito ao aumento da lucratividade quando se trata de grande escala de produção. Ora, obviamente esta é a forma

⁵⁷ A autora analisou uma amostragem de 30 empresas de confecções do município de Florianópolis-SC. Através da análise destes dados coletados pela pesquisadora, no universo de pesquisa, por ela utilizado, os processos de terceirização por subcontratação ocorrem em mais de 50% das empresas analisadas, sendo que o padrão de qualidade dos produtos terceirizados é utilizado como padrão para seleção das subcontratadas, além das relações de preço e confiança.

como as empresas vão tratar as questões de lucratividade, explorando, sempre, o máximo da mão de obra.

Para Buzarello (2015)⁵⁸ a terceirização surge como uma oportunidade para ampliar a produção e para melhorar a escala de atuação das empresas. Afirma ainda, que o processo iniciado de terceirização não terá mais volta, acreditando que, o processo de terceirização da atividade fim deve ocorrer em um tempo curto, pois já ocorre a consolidação da atividade na região. Afirma também que a terceirização se apresenta como uma oportunidade ao trabalhador, onde ele deixa de ser trabalhador explorado para se tornar um microempreendedor.

Mas eu penso que se essa lei da terceirização for aprovada, vai ajudar muito nisso. Que eu não vejo como os sindicatos que dizem que vem isso como um prejuízo para o trabalhador, eu vejo justamente uma visão diferente, eu vejo uma oportunidade. Porque hoje, por exemplo, um amigo meu que montou um MEI (microempreendedor individual), é muito mais trabalhando como MEI do que se tivesse numa empresa trabalhando, é lógico, vai trabalhar muito mais...

Eu vejo facção que começou comigo quando eu montei a loja, os caras hoje estão bem estabilizados. Se profissionalizar na questão do tempo, tira tempo da peça, tira tempo da funcionária, as vezes tu está pagando para a funcionária 20 centavos o minuto e ela não te produz 10, aí é prejuízo. Então eu acho que se for aprovada a lei, vai melhorar muita coisa. Aí ela vai começar a ser mais forte. E assim eu penso no meio e fim, terceirizar e acabou. E aí eu acho que é o caminho, a solução. (BUZZARELLO, 2015)⁵⁹

Entretanto, ao se tornar microempreendedor, o tempo dedicado à atividade laboral é muito maior, uma vez que como funcionário de uma empresa trabalharia 08 (oito) horas diárias, como proprietário de

⁵⁸ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

⁵⁹ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

empresa trabalharia mais, cerca de 12 (doze) horas diárias, afim de obter maior êxito em seus negócios. Além disso entende que a cobrança por produtividade aumentaria, fazendo com que somente os que alcançam as metas mantenham o emprego. Entende, portanto, que quanto mais intensa a terceirização, maior a produtividade, menor o custo de produção e, conseqüentemente, aumento da distribuição de renda. Porém, deve-se analisar criticamente esta distribuição de renda, onde o prestador de serviços está produzindo a baixíssimo custo, com a também baixa remuneração e a maior lucratividade do grande empresário.

O processo de terceirização, apesar de amplamente aplicado na indústria nacional, possui algumas características legais que devem ser observadas. O único instrumento jurídico que rege a terceirização de atividades no Brasil é a Súmula 331 do Tribunal Superior do Trabalho (TST). Segundo tal Súmula, a terceirização deve ser apenas ligada às atividades meio das empresas contratantes, ou seja, as não essenciais ao funcionamento da empresa. Estas, descritas pela súmula, englobam apenas serviços de vigilância, conservação e limpeza, entre outras que sejam ligadas às atividades meio do tomador (BRASIL, 2011). Em teoria, se levada em consideração a Súmula sem interpretações, não há como terceirizar a atividade fim da empresa.

Ainda sobre o tema terceirização, a Lei Federal nº 6.019 de 03 de janeiro de 1974, que dispõe sobre o Trabalho Temporário nas Empresas Urbanas, define as condições para a contratação de pessoas físicas para a prestação eventual de serviços que não podem ser atendidos pela empresa contratante de forma transitória e extraordinária, sendo que o contrato de prestação de serviços não pode exceder o prazo de três (03) meses, exceto quando autorizado pela autoridade trabalhista local. (BRASIL, 1974)

O que se vê, na região de estudo é uma articulação de realidades diferentes, onde as grandes empresas terceirizam para a diminuição de custos e na tentativa de vencer as crises que se instauram no processo de evolução do capitalismo.

A produção interna é cada vez menos, e vai definhando e é cada vez mais custo, o cara não aguenta. Hoje se for olhar é 40% a 50% terceirizado. Eu trabalhei lá [na Malwee] há 25 anos atrás nós cuidávamos de 200 a 250 máquinas cada mecânico, hoje em dia eu fui lá entregar uns documentos para um rapaz, eu cheguei até a ficar

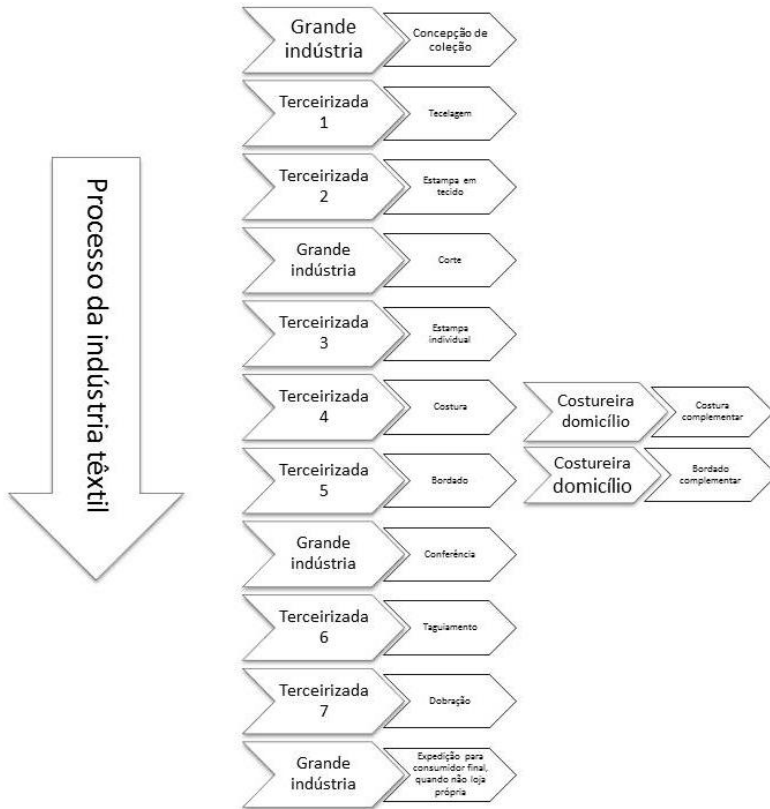
com uma depressão, porque que não tem mais nada, comparado com o que tinha naquela época. Aqui em Jaraguá, eu desconheço alguém que tenha 100% dentro, não existe. A Malwee não tem, Boca Grande não tem, Elian terceiriza, Marisol terceiriza, hoje não tem ninguém. Absoluto que não tem ninguém que faz tudo internamente. Faz alguma coisa internamente, mas a maioria é terceirizado. (BUZZARELLO, 2015)⁶⁰

Já as pequenas empresas percebem no processo de terceirização uma forma clara de enfrentar a concorrência com as grandes empresas, sendo que a diminuição dos custos e o aumento da produtividade proporcionados pela prática da terceirização, compreendem o caminho encontrado por estas empresas para se consolidar no mercado nacional.

O processo de terceirização na maior parte dos casos se mostra nefasto com a empresa prestadora de serviços e imensamente vantajoso para a empresa que irá terceirizar. Nefasto pois a empresa que terceiriza recebe valor ínfimo pela produção, enquanto a maior parte da mais valia é absorvida pela empresa que transfere a sua produção. Ocorre que, na região, o processo de terceirização na indústria têxtil já está imensamente consolidado, como já afirmado anteriormente, levando em consideração a pesquisa qualitativa. O processo como um todo ocorre de modo a obedecer um fluxo lógico da produção, onde as grandes empresas por muitas vezes são responsáveis apenas pela concepção das coleções e pelo envio da mercadoria para o consumidor final, quando não apenas pela administração da circulação da mercadoria entre as muitas prestadoras de serviço. Apesar de não ter tido acesso aos processos de terceirização dentro das grandes indústrias da região, o que se observa da circulação de mercadorias na região pode ser representado por um fluxograma, que demonstra a realidade de uma indústria fictícia que possui apenas os setores de criação e administração em suas sedes. (Figura 1)

⁶⁰ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

Figura 1: Fluxo do processo da indústria têxtil no Vale do Rio Itapocu.



Elaborado por: Suzane Venturin, 2015.

A Figura 1 demonstra o processo da indústria têxtil em sua forma mais extrema, não necessariamente aplicado a todas as indústrias da região. Nele pode-se perceber que a grande indústria é responsável pela menor porção da produção, sendo que terceiriza o máximo possível. O processo é extremo, pois como dito anteriormente somente setores de criação e administração se mantêm diretamente ligados à

empresa mãe. No caso da Malwee, Buzzarello (2015)⁶¹ afirma que a terceirização não ocorre de maneira tão intensa, sendo que apenas parte da produção é terceirizada.

(...) eles estão terceirizando a costura. Porque o corte hoje de confecção é tudo automático. As máquinas de estampa são todas automáticas. As tecelagens e os teares, são cada vez mais rápidas, mais produtivas, então cada vez menos trabalhadores, se antes você usava 05 pessoas para fazer 100 kg, hoje você usa 03 e faz 300 kg/h. Só que a mão de obra da costura além de ela ser hoje deficitária na questão de quantidade e qualidade, eles terceirizam, terceirizam tudo.

Assim, a busca pela redução do custo da produção, aliada à modernização do processo produtivo, faz com que ocorra a reestruturação de todo o setor na região.

Quanto às demais empresas, o que se percebe é a intensificação do processo de terceirização, com um processo muito parecido com o descrito na Figura 1.

(...) por exemplo, se tu for aqui na Sol Paragliders, ela não tem confecção, ela foi já além, ela terceiriza o corte já. Tem umas empresas que são nossos clientes que só fazem “*talhação*”, só corte. E hoje tem empresas também que fazem só a outra parte, a revisão e a embalagem... a “*dobração*” e é. É complicado o mercado têxtil, já estou nele fazem 35 anos, hoje o que eles puderem reduzir de custos na produção, no preço para ficar competitivos... (BUZZARELLO, 2015)⁶²

Além de a grande indústria terceirizar, há o caso de outras empresas, já terceirizadas, repassarem a produção para mulheres que trabalham em casa, sem a garantia de visibilidade social das últimas, gerando um processo de terceirização da terceirização, ou “*quarteirização*”.

E a senhora não pega direto da Lecimar ou...

Não, da Lecimar nós pegamos direto, não pegamos da Gata Bacana direto. Porque precisava

⁶¹ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

⁶² Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

de CNPJ, mas depois a minha filha fez né, porque a gente queria pegar, mas aí ficamos com medo que viesse quantidades grandes. E achamos que não somos em tantas e ficamos com um pouco de medo. Mas a gente borda para quem... Tem mais empresas só que agora no momento eu não me lembro... acho que era uma facção que tinha a Lunender... do filho dele...

A Lunelli? Ano passado a senhora estava bordando para a Lunender?

É mas a gente não pegava direto também. Mas não era só a Lunender era a do filho do Antídio que a gente trabalhava, e era muito bom de trabalhar, mas ela fechou.

Mas do Antídio a senhora pegava direto?

Não, a gente pegava de outra pessoa, é mais é pela quantidade que a gente tinha medo porque nós não somos em muitas. (COSTUREIRA 01, 2015)⁶³

Neste caso, além de captar os bordados de um terceiro que recepa da grande indústria, a costureira entrevistada repassa para outras costureiras, diminuindo ainda mais o ganho final.

Fico com um pouquinho por que eu busco e levo, mas eu fico com centavos, R\$0,10 às vezes R\$0,30... sabe? Só porque eu vou... por que eu ligo bastante, mas se não eu levo bronca do meu marido, porque gasto muito...(risos) mas eu faço porque gosto. (COSTUREIRA 01, 2015)⁶⁴

O processo de “quarteirizar” não ocorre apenas com bordados

E você acha que essas facções que prestam serviços para a Malwee elas acabam terceirizando?

Não essas são registradas. (...) “quarteirizar” tu diz? Não duvido, nada impede de o cara fazer isso.

Não tem controle nenhum.

Desde que ele tenha uma qualidade mínima... não é descartada essa possibilidade do cara

⁶³ Entrevista cedida pela Costureira 01, dona de casa, em Guaramirim, dia 05 de junho de 2015.

⁶⁴ Entrevista cedida pela Costureira 01, dona de casa, em Guaramirim, dia 05 de junho de 2015.

“*quarteirizar*”. Esse mundo ali é gigante.
(BUZZARELLO, 2015)⁶⁵

O que se observa, porém, é que o desenvolvimento econômico das empresas e o aumento de produtividade e de escala de produção vem ocorrendo em detrimento de condições de trabalho nem sempre legais e/ou ideais como prevista em legislação e normatização trabalhista e de segurança no trabalho. Vejamos os exemplos no item a seguir.

5.2. O TRABALHADOR

Os trabalhadores contratados para executar as atividades de modo terceirizado, na região de estudo, são os responsáveis por boa parte da produção da extensa cadeia têxtil presente no local. Esta cadeia têxtil, ou cadeia da moda - como é conhecida por parte dos estudiosos do assunto -, é dividida em cinco partes principais: fiação, tecelagem, beneficiamento, confecção e consumo. Juntamente a estes elos se englobam os serviços de suporte a atividade, que compreendem o suporte mecânico têxtil, fornecimento de equipamentos, produção de softwares, editoras especializadas, feiras de moda, agências de publicidade e comunicação, estúdios de criação em design de moda e funções corporativas. (RECH, 2006) Entretanto, a terceirização aqui tratada, é aquela que atinge somente as atividades de confecção – costura e bordado – e finalização – taguiamento, dobração e embalagem – dos produtos da cadeia têxtil.

As condições em que se encontram tais trabalhadores podem, em um primeiro momento, ser percebidas como análogas à escravidão, sendo apenas um espelho do que ocorre com os processos de terceirização da confecção no Brasil. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego – MTE, o trabalho em condição análoga à de escravo ocorre quando das seguintes situações, seja isoladamente ou em conjunto,

(...) a submissão de trabalhador a trabalhos forçados; a submissão de trabalhador a jornada exaustiva; a sujeição de trabalhador a condições degradantes de trabalho; a restrição da locomoção do trabalhador, seja em razão de dívida contraída, seja por meio do cerceamento do uso de qualquer

⁶⁵ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

meio de transporte por parte do trabalhador, ou por qualquer outro meio com o fim de retê-lo no local de trabalho; a vigilância ostensiva no local de trabalho por parte do empregador ou seu preposto, com o fim de retê-lo no local de trabalho; a posse de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, por parte do empregador ou seu preposto, com o fim de retê-lo no local de trabalho. (MTE, 2015)

Segundo tal classificação, não se percebe a analogia à escravidão, porém a atividade se enquadra na descrição especialmente no que se refere à jornada excessiva de trabalho. Sendo que se pode considerar que as condições descritas nas entrevistas, de jornadas de até 12 horas de trabalho que ocorrem na terceirização da atividade de costura da região estudada, podem vir a se tornar análogas à escravidão. Soma-se a esta jornada excessiva a condição de que a maioria esmagadora das pessoas que prestam este tipo de serviço, o fazem sem registro formal perante quaisquer esferas do Governo.

(...) as funcionárias trabalham no horário delas. Elas começam às 5h da manhã e param 10 para as 15h e aí elas vão embora. Eu descanso de 1h à 1h e 30min, tomo conta da casa, e então eu venho e faço mais umas 2h. (COSTUREIRA 04, 2015)⁶⁶

Porém, das costureiras entrevistadas, a grande maioria que trabalha além da jornada de trabalho de 08 (oito) horas diárias são as proprietárias das facções, que preocupadas com os prazos curtos acabam costurando por até 12 (doze) horas por dia, principalmente quando do fechamento de coleções. Entretanto, nos casos das costureiras que trabalham informalmente, dentro de suas casas, a execução do trabalho ocorre por tempo indeterminado, haja vista a necessidade de grande volume de produção para a satisfação dos prazos e das peças de encomenda, tornando a situação das que trabalham em casa muito mais degradante do que a situação das que trabalham dentro de facções.

Quem tem facção as costureiras que trabalham na facção, fazem as 8h, 10h e vão embora, mas eu as vezes é meia noite e eu ainda estou costurando, as

⁶⁶ Entrevista cedida pela Costureira 04, proprietária de facção, em Jaraguá do Sul, dia 04 de julho de 2015.

vezes as 05 da manhã eu já estou costurando.
(COSTUREIRA 06, 2015)⁶⁷

Segundo a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, em seu artigo cinquenta e oito, a jornada de trabalho não pode exceder a carga diária de 08 (oito) horas, sendo que em seu artigo cinquenta e nove especifica o que pode ser considerado como excedente de horas e como ele deve ser tratado quanto à remuneração,

Art. 59. A duração normal do trabalho poderá ser acrescida de horas suplementares, em número não excedente de 2 (duas), mediante acordo escrito entre empregador e empregado, ou mediante contrato coletivo de trabalho.

§ 1º. Do acordo ou do contrato coletivo de trabalho deverá constar, obrigatoriamente, a importância da remuneração da hora suplementar, que será, pelo menos, 20% (vinte por cento) superior à da hora normal. (BRASIL, 1943)

As jornadas de trabalho excessivas não são, porém, somente de responsabilidade das pequenas fábricas, mas também das empresas que as contratam, uma vez que pressionam para que as entregas sejam feitas sempre em um prazo um tanto quanto curto, conforme constatado em entrevistas.

Depende do pedido, tem o pedido que as vezes é muita coisa e eles dão 03 dias de prazo, e se tu não termina o telefone só toca né, e incomoda muito, mas se tu não atende é falta de respeito, porque quando você quer trabalhar liga, mas quando esta atrasada tem que atender. Eu já atendo com uma voz de desespero (risos) a pessoa tem até pena de mim, mas acho que.... a maioria.... aqui na Caixa d'Água é infestado de fábrica. Só que é assim tem algumas fábricas que eu conheço que só trabalham sozinhas, só a dona, e outras só com uma funcionária. Eles até me perguntam como eu consigo. Para mim é normal, elas sentam na máquina, trabalham, quando é a hora de ir embora, elas vão embora, e no final do mês é

⁶⁷ Entrevista cedida pela Costureira 06, proprietária de fábrica, em Guaramirim, dia 13 de julho de 2015.

contado o quanto elas trabalharam e ganham...
(COSTUREIRA 06, 2015)⁶⁸

A responsabilidade conjunta das grandes empresas e das facções está expressa, mesmo que indiretamente, na CLT, onde consta, em seu parágrafo segundo, do artigo primeiro, que

Art. 1º (...)

§ 2º. Sempre que uma ou mais empresas, tendo, embora, cada uma delas, personalidade jurídica própria, estiverem sob a direção, controle ou administração de outra, constituindo grupo industrial, comercial ou de qualquer outra atividade econômica, serão, para os efeitos da relação de emprego, solidariamente responsáveis a empresa principal e cada uma das subordinadas. (BRASIL, 1943)

Apesar disso, não transparece, em nenhum momento alguma preocupação das grandes empresas com relação às jornadas de trabalho excessivas, exercidas fora das dependências da empresa. Porém, ainda conforme a CLT, em seu artigo sexto afirma que não há distinção entre o trabalho que é realizado na sede da empresa e na casa do empregado, sendo que, deve ser caracterizado os pressupostos de uma relação de emprego.

Quanto ao local de trabalho, a CLT define, em seu artigo 170, que “As edificações deverão obedecer aos requisitos técnicos que garantam perfeita segurança aos que nelas trabalhem.” (BRASIL, 1943) Além disso, define, entre outras, condições mínimas de iluminação e ventilação.

Art. 175. Em todos os locais de trabalho deverá haver iluminação adequada, natural ou artificial, apropriada à natureza da atividade.

§ 1º. A iluminação deverá ser uniformemente distribuída, geral e difusa, a fim de evitar ofuscamento, reflexos incômodos, sombras e contrastes excessivos.

§ 2º - O Ministério do Trabalho estabelecerá os níveis mínimos de iluminamento a serem observados.

⁶⁸ Entrevista cedida pela Costureira 06, proprietária de facção, em Guaramirim, dia 13 de julho de 2015.

Art. 176. Os locais de trabalho deverão ter ventilação natural, compatível com o serviço realizado.

Parágrafo único. A ventilação artificial será obrigatória sempre que a natural não preencha as condições de conforto térmico. (BRASIL, 1943)

Porém, o que se percebe nos locais onde estas costureiras trabalham é a total desconsideração de praticamente todas as regras de segurança no trabalho. Na maior parte dos locais onde as entrevistas foram realizadas, as condições de trabalho são precárias, e quanto menor a facção, piores as condições de infraestrutura. Da mesma forma que as condições de trabalho excessivo são de responsabilidade compartilhada entre empresa contratante e empresa contratada, as condições de segurança no trabalho, também são de responsabilidade compartilhada.

A costureira 02, apesar de não autorizar a gravação da entrevista, ou a fotografia do local de trabalho, o executa nos fundos de sua casa, a exemplo da maioria das facções da região, em uma edícula anexa à casa, em um local pouco iluminado e ventilado, sentada em cadeiras inapropriadas, e em máquinas antigas. O mesmo ocorre com a costureira 03, que apesar de não gravar entrevista, autorizou as fotos do local de trabalho (Foto 1, Foto 2 e Foto 3). A exemplo da costureira 02, as suas condições de trabalho são precárias, em área rural, nos fundos da propriedade da família, em um local úmido e não ventilado, com cadeiras também inapropriadas e maquinário antiquado.



Foto 1: Área de costura da costureira 03. Foto: Suzane Venturin, 15 de junho de 2015.



Foto 2: Área de costura da costureira 03. Foto: Suzane Venturin, 15 de junho de 2015.



Foto 3: Área de costura da costureira 03. Foto: Suzane Venturin, 15 de junho de 2015.

As costureiras 04 e 05, por serem regularizadas, e para tanto, necessitam de avaliação dos órgãos municipais competentes para emissão de Alvará de Localização e Funcionamento, possuem condições mais apropriadas de trabalho, porém, ainda com certo nível de precariedade. Ambas se localizam em prédios com as condições mínimas de trabalho exigidas para emissão de Alvarás. Em ambos casos, as máquinas são mais modernas diminuindo minimamente o desgaste de quem as opera. (Foto 4, Foto 5, Foto 6, Foto 7, Foto 8, Foto 9 e Foto 10)



Foto 4: Área de costura da costureira 04. Foto: Suzane Venturin, 04 de julho de 2015.



Foto 5: Área de costura da costureira 04. Foto: Suzane Venturin, 04 de julho de 2015.



Foto 6: Área de costura da costureira 04. Foto: Suzane Venturin, 04 de julho de 2015.



Foto 7: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.



Foto 8: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.



Foto 9: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.



Foto 10: Área de costura da costureira 05. Foto: Suzane Venturin, 16 de junho de 2015.

A pior situação encontrada, entretanto, foi a da costureira 06, cujas máquinas utilizadas foram todas adquiridas usadas, com tecnologia ultrapassada. O local utilizado para costura é pouco iluminado e pouco ventilado, pequeno e sujo, localizado nos fundos da residência da proprietária da facção, contando com grande umidade. (Foto 11, Foto 12 e Foto 13)



Foto 11: Área de costura da costureira 06. Foto: Suzane Venturin, 13 de julho de 2015.



Foto 12: Área de costura da costureira 06. Foto: Suzane Venturin, 13 de julho de 2015.



Foto 13: Área de costura da costureira 06. Foto: Suzane Venturin, 13 de julho de 2015.

Porém as condições encontradas nas entrevistas não foram as piores registradas na região.

(...) a costureiras não registradas? Tem bastante. Eu rodo nos quatro cantos da cidade, tem máquina costurando em cada buraco que você nem imagina. (...) Tem cada lugar ali. No Viganu Maia na favelinha lá pra cima, fui lá no fundo entregar máquina. Nem carro quase não sobe. Lá em cima tem máquina funcionando. (...) Assim chega a ser nojento, tem que ter um negócio no carro para tu ficar porque é o dia inteiro, suor... é judiado, tem lugar que tu vai assim que tu bota a mão no teto, baixinho, pequeno, é judiado. Mas temos que trabalhar, e eu penso como é que tem gente que consegue ficar 8 horas num lugar desses. Tem uns lugarezinhos complicados, mas assim. (BUZZARELLO, 2015)⁶⁹

Entretanto, não se pode afirmar que as condições de trabalho descritas caracterizam a atividade destas costureiras como uma atividade

⁶⁹ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

análoga à escravidão. O que se pode afirmar é que as condições de trabalho são degradantes e que a exploração do trabalho ocorre de maneira intensa nas facções em que se realizaram as entrevistas, sendo que a exploração maior ocorre a medida em que há a terceirização e piora exponencialmente nas atividades de quarteirização.

Outro ponto que se pode afirmar é que as grandes indústrias lucram na quantidade de trabalhadores explorados, devido a extração de mais valia; já as facções lucram na quantidade de horas explorada de cada trabalhador. Logo, se pensar apenas em um indivíduo, a exploração que ele sofre da indústria é ligeiramente menor, em relação ao seu trabalho, do que os pequenos que tendem a explorar muito mais por indivíduo. Apesar disso, sensação expressa nas entrevistas, pelos entrevistados, é de pouca exploração, de como se o trabalho nas facções nos fundos das casas fosse uma espécie de exploração maquiada, formada pela falsa sensação de estar perto de casa e dos filhos, apesar de trabalharem por muitas horas seguidas. Sensação esta que no que diz respeito à exploração é falsa, pois ela é muito grande sendo o trabalho realizado em casa ou em facções como empregadas. Fato é que o trabalho exercido dentro de suas residências é considerado como muito importante pelas entrevistadas para que elas possam estar próximas às suas famílias, cuidando de seus filhos e extinguindo a dependência e a necessidade de ter que deixar seus filhos com outras pessoas para que pudessem trabalhar.

O pagamento das atividades realizadas pelas costureiras, sendo elas contratadas formalmente ou não, é realizado conforme a produtividade de cada funcionária sendo que cada operação de costura, dobração, taguiamento ou até mesmo bordado, possui um valor específico. Nas entrevistas realizadas, foram descritos valores pagos por operação de R\$ 18,00 – para operações de bordado em peças complexas – até R\$ 0,01 – para operação de costura em cada peça.

(...) as vezes na peça tem 10 operações, mas hoje se tu partir ali para Elian, é a Lenice, a Malwee, todas elas vão pagar em média R\$ 0,35 por minuto de trabalho, depois pode ter R\$ 0,50 a R\$ 0,55, se é uma jaqueta já passa a R\$ 1,50 por peça. Tudo é uma negociação. A camiseta

basicona mesmo, aquela meia malha, isso aí é judiado. (BUZZARELLO, 2015)⁷⁰

(...) isso é muito relativo né porque tipo, tem peça de R\$ 0,80 peça de R\$1,00, tem peça de R\$ 1,50. Tudo depende do processo da peça, cada referência tem um preço. (EMPRESÁRIA 01, 2015)⁷¹

A senhora pode dizer, mais ou menos, quanto recebe por peça? O mínimo e o máximo que já recebeu.

R\$ 0,30, R\$18,00.

Por peça?

Sim por peça por que são peças bem... Gata Bacana é muito complicado. Mas daí a pessoa que a gente pega já ganha bem mais sabe? Mas é muito bordado, muito bordado mesmo.

A senhora sabe quanto ganha essa pessoa que repassa à você?

sei porque eu conhecia alguém que trabalhava lá dentro que dizia, é R\$ 25,00. (COSTUREIRA 01, 2015)⁷²

E o menor valor que a senhora já recebeu por uma peça?

não sei se vai vir mais desses modelos mas era 45 centavos.

E o maior valor?

o maior valor, vamos supor, agora do verão... do inverno o maior valor é R\$ 1,45 é a jaqueta. (COSTUREIRA 06, 2015)⁷³

Além destes valores, citados nas entrevistas gravadas, ainda nas comunicações verbais não gravadas foram descritos outros valores. A Costureira 02⁷⁴ afirma que, por peça, nunca recebe mais do que R\$ 2,00,

⁷⁰ Entrevista cedida por Luiz Carlos Buzzarello, empresário, em Jaraguá do Sul, dia 30 de julho de 2015.

⁷¹ Entrevista cedida pela proprietária da Empresa Fenalu Confeccções, em Jaraguá do Sul, dia 09 de julho de 2015.

⁷² Entrevista cedida pela Costureira 01, dona de casa, em Guaramirim, dia 05 de junho de 2015.

⁷³ Entrevista cedida pela Costureira 06, proprietária de facção, em Guaramirim, dia 13 de julho de 2015.

⁷⁴ Entrevista cedida pela Costureira 02, costureira e dona de casa, em Jaraguá do Sul, dia 14 de junho de 2015.

porém caso a costura tenha sido feita errada, tem a peça devolvida para correção e o valor não é pago pela empresa. Já a Costureira 03⁷⁵ afirma que os valores recebidos variam conforme a peça, sendo que o menor valor pago é R\$ 0,75 por camiseta, R\$ 1,20 por vestido e R\$ 3,00 por jaqueta. Para a Costureira 04⁷⁶ a empresa paga em média R\$1,10 e R\$1,20, sendo que o menor valor pago foi de R\$0,68 e o maior valor pago foi de R\$3,89. A Costureira 05⁷⁷, para cada peça, o valor pago varia conforme o grau de dificuldade de costura e tamanho da peça, a saber: R\$ 0,35 por peça infantil costurada, R\$0,80 por camiseta e blusa feminina, R\$1,00 por calça adulta e R\$2,00 por jaqueta.

Tabela 2: Comparativo entre o valor pago para as facções ou costureiras e valor vendido em loja *online própria* para o consumidor final.

Peça	Valor pago para costureira ou facção	Valor vendido online nos site de uma das empresas
Vestido infantil	R\$ 1,20	R\$ 95,00
Jaqueta infantil	R\$ 3,00	R\$ 129,00
Camiseta adulto	R\$ 0,75 até R\$ 0,80	R\$ 65,00
Calça adulto	R\$ 1,00	R\$ 50,00
Jaqueta adulto	R\$ 2,00	R\$ 150,00

Elaborado por: Suzane Venturin. Fonte: Amazing.Store, 2016.

Como demonstra a Tabela 2, os valores pagos pelas grandes empresas às costureiras de uma forma geral é irrisório se formos analisar o valor embutido neste produto ao se vender para o consumidor final. Sabe-se que, juntamente ao valor do produto estão embutidos outros custos, como transporte, criação, tecelagem, entre outros. Porém, do valor percebido pela costureira ainda deve-se subtrair os gastos com energia, transporte, linha, maquinário e manutenção, além, claro, dos encargos sociais. No caso do emprego de mão de obra não terceirizada, estes custos são absorvidos pela grande empresa e diluídos em todos os produtos. Percebe-se, então, uma tendência à terceirização, não somente

⁷⁵ Entrevista cedida pela Costureira 03, proprietária de facção, em Jaraguá do Sul, dia 15 de junho de 2015.

⁷⁶ Entrevista cedida pela Costureira 04, proprietária de facção, em Jaraguá do Sul, dia 04 de julho de 2015.

⁷⁷ Entrevista cedida pela Costureira 05, proprietária de facção, em Jaraguá do Sul, dia 16 de junho de 2015.

pela redução aparente dos custos da produção, mas também, da diminuição das relações trabalhistas, que não mais estão relacionadas nos encargos do grande capitalista, que defende não somente a ampliação de seu lucro, a despeito da exploração mais intensa possível, da mão de obra pouco especializada empregada nas facções de fundo de quintal.

A opção pelo trabalho em casa, ou pelo menos fora das grandes empresas, em todos os casos entrevistados e em todos os conhecidos informalmente, surgiu como uma alternativa ao trabalho regular para que pudessem tomar conta da casa e dos filhos ainda pequenos. Esta necessidade de se estar em casa, muitas vezes foi retratada, devido à falta de equipamentos públicos de educação nas proximidades das residências. Quando haviam vagas na Educação Infantil públicas, elas eram para o horário regular – 07h30min às 17h – diferente do horário praticado nos três turnos frequentes nas fábricas da região. A partir do momento que os filhos já frequentavam o Ensino Fundamental, o turno das aulas era somente – e ainda hoje é – matutino ou vespertino, mais uma vez inviabilizando a atuação em empregos formais.

Somado à necessidade de ficar em casa, para tomar conta dos filhos, os baixos salários pagos para os demais integrantes da família, obrigam as mulheres a buscarem alternativas para a complementação da renda doméstica. Desta forma, mesmo os valores irrisórios pagos às costureiras, são muito interessantes para a complementação da renda familiar.

Outra face perversa da terceirização percebida na região é a falsa impressão de uma espécie de empreendedorismo individual, relacionada à possibilidade destas mulheres trabalharem sem uma chefia imediata, em suas residências, podendo dar conta da casa e do seu próprio negócio. Ora, estas mulheres não passam de subproletariadas, submetidas às condições mais precárias de trabalho e dotadas de gigantesca invisibilidade social, que culmina com a total informalidade dos serviços prestados ao grande capital industrial regional.

A região, apesar de não demonstrar em uma primeira impressão, é repleta de problemas sociais pela acumulação do capital de forma desigual, característica da formação sócio espacial, problemas estes mais comumente percebidos com relação à falta de acesso aos serviços públicos e à invisibilidade social dos moradores das periferias. A atuação das forças produtivas de forma nociva sobre a formação da classe proletária é a responsável pela geração da realidade local.

Quanto as trabalhadoras das facções e as costureiras que exercem suas atividades laborais em casa, pode-se aplicar o conceito apresentado por Gramsci em 1934, quando escreve sobre os grupos sociais que sempre aparecem à margem da história; à estes grupos, o autor denomina de Subalternos. Os Subalternos são aqueles que, em sua história,

(...) existe tendência à unificação, ainda que em termos provisórios, mas esta tendência é continuamente rompida pela iniciativa dos grupos dominantes e, portanto, só pode ser demonstrada como um ciclo histórico encerrado, se este se encerra com sucesso. Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando se rebelam e insurgem: só a vitória “permanente” rompe, e não imediatamente, a subordinação. Na realidade, mesmo quando parecem vitoriosos, os grupos subalternos estão apenas em estado de defesa, sob alerta. (GRAMSCI, 2015, p.135)

Assim, as costureiras que se apresentam trabalhando de forma individual ainda não conseguem se unir e atuar de maneira independente pois sempre irão sofrer interferências da classe dominante. Ora, quando a costureira almeja, em um futuro crescimento profissional, contratar costureiras para trabalhar para ela e assim, ela obter renda a partir da exploração de mão de obra alheia, ela não está nada mais do que reproduzindo a relação social de exploração da qual é fruto.

Para Gramsci (2015), comumente os grupos subalternos têm origem em diferentes raças, culturas e religiões, ou na mistura delas, em relação aos dominantes. Desta forma, na região de estudo pode-se perceber que os empresários originam-se da colonização inicial da região, enquanto a maior parte do proletariado origina-se de migrantes que vem para a região justamente para suprir as necessidades de mão de obra existentes na região.

Por outro lado, os grupos que dominam a região podem ser classificados como Dirigentes se baseada a análise nos conceitos desenvolvidos por Gramsci (2015). Para o autor, a história da classe dirigente é essencialmente a história dos Estados e dos grupos de Estados.

Mas não se deve acreditar que tal unidade seja puramente jurídica e política, ainda que

também esta forma de unidade tenha sua importância, e não somente formal: a unidade histórica fundamental, por seu caráter concreto, é o resultado das relações orgânicas entre Estado ou sociedade política e “sociedade civil”. (GRAMSCI, 2015, p. 140)

Finalmente, o autor conclui que, por definição, as classes subalternas não são unificadas por definição e também não podem se unificar até o momento em que possam se tornar Estado. Desta forma, sua história, está intimamente ligada à história da sociedade civil. (GRAMSCI, 2015) Assim, para o caso da região de estudo, a única forma de tornar os subalternos como grupo visível e atuante ativo da formação histórica regional há a necessidade de organização de entidades que em conjunto com os grupos represente os interesses de classe e, assim, consiga melhorar as condições de trabalho e reconhecimento social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação industrial da Região de estudo ocorreu no início do século XX, porém com pouca expressividade tanto local, quanto estadual, no período descrito por Silva (2006), para a história econômica de Santa Catarina, como de gênese industrial. A expressividade tanto local, quanto nacional, somente ocorreu no período seguinte, pós II Guerra Mundial – descrito por Silva (2006) como período de crescimento na forma Bola de Neve e por Goularti Filho (2002) como de integração e consolidação da indústria Catarinense – quando do surgimento de indústrias como Marisol, Malwee, Elian e Lunender. Neste momento, o fortalecimento da indústria local levou ao desenvolvimento regional de outros setores econômicos, principalmente os de prestação de serviços para a crescente industrialização local. Porém, a partir dos anos 1990, devido às práticas neoliberais implementadas no país, foi necessário, para manutenção da representatividade nacional das indústrias, o início do processo de reestruturação, visto aqui, principalmente, através das políticas de terceirização.

Tais políticas, utilizadas pelas empresas, provém de técnicas utilizadas para a internacionalização de grandes empresas nacionais. Porém, como a necessidade naquele momento, era fortalecer o seu mercado nacional, aplicaram tais estratégias, descritas por Chesnais (1996) em sua obra que trata da mundialização do capital. Estas foram essenciais para as grandes empresas conseguirem concorrer com a maciça entrada de produtos estrangeiros no mercado nacional.

Dentre estas estratégias, as mais notáveis, para o caso das empresas do Vale do Rio Itapocu, em nível crescente de importância, são: a) a formação de grupos empresariais, com a atuação nas mais diversas áreas da economia; b) a fusão com outras empresas e aquisição de novas marcas para aumentar o público consumidor; e c) a terceirização da produção como um todo.

A primeira estratégia, que diz respeito à formação de grupos empresariais e a diversificação das áreas de atuação, na região aparece com mais ênfase na atuação no varejo. Neste caso, os investimentos do setor industrial no setor de comércio evitam a transferência de mais valia para outros grupos capitalistas, fazendo com que o capitalista industrial consiga absorver mais lucro do que antes. A segunda estratégia, que diz respeito à fusão entre empresas e principalmente a

aquisição de novas marcas, aumenta a área de abrangência e o mercado consumidor de seus produtos.

Já a última estratégia, que diz respeito a transferência de produção através da terceirização, a mais importante e mais observada na região, leva a diminuição dos custos na produção pela redução absoluta de investimentos das empresas em maquinário e manutenção, sendo que este fica totalmente a cargo das empresas terceirizadas, assim como os implementos para costura e encargos sociais. Os encargos sociais, porém, muitas vezes nem existem nas empresas terceirizadas, devido, à informalidade das relações trabalhistas existentes nestes locais, ocorrendo uma grande intensificação do que Silva descreve em 2004 como divisão espacial interna do trabalho. A produção “sem gordura de pessoal”, descrita por Chesnais (1996), explica a necessidade de terceirizar a produção.

A mão de obra existente na região é proveniente da expropriação do campo que ocorreu pós Revolução Verde, sendo que, na maior parte dos casos, os trabalhadores já residiam em cidades pois já haviam passado por um processo de êxodo rural. Esta população, que vivia, normalmente, na periferia das pequenas cidades dos estados do Paraná e de Santa Catarina foi atraída para a região do Vale do Rio Itapocu através das promessas de emprego e renda e das condições de vida que lhes eram oferecidas em um momento de ápice da indústria regional.

Em alguns casos, esta mão de obra atraída para a região, se instalou em áreas rurais, formando o que Silva (1997; 2004) descreve como operários-colonos, porém em um contexto mais contemporâneo do que o apresentado pelo autor. Estes operários-colonos acabam por conciliar as atividades no meio rural, com a atuação na indústria têxtil, ou na prestação de serviços para a indústria têxtil, sendo que na maior parte dos casos, parte da família trabalha no setor primário e parte no setor secundário. Em outros casos a mão de obra atraída se instala nas periferias regionais, porém sem ligação com a atividade rural formado o exército de reserva.

Porém, devido às crises do sistema capitalista, esta mão de obra, tanto a ligada à atividade rural, quanto a que não estava ligada à esta atividade, porém que atuavam, inicialmente, diretamente na indústria têxtil ou eletro metal mecânica fica ociosa e aumenta o já formado “exército de reserva” descrito por Marx. É este “exército de reserva” que vai atuar nas chamadas facções para garantir a sobrevivência de suas

famílias nas cidades onde eles se instalaram. Assim, de forma a garantir a sobrevivência, estes indivíduos se colocam, devido à falta de opção local, na informalidade. Desta forma, o contexto geral da região acaba por gerar problemas sociais, ligados à ocupação de áreas impróprias para residir, desemprego estrutural, falta de equipamentos públicos de saúde, assistência social, educação e lazer.

Podemos diferenciar, então, a classe burguesa atuante no setor têxtil e confeccionista em duas classes: a) os burgueses proprietários de grandes empresas: que exploram o proletariado indiretamente no caso da terceirização da produção; e b) os burgueses proprietários de pequenas empresas: que exploram o proletariado diretamente, são aqueles que prestam serviço para as grandes empresas, mas que possuem o maquinário e exploram a mão de obra formal de costureiras, ou seja, os proprietários das facções.

Já a classe proletária da região, atuante na facção, em três subclasses: a) proletários exploradores: são aqueles que prestam serviço para as grandes empresas, que usam maquinário alugado e exploram a mão de obra formal de costureiras, ou seja, os proprietários das facções; b) proletários explorados: são aqueles que vendem a sua força de trabalho formalmente, com horário e salário fixos, com direitos e deveres garantidos em Leis Federais, ou seja, os funcionários da facção; e c) subproletários: são aqueles subcontratados pelas facções, informais, que prestam serviço em suas casas, ou seja, as costureiras a domicílio. Há, ainda, as costureiras que possuem maquinário próprio e que prestam serviços, de maneira autônoma, para grandes empresas e facções, estas não podem ser classificadas como proletários nem como burgueses, mas sim um grupo a parte da classificação proposta pela análise aqui proposta. Todos estas subclasses de proletários podem ser entendidas como subalternos, conforme classificação de Gramsci de 1934. Acima desta classe proletária, a classe Burguesa, esta sim possuidora de todos os meios de produção, que exploram a mão de obra de todas as faixas dos proletários, que vendem a sua força de trabalho como única forma de subsistência, já classificada anteriormente.

Os burgueses proprietários de grandes empresas são os que, no processo de formação sócio espacial da região, acumularam capital e abriram as empresas, ou seja, são os provenientes do processo de diferenciação social da região, compostos por descendentes de imigrantes europeus que se instalaram na região. Os burgueses proprietários das pequenas empresas são os que se retiram da classe

proletária e criam empresas que normalmente prestam serviços à outras empresas maiores ou menores. Este grupo é de formação diversa, dos descendentes de migrantes europeus que se instalaram na região e que, no processo inicial de diferenciação de classe, se posicionaram como proletários, e dos migrantes que vêm para a região para suprir as necessidades de mão de obra existentes na região a partir do processo de industrialização.

Os proletários exploradores são aqueles que em um dado momento se afastam das atividades laborais na indústria têxtil e que alugam ou emprestam máquinas de costura e exploram mão de obra para a terceirização das atividades das grandes empresas. Os proletários explorados são aqueles que vendem a sua mão de obra de forma legalizada. Estes atuam nas fábricas ou nas grandes empresas, podendo ser utilizados de forma direta ou indireta na produção. Já os subproletários são aqueles que atuam sem a legalização de sua atividade, em casa ou em fábricas, com maquinário emprestado ou alugado. Outra classe é aquela em que se enquadram os indivíduos que possuem maquinário próprio, porém não exploram a mão de obra de terceiros, mas somente atuam prestando, eles mesmos, serviços para as fábricas e grandes empresas. Nos quatro casos, os grupos são formados principalmente por mulheres que buscam a atividade como uma forma de cuidar da casa e da família e ao mesmo tempo aumentar a renda domiciliar. Tais proletários são provenientes do processo migratório inicial da região, bem como do processo de migração da segunda metade do século XX. Quanto a exploração da mão de obra proletária, ela ocorre de maneira progressiva. Ora, quanto mais afastado do capitalista está o proletário, mais ele foi explorado e menos ele recebeu pela venda de sua força de trabalho. Este valor obtido por esta venda de força de trabalho dos subproletários, base da cadeia produtiva, é absorvido primeiramente e em menor valor pelos proletários explorados, posteriormente pelos proletários exploradores e finalmente pelos burgueses, crescendo gradativamente para cada classe que o valor passa.

No sistema que está posto na região do Vale do Rio Itapocu, as fábricas compreendem papel fundamental no processo de circulação da mercadoria, pois, a partir delas, as grandes empresas conseguem atingir uma alta produtividade através de mão de obra barata e sem a responsabilidade previdenciária e social. Somente com a ação destas fábricas é que a produção atinge níveis elevados e confere à grande empresa a possibilidade de atingir o mercado nacional como um todo.

Porém, para que esta produtividade seja elevada, há a exploração da mão de obra feminina, sem as devidas condições de salário e salubridade.

Cabe, ainda, a reflexão acerca da classe operária. Esta classe, no caso específico do objeto de estudo, as trabalhadoras terceirizadas, somente conseguirá atingir condições favoráveis de trabalho e reconhecimento, a partir do momento em que se reconhecerem como classe e assim, se unirem, a exemplo do que Gramsci define em 1934 como solução para a condição da classe subalterna. Enquanto forem tratadas como iniciativas empreendedoras, isoladas entre si, não conseguirão lutar para traçar um caminho de mudanças sociais de classe. Estas costureiras necessitam entender a sua posição na cadeia produtiva têxtil e o tamanho de sua responsabilidade no sistema de circulação das mercadorias. Assim, e somente assim, poderão alcançar o respeito aos seus direitos e o real reconhecimento de seu trabalho, pela importância que ele possui no Modelo de Sistema Capitalista instaurado na região de estudo. Estão incluídos nesta necessidade as ações integradas dos sindicatos que defendem as classes trabalhadoras, sendo que somente assim pode-se extinguir a falsa ideia de empreendedorismo que o processo de terceirização passa para aqueles que prestam serviço de forma explorada, diminuindo, conseqüentemente, a alienação destes prestadores de serviços.

Assim como Lucáks (1981) trata em sua obra, a burguesia somente consegue ser o motor das revoluções porque ela se reconhece como classe e, como tal, atua de forma conjunta. Da mesma forma, o proletariado, no caso, as costureiras, necessita conhecer a si mesmo como classe para aí sim conseguir ser o motor das revoluções e atingir os objetivos comuns à classe.

Observa-se, na região a formação de uma nova divisão regional do trabalho, ou uma divisão interna do trabalho, compreendendo tanto as fábricas, quanto as costureiras que prestam serviço para estas fábricas. Sendo que tanto a primeiras quanto as segundas estão em posição de prestadoras de serviços, direta ou indiretamente, para a grande indústria têxtil. Desta forma, o que se vê é uma empresa produtora de roupas, que não possui, em seu quadro de funcionários, nenhuma costureira.

Desta forma, as empresas, que possuem costureiras, mas que contam com sede pequena, quando há aumento de demanda, terceiriza a sua produção, quando não há muita demanda, fica somente com a produção da sede, podendo ser este um sinal de flexibilidade da indústria

frente às oscilações do sistema capitalista. Assim, pode aumentar a produção sem aumentar a sede. Ainda se exime de toda e qualquer responsabilidade trabalhista acerca dos trabalhadores que ficam sem trabalhar em momentos de baixa produção.

O que se observa é que quanto menor a empresa de roupas, menos exigências ela faz, tanto em relação à qualidade do produto, quanto em relação à legalização das costureiras. Sendo que quanto maior a empresa, maior também é a exigência da legalidade das suas prestadoras de serviço. Porém, em ambos os casos, não há, hoje, forma de controle desta produção “quarterizada”, devendo-se, então, buscar solução para esta problemática estrutural da região.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIJS, Associação Empresarial de Jaraguá do Sul. Década de 1930 – Nasce o associativismo em Jaraguá do Sul. Disponível em <http://acijs.com.br/blog/decada-de-1930-nasce-o-associativismo-em-jaragua-do-sul/>, acesso em 15 de setembro de 2015.

AMAZINGSTORE, Loja virtual do Grupo Marisol. Disponível em: <http://www.amazingstore.com.br/>, acesso em 20 de junho de 2016.

AMVALI, Associação dos Municípios do Vale do Rio Itapocu. SIGAMVALI. Disponível em: <http://sig.amvali.org.br/>, acesso em 10 de junho de 2016.

ARAGÃO, Marianna. Marisol afunda uma marca atrás da outra. Revista Exame, 16 de março de 2012. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/1012/noticias/comprar-para-que>, acesso em 22 de fevereiro de 2015.

BASTOS, José Messias. O comércio de múltiplas filiais no Sul do Brasil. São Paulo, SP, 2002. 186 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2002.

BENETTI, Estela. Quando a marca infantil vira personagem. Diário Catarinense, Florianópolis, 20 de julho de 2014. Estela Benetti, página 20.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 5.452, de 1º de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm, acesso em 20 de novembro de 2015.

_____. Lei n.º 6.019, de 03 de janeiro de 1974. Dispõe sobre o Trabalho Temporário nas Empresas Urbanas, e dá outras Providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6019.htm, acesso em 20 de novembro de 2015.

_____. Tribunal Superior do Trabalho. Súmula nº 331. Contrato de Prestação de Serviço. Legalidade. 2011. Disponível em: http://www3.tst.jus.br/jurisprudencia/Sumulas_com_indice/Sumulas_In_d_301_350.html#SUM-331, acesso em 20 de novembro de 2015.

BUZZARELLO, Luiz Carlos. Sócio Proprietário da Empresa Buzzmaq. Entrevista. Jaraguá do Sul, 09 de julho de 2015.

CARDOSO, José Álvaro de Lima. Reestruturação produtiva e mudanças no mundo do trabalho: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina. Florianópolis, 2002. 279 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

CASSOL, Ernesto. PIRAN, Nédio. Formação Geo-História de Erechim. In: Revista Perspectiva, Erechim, v. 1, p. 7-54, set. 1975.

CHANDLER, A. Escala, escopo e capacidade organizacional. In: Alfred Chandler: Ensaio para uma teoria histórica da grande empresa. Org: McCRAW, ThomasK. Trad: Luiz Alberto Monjardim. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1988.

CHESNAIS, François. A Mundialização do Capital, Tradução Silvana Finzi Foá, São Paulo, Xamã, 1996.

COIMBRA, Melissa Gabriela Lopes Barcellos; ORCHARD, Maria Soledad E.. As trabalhadoras da indústria têxtil-vestuarista de Jaraguá do Sul SC: conflitos étnicos e a precarização do trabalho. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT1_Melissa%20Gabriela%20Lopes%20Barcellos.pdf, acesso em 20 de julho de 2015.

COSTUREIRA 01. Dona de casa. Entrevista. Guaramirim, 05 de junho de 2015.

COSTUREIRA 02. Costureira e dona de casa. Entrevista. Jaraguá do Sul, 14 de junho de 2015.

COSTUREIRA 03. Proprietária de facção. Entrevista. Jaraguá do Sul, 15 de junho de 2015.

COSTUREIRA 04. Proprietária de facção. Entrevista. Jaraguá do Sul, 04 de julho de 2015.

COSTUREIRA 05. Proprietária de facção. Entrevista. Jaraguá do Sul, 16 de junho de 2015.

COSTUREIRA 06. Proprietária de facção. Entrevista. Guaramirim, 13 de julho de 2015.

DUAS RODAS. Empresa, Origem. Disponível em: <http://www.duasrodas.com/empresa>, acesso em 30 de setembro de 2015.

DESA. Dobrevê Energia S.A.. Disponível em: <http://www.desa.com.br/pt/principal.aspx>, acesso em 22 de fevereiro de 2015.

DOOB, Maurice. Crescimento do Proletariado. In: DOBB, Maurice. A evolução do Capitalismo, 7ª ed., trad. M. do R. Braga, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

EMPRESÁRIA 01. Proprietária da Empresa Fenalu Ninando. Entrevista. Jaraguá do Sul, 09 de julho de 2015.

GOULARTI FILHO, Alcides. Formação Econômica de Santa Catarina. 2ª Ed. Ver.. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

_____. A formação econômica de Santa Catarina. In: Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 23, n.2, p. 977-1007, 2002. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/download/2049/2431+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Volume 5. O Risorgimento, notas sobre a história da Itália. Edição e tradução de Luiz Sérgio Henriques; coedição, Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LAPIDUS, Losif; OSTROVITIANOV, Konstantin. O capital comercial e o lucro comercial. In: LAPIDUS, Losif; OSTROVITIANOV, Konstantin. Princípios de Economia Política. Belo Horizonte: Aldeia Global, 1944.

LUKÁCS, Georg. Prefácio (1967). In: História e Consciência de Classe; Tradução de Rodnei Nascimento, São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____. O marxismo ortodoxo. In: LUCÁKS, Georg. Georg Lucáks: Sociologia. São Paulo: Ática, 1981.

LUNELLI, Grupo. História. Disponível em: http://www.grupolunelli.com.br/?utm_source=site-lunender&utm_medium=site&utm_content=link-rodape&utm_campaign=alto-verao-2014-2015, acesso em 20 de fevereiro de 2015.

LUNENDER. Lojas. Disponível em: <http://lezalez.com/lojas>, acesso em 22 de fevereiro de 2015.

MALWEE. Grupo Malwee. Nossas Unidades. Disponível em: <http://www.grupomalwee.com.br/sobre-o-grupo/#nossas-unidades>, acesso em 20 de fevereiro de 2015a.

_____. Lojas Conceito. Disponível em: <http://www.malwee.com.br/colecao/lojas-conceito.php>, acesso em 22 de fevereiro de 2015b.

_____. Grupo Malwee. História. Disponível em: <http://www.grupomalwee.com.br/sobre-o-grupo/#historia>, acesso em 23 de fevereiro de 2015c.

MAMIGONIAN, A. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. In: Boletim do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente: Presidente Prudente, 1969.

_____. A. Tecnologia e Desenvolvimento Desigual no Centro do Sistema Capitalista. In: Revista do Centro de Ciências Humanas, n° 2. Florianópolis: CCH/UFSC, 1982.

_____. Introdução ao Pensamento de Ignácio Rangel. In: Revista Geosul (UFSC), Florianópolis, v. 02, n. 03, 1987.

_____. Kondratieff, ciclos médios e organização do espaço. In: Revista Geosul (UFSC), Florianópolis, v. 28, n. 14, 1999.

_____. Teorias sobre a Industrialização Brasileira. In: Cadernos Geográficos (UFSC), Florianópolis, n. 02, 2000.

MARISOL, Relatório anual Marisol 2010. Disponível em: http://www.marisolsa.com.br/relacao_investidores/balanco_social_2010.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

_____. Canais. Disponível em: <http://marisolsa.com.br/>, acesso em 22 de fevereiro de 2015.

MARX, Karl. Prefácio. In: Contribuição à Crítica da Economia Política. 2ª Edição. Tradução: M. H. Alves. São Paulo. Martins Fontes, 1983a.

_____. O método da Economia Política. In: Contribuição à Crítica da Economia Política. 2ª Edição. Tradução: M. H. Alves. São Paulo. Martins Fontes, 1983b.

_____. A Maquinaria e Grande Indústria (Capítulo XIII). In: MARX, Karl. O Capital: Crítica à Economia Política. Volume I. Livro Primeiro. O Processo de Produção do Capital. Tomo 2. Editora Abril, 1984

_____. A introdução. I. Produção, consumo, distribuição, troca (circulação). In: MARX, Karl. Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857 – 1868 – esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro. Ed: UFRJ, 2011.

MAX WILHELM. Empresa. Disponível em: <http://www.maxwilhelm.com.br/index.php?start=2>, acesso em 15 de setembro de 2015.

MENEGOTTI, Malhas. Institucional. Disponível em: <http://www.menegotti.com.br/pt/institucional>, acesso em 25 de junho de 2016.

MTE, Ministério do Trabalho e Emprego. Combate ao Trabalho em Condições Análogas às de Escravo. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/index.php/fiscalizacao-combate-trabalho-escravo>, acesso em 20 de novembro de 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 1ª edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PIRES, Elson Luciano; VERDI, Adriana Renata. “A mobilização dos territórios para o desenvolvimento dos arranjos produtivos locais: gênese, aspectos conceituais e bases metodológicas”. In: SILVEIRA, Márcio Rogério; LAMOSO, Lisandra Pereira; MOURÃO, Paulo Fernando (Orgs.). Questões Nacionais e Regionais do Território Brasileiro. São Paulo, Ed. Expressão Popular, UNESP, 2009.

RANGEL, Ignácio. Dualidade básica da economia brasileira. 2ª edição. Instituto Ignácio Rangel: 1999.

_____. Dualidade básica da economia brasileira. (1957). In: Obras reunidas. C. BENJAMIN (org.). Vol. 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

RECH, Sandra Regina. Cadeia Produtiva da Moda: um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Florianópolis, 2006.

REFOSCO, Ereany; PESSOA, Juliana. A terceirização nas indústrias de vestuário, 2013. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/ARTIGOS-DE-GT/Artigo-GT-Design-e-Processos-de-Producao-em-Moda/A-terceirizacao-na-industria-de-vestuario.pdf, acesso em 15 de setembro de 2015.

SEBRAE. Financiamento. Um anjo pode investir na sua ideia. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/Um-anjo-pode-investir-na-sua-ideia>, acesso em 19 de fevereiro de 2015.

SINGER, Paul. Aprender Economia. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SILVA, Marcos Aurélio da. A indústria de equipamento elétrico do nordeste catarinense: um estudo de geografia industrial. Dissertação (Mestrado em Geografia), Depto. de Geografia, FFLCH-USP, São Paulo, 1997.

_____. As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista do nordeste catarinense (uma nota crítica). In: Revista Geosul (UFSC), Florianópolis, v. 14, n. 28, 1999.

_____. Mudanças geoeconômicas no capitalismo da segunda metade do século XX. In: In: Revista Geosul (UFSC), Florianópolis, v. 16, n. 31, 2001.

_____. Reestruturação industrial na zona de colonização alemã catarinense: o caso do complexo têxtil. In: Revista Geosul (UFSC), Florianópolis, v. 19, n. 37, 2004.

_____. O processo de Industrialização no Sul do Brasil. Cadernos Geográficos, nº 15, maio de 2006.

TORRES, Alexandra Sanglard. A internacionalização da moda brasileira – o caso da Marisol S.A.. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas. Rio de Janeiro, 2010.

WAIBEL, L. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. 2ª Edição Anotada. Rio de Janeiro, IBGE, 1979.

8. APÊNDICE

8.1. QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS COSTUREIRAS

1. Como é o seu nome?
2. Autoriza a utilização e publicação de sua entrevista em meu trabalho de dissertação de mestrado?
3. Como e quando a sua família veio morar em Jaraguá do Sul?
4. Como e quando começou a trabalhar em casa com dobração, costura ou bordado para as malharias?
5. Já trabalhou em alguma malharia? Se sim, como e quando saiu?
6. Como ocorre a contratação de seus serviços?
7. Para quais empresas já realizou atividades em casa?
8. Qual a quantidade de peças produzidas por mês?
9. Qual maior e menor valor já pago pelos seus serviços por peça?
10. Como ocorre o pagamento pelas atividades desenvolvidas?
11. É registrado em alguma empresa ou paga INSS como autônomo?
12. As peças vem diretamente das fábricas ou são pegas em fábricas?
13. Quem na sua casa trabalha com esta atividade?
14. Por que optou em trabalhar em casa?
15. Na vizinhança, conhece quantas pessoas que trabalham em casa com dobração, costura ou bordado?

8.2. QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PEQUENAS EMPRESAS

1. Como é o seu nome? Pode escrever seu nome completo para mim?
2. Autoriza a utilização e publicação de sua entrevista em meu trabalho de dissertação de mestrado?
3. Qual o nome de sua empresa?
4. Como e quando a sua família veio morar em Jaraguá do Sul?
5. Como e quando começou a trabalhar em casa com dobração, costura ou bordado para as malharias?
6. Já trabalhou em alguma malharia? Se sim, como e quando saiu?
7. Como ocorre a contratação de seus serviços?
8. Para quais empresas já realizou atividades?
9. Qual a quantidade de peças produzidas por mês?
10. Qual maior e menor valor já pago pelos seus serviços por peça?
11. Como ocorre o pagamento pelas atividades desenvolvidas?
12. Sua empresa tem quantos funcionários?
13. As peças vem diretamente das fábricas ou são pegas em outras facções?
14. Há alguma parceria com outras facções ou com costureiras independentes?
15. Seus funcionários são moradores da vizinhança?
16. Quem na sua casa trabalha com esta atividade?
17. Por que optou em trabalhar em casa?
18. Na vizinhança, conhece quantas pessoas que trabalham em casa com dobração, costura ou bordado?

8.3. QUESTIONÁRIO APLICADO À INDÚSTRIA TÊXTIL

1. Qual a Razão Social (S/A ou LTDA) e Nome Fantasia da empresa?
2. Qual é o Capital Atual da empresa e como funciona o controle acionário (Distribuição de porcentagem segundo sócios, grupos econômicos e evolução histórica)?
3. Quais filiais que compõem o grupo empresarial e os respectivos ramos de atividade.
4. Quais são as principais linhas de produtos da empresa mãe e das filiais? Como foi a evolução da empresa ao longo de sua história?
5. Em quais mercados, segundo as linhas de produtos que a empresa atua?
6. Quais são as estratégias de comercialização da empresa: através de *trading*, através de terceiros, franquias, acordos estáveis, estratégia *Turn Key*, ou não há definição de estratégias. Quais são as formas de transporte das mercadorias, seus custos e seus prazos?
7. Qual o faturamento total anual da empresa e quanto deste faturamento aparece em cada uma das diferentes linhas de produtos da empresa?
8. Qual a concorrência enfrentada pela empresa por marcas nacionais e internacionais e em ambos os mercados?
9. Houve algum tipo de pioneirismo na empresa? Qual?
10. Ocorreu a incorporação de outras empresas à empresa mãe? Quando ocorreram, quais foram as incorporações e quais os ramos de atuação delas?
11. A empresa trabalha com o mercado internacional? Se sim, em quais países atua e qual foi a estratégia utilizada pela empresa para exportar a produção?
12. No mercado nacional, quais são os estados em que atua e qual a estratégia para ampliação do mercado consumidor nacional?
13. Quais foram as principais etapas que a empresa passou a partir da década de 1990 e quais as características de cada uma destas etapas: faturamento, número de empregados, aprimoramento tecnológico, produtividade e os mercados alcançados?
14. Como ocorre o processo de desenvolvimento tecnológico dentro da empresa? Há um setor específico de pesquisa e desenvolvimento com

funcionários próprios ou são adotadas medidas desenvolvidas em outras empresas do ramo?

15. Como funciona o desenvolvimento de novos produtos e coleções? Há uma equipe interna tratando destes assuntos? Se sim, há quanto tempo ela existe e como ela funciona?

16. Quanto às contrapartidas oferecidas aos empregados: adota a concessão de gratificação, bônus, participação nos lucros?

17. No caso do controle de qualidade, em quais etapas aplica?

18. Adota a subcontratação ou terceirização de tarefas ou partes e peças? Desde quando adota? Qual a porcentagem dos fornecedores envolvidos no total da produção, qual a localização destas empresas terceirizadas e quais tipos de peças são mandados para a terceirização?

19. Se há terceirização, em que etapas da produção são adotados processos terceirizados? Há fornecimento de matérias primas, componentes, desenhos, moldes e ferramentas ou máquinas ao subcontratado? Estes subcontratados são ex-funcionários ou antigos fornecedores? Qual o tipo de relacionamento desenvolvido com estes subcontratados?

20. A empresa trabalha a domicílio para a montagem de partes e peças?

Todos os entrevistados autorizaram a publicação das entrevistas, porém, devido ao teor das mesmas, por questões trabalhistas, o nome não será divulgado, sendo que serão tratadas apenas como costureiras e ou empresários.

8.4. COSTUREIRA 01

A senhora sempre trabalhou com costura?

Costureira 01: Eu sempre trabalhei um pouco com bordado com costura eu sempre trabalhei um pouco.

A senhora me contou que trabalhava na Marlan... Trabalhou por quanto tempo lá?

Costureira 01: 09 anos.

E saiu por quê?

Costureira 01: Saí porque a gente atendia excursões e também trabalhava na fábrica nos horários que não tinha nada na loja, daí a gente trabalhava. Daí parou as excursões e eu parei de trabalhar. Depois eu voltei a trabalhar com eles na fábrica empacotando peças. Mas eu trabalhei mais ou menos 09 anos na Marlan e daí eu fiquei em casa porque eu bordava eu fazia tricô, eu fazia tudo essas coisas sabe? E fui pagando também para eu poder me aposentar.

E quando a senhora começou a pegar coisas para bordar para grandes empresas?

Costureira 01: Deve fazer uns 08 anos. Eu bordo e eu também passo para as minhas vizinhas e aí todo mundo ajuda a bordar né.

E a senhora Borda para que empresa?

Costureira 01: Para a Gata Bacana.

Já bordou para outras?

Costureira 01: Para a Lecimar, fazia também Formitz. E agora quando eu parei com a Formitz a minha irmã continuou.

E a senhora não pega direto da Lecimar ou...

Costureira 01: Não, da Lecimar nós pegamos direto, não pegamos da Gata Bacana direto. Porque precisava de CNPJ, mas depois a minha filha fez né, porque a gente queria pegar, mas aí ficamos com medo que viesse quantidades grandes. E achamos que não somos em tantas e ficamos com um pouco de medo. Mas a gente borda para quem... Tem mais empresas só que agora no momento eu não me lembro... acho que era uma facção que tinha a Lunender... do filho dele...

A Lunelli? Ano passado a senhora estava bordando para a Lunender?

Costureira 01: é mas a gente não pegava direto também. Mas não era só a Lunender era a do filho do Antídio⁷⁸ que a gente trabalhava, e era muito bom de trabalhar, mas ela fechou.

Mas do Antídio a senhora pegava direto?

Costureira 01: Não, a gente pegava de outra pessoa, é mais é pela quantidade que a gente tinha medo porque nós não somos em muitas.

E todas as senhoras que costuram contigo são informais? Sem carteira assinada, CNPJ...

Costureira 01: Nada, Nada, Nada...

Algumas pagam o...

Costureira 01: Elas pagam, elas pagam. Mas nós só bordamos porque elas fazem o trabalho todo em casa e daí nas horas de folga, quer dizer, elas se organizam para fazer de tarde um pouco de manhã, porque levanta já faz as principais coisas e aí já começa a bordar.

São todas donas de casa?

Costureira 01: Sim, todas donas de casa.

Usam isso para complementar a renda da família...

Costureira 01: Sim.

Tem bastante gente que costura aqui na região?

Costureira 01: Sim, tem bastante. Eu tenho uma irmã que costura, que faz muito, eles colocam as plaquinhas, a gente também ajuda ela de vez em quando. Mas ela faz muito eles vivem praticamente disso. E as mulheres que trabalham são pessoas que pagam (o INSS) que não são aposentadas e bordam muito, mas em grande quantidade.

Não seria mais vantajoso pegar direto das empresas?

Costureira 01: Sim, é. Mas eu tenho medo da quantidade. Eu tenho minhas duas filhas, um pouco estou aqui, um pouco em Curitiba, então daí no meu lugar fica uma das minhas filhas repassando e bordando, que ela também tem outro trabalho, também borda e... é só por medo de pegar uma grande quantidade. A Gata Bacana tem muito trabalho de bordado. Não sei se vai continuar, mas são trabalhos grandes e são coisas mais demoradas e aí tem que trabalhar. E eu vou muito para Curitiba e tem a minha filha que tem a loja também, daí a gente fica

⁷⁸ Antídio Lunelli é sócio fundador do Grupo Lunelli, do qual fazem parte as marcas Lunender, Lez a Lez, entre outras.

com medo de pegar. Mas da Lecimar a gente pega direto, a minha filha tem CNPJ, mas eles não exigem.

A senhora pode dizer, mais ou menos, quanto recebe por peça? O mínimo e o máximo que já recebeu.

Costureira 01: R\$ 0,30, R\$18,00.

Por peça?

Costureira 01: Sim por peça por que são peças bem... Gata Bacana é muito complicado. Mas daí a pessoa que a gente pega já ganha bem mais sabe? Mas é muito bordado, muito bordado mesmo.

A senhora sabe quanto ganha essa pessoa que repassa à você?

Costureira 01: sei porque eu conhecia alguém que trabalhava lá dentro que dizia, é R\$ 25,00.

E quando a senhora repassa as suas vizinhas, repassa a R\$ 18,00 ou fica com um pouco para você?

Costureira 01: Fico com um pouquinho por que eu busco e levo, mas eu fico com centavos, R\$0,10 às vezes R\$0,30... sabe? Só porque eu vou... por que eu ligo bastante, mas se não eu levo bronca do meu marido, porque gasto muito...(risos) mas eu faço porque gosto. Mas o meu marido quer que eu pare, mas eu não paro porque o pouco que se ganha ajuda né.

Deve ser esse o pensamento das mulheres que fazem em casa também né?

Costureira 01: É verdade. O pouco que eles ganham, mas né tem pessoas até que guardam, como minha vizinha, que vai viajar, ela é do Rio Grande do Sul, vai visitar os pais. E ela não precisa pegar nada do marido ou coisa assim. E guarda para alguma outra coisa, para ajudar em casa... Então ela vai me ajudar enquanto tem essa coleção, aí quando acaba ela da uma parada e viaja e ajuda em casa também.

E é um trabalho que você está em casa né...

Costureira 01: É em casa, e ela faz todo o trabalho de casa e borda. E ainda ganha *bastantinho*.

Então é uma boa alternativa?

Costureira 01: Muito boa.

A senhora conhece de algum lugar que idosos trabalham ou adolescentes ou criança? Ou normalmente são só as donas de casa?

Costureira 01: Comigo que eu sei são só as donas de casa. Aí não tem assim criança que ajuda que eu saiba.

Mas a senhora já ouviu falar?

Costureira 01: Já, tem pessoas mais idosas que trabalham também e que fazem muito bordado. Bordam bastante para ajudar na renda. De criança assim eu não sei, mas de pessoas já aposentadas que ficam bordando eu sei.

(...) a preocupação é só se as pessoas mais novas pagam a previdência...

Costureira 01: Eu tenho impressão que todas pagam. Tinha só uma situação de uma pessoa que a filha também bordava, mas aí já é de dezesseis anos e daí ela não pagava nada, porque ela já trabalhou fora, e daí ela começou a trabalhar e daí então ela parou. Quando ela conseguiu trabalho ela parou de bordar e foi...

A senhora sabe se a Marisol manda bordar algo na casa das pessoas ou a Malwee?

Costureira 01: Não sei, não lembro.

É mais as menores?

Costureira 01: Sim, Formitz, a Marlan... Também tem mulheres que bordam e pagam a previdência.

Porque teve naquela crise dos anos 2000 umas costureiras que foram demitidas das fábricas e como parte do pagamento elas levaram uma máquina de costura, e num trabalho que eu já li da Marisol elas incentivavam que as costureiras abrissem suas facções e assim prestar serviço para a própria Marisol. E prestando o serviço elas ainda tinham que pagar uma parte da máquina porque o seu valor era maior do que o devido na hora da demissão.

Costureira 01: eu não sei, eu sei que Lunender dá para costurar fora, tem facção fora, facções grandes, mas, a Marisol e a Malwee eu não lembro. Mas eu sei que em Massaranduba tem facções grandes da Lunender. Que bordam por que o pessoal de lá vem aqui para aprender e levam para lá.

E como a senhora soube dessas peças para bordar.

Costureira 01: Eu acho que eu tinha contato com a Formitz e daí eu soube que, como eu já era amiga deles do tempo que eu trabalhei na Marlan, que são tudo cunhados né, daí eu fui procurar.

Então a senhora tem mais alguma coisa para falar que a senhora lembre? De como a senhora começou, do primeiro lugar que a senhora pegou...

Costureira 01: Eu peguei Formitz. Eu já fazia fuxico, flores, e eu fazia para mais empresas, daí então a gente ganha bem pouco, é bem pouquinho, eu nem lembro, são centavos. Tu ganha na quantidade que

tu faz sabe? Mas aí eu não lembro, porque a gente parou... porque a gente acha que é trabalho demais e pouco dinheiro. E também é hoje em dia que a gente ganha esse valor da... né, porque para pregar uma plaquinha a gente ganha R\$0,12.

E alguma vez o trabalho de alguma costureira sua já teve seu trabalho devolvido pela empresa?

Costureira 01: Sim, consertamos e além da gente consertar eles não pagam o valor daquela peça.

Não pagam daí?

Costureira 01: Não, mesmo que tu vá consertar. Mas isso nós paramos de trabalhar com as empresas que faziam isso, porque as vezes por mais certinho que tu fazia eles ainda viam defeito, para não te pagar. E as vezes não mandavam de volta e falavam que iam descontar pelas peças erradas. E daí tu pede para consertar, nem que ganhe só metade, mas teve empresa que não devolvia para consertar. Mas daí a gente desistiu e não bordou mais. Depois mesmo assim tinha mais gente que a gente que eles fizeram a mesma coisa e eles também pararam. É aí vê-se que tem empresas e empresas né. Só que daí a gente também não é burro né que não deixa eles se aproveitarem da gente né. Mas dessas pessoas da Formitz, Gata Bacana são muito bons e como eu busco e volto a consertar eles pagam normal. A Gata Bacana para nós é boa eu só sei dos preços por que eu tinha uma amiga que trabalhava lá.

E essa empresa que a senhora ganha mais ela não tem nenhuma costureira dela? Ela só redistribui?

Costureira 01: ela mesmo borda bastante e distribui. Já estou até preocupada porque parece que a coleção de verão não terá tanto bordado. E eu se fosse para viver do meu bordado é... só para bordar um pouco mesmo, mas as pessoas que bordam comigo ficam preocupadas.

8.5. COSTUREIRA 0279

Costureira 02 decidiu começar a trabalhar em casa depois de começar a ficar depressiva ao trabalhar na fábrica da Malwee como costureira. Sua casa fica em uma localidade rural do município de Jaraguá do Sul, nos fundos de sua residência possui uma edícula com 04 máquinas de costura que utiliza para trabalhar.

Atendeu-me com receio de se tratar de fiscalização, pois ouvi muito falar que uma hora alguém vai passar em sua casa e a impedir de trabalhar. Após muita conversa e explicação aceitou responder as perguntas do questionário, porém sem gravar entrevista. Também não autorizou a divulgação de seu nome e por isso no trabalho irei chama-la de costureira 02.

Devido a minha atual ocupação, como geógrafa na Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul, contou-me dos problemas que enfrenta com insetos e poeira em sua residência, causados pela grande umidade da região e pela plantação de banana e pela estrada de chão que passa em frente a sua residência.

16. Como é o seu nome?

Costureira 02: Não autorizou a divulgação

17. Autoriza a utilização e publicação de sua entrevista em meu trabalho de dissertação de mestrado?

Costureira 02: Autorizou apenas a utilização das respostas como dados para elaboração da dissertação.

18. Como e quando a sua família veio morar em Jaraguá do Sul?

Costureira 02: Afirma que sua família veio morar em Jaraguá do Sul, provavelmente, no início do século XX, com a emigração de seu bisavô da Polônia para o Brasil. A família se estabeleceu na comunidade Santo Expedito onde reside até hoje.

19. Como e quando começou a trabalhar em casa com dobração, costura ou bordado para as malharias?

⁷⁹ Esta costureira não quis gravar entrevista, sendo que a mesma foi realizada de forma apenas verbal e as respostas das perguntas realizadas foram anotadas e transcritas na forma de texto e questionário logo após a entrevista.

Costureira 02: Trabalha com costura total de peças como blusas, calças e bermudas há 04 anos, ocasião quando parou de trabalhar com costura em grandes empresas do município.

20. Já trabalhou em alguma malharia? Se sim, como e quando saiu?

Costureira 02: Trabalhou na Malwee e na Marisol. Da primeira saiu pois estava entrando em depressão, já em tratamento com remédios antidepressivos.

21. Como ocorre a contratação de seus serviços?

Costureira 02: Diretamente com as empresas que fabricam as peças.

22. Para quais empresas já realizou atividades em casa?

Costureira 02: Não quis falar para quais empresas realiza atividades.

23. Qual a quantidade de peças produzidas por mês?

Costureira 02: Diariamente produz, ela e a vizinha, que trabalham juntas, cerca de 100 peças, no caso de camisetas. No caso de calças a produção é menor.

24. Qual maior e menor valor já pago pelos seus serviços por peça?

Costureira 02: Por peça, nunca recebem mais do que R\$ 2,00, porém caso a costura tenha sido feita errada, tem a peça devolvida para correção e o valor não é pago pela empresa.

25. Como ocorre o pagamento pelas atividades desenvolvidas?

Costureira 02: Os valores devidos são depositados em conta corrente para a prestadora de serviço.

26. É registrado em alguma empresa ou paga INSS como autônomo?

Costureira 02: Paga INSS como autônoma, para completar os anos que faltam para se aposentar. Afirma que muitas vezes tem que trabalhar muito somente para ter o valor do INSS.

27. As peças vem diretamente das fábricas ou são pegas em facções?

Costureira 02: As peças vem diretamente das fábricas.

28. Quem na sua casa trabalha com esta atividade?

Costureira 02: Somente ela, em sua residência, trabalha com costura.

29. Por que optou em trabalhar em casa?

Costureira 02: Estava se tornando depressiva trabalhando na Malwee, principalmente pelo desgaste físico de locomoção até o seu local de trabalho, distante cerca de 15 km de sua residência. Além disso, queria cuidar da sua casa e da sua família. Além disso, trabalha para complementar a renda familiar, composta pelo salário do marido – funcionário de um mercado – e do filho mais velho – funcionário da Malwee.

30. Na vizinhança, conhece quantas pessoas que trabalham em casa com dobração, costura ou bordado?

Costureira 02: Em toda a localidade rural acredita que pelo menos e cada casa há uma pessoa que trabalha com costura de maneira terceirizada.

8.6. COSTUREIRA 0380

A família chegou à Jaraguá do Sul no início do século XX, quando da imigração de húngaros e alemães para a região em que hoje reside. Mora atualmente na área rural do município de Jaraguá do Sul, cerca de 20 quilômetros do centro da cidade.

Decidiu começar a trabalhar em casa em 2003, quando do nascimento de sua filha, saindo da empresa Malwee, onde trabalhava como costureira há 15 anos. Ao sair da empresa já abriu a sua própria facção, a fim de prestar serviços terceirizados para outras malharias. Inicialmente trabalhava sozinha com a costura e seu marido trabalhava com plantação de bananas, cultivo predominante na comunidade. Inicialmente prestava serviço para várias malharias, sem exclusividade em nenhum momento. Como a abertura da empresa ocorreu anteriormente ao ano de 2007, foi possível regularizá-la, uma vez que a partir da aprovação do Plano Diretor de Ordenamento Territorial de Jaraguá do Sul, pela Lei Complementar nº 65/2007, não foi mais possível abrir empresas em área rural que não possuíssem ligação com as atividades agrossilvipastoris.

Sua empresa é registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas como empresa do ramo de costuras. Há quatro anos presta serviços exclusivamente à empresa Confecções Fenalu Ltda., de nome fantasia Ninando, de Jaraguá do Sul, empresa dedicada exclusivamente à peças infantis. Segundo a costureira, a empresa para qual presta serviço, em sua sede, possui apenas serviços administrativos, de corte e de expedição. As demais atividades ligadas à empresa, como costura, bordado e estamperia, são realizadas em empresas terceirizadas.

Atualmente trabalham na sede da empresa, a entrevistada, como costureira, o marido, que cuida da parte administrativa e uma sobrinha, que cuida da revisão das costuras. Possui 30 máquinas, das quais, quatro ficam na sede e as outras 26 nas casas das 20 costureiras que prestam serviço para sua empresa. Estas máquinas de costura foram todas compradas sem necessidade de financiamento, com negociação direta com a revenda Buzmaq.

⁸⁰ Esta costureira não quis gravar entrevista, sendo que a mesma foi realizada de forma apenas verbal e as respostas das perguntas realizadas foram anotadas e transcritas na forma de texto logo após a entrevista.

Os pedidos são retirados juntamente à empresa Ninando e encaminhados à facção. O marido divide o trabalho entre as 20 costureiras que prestam serviços ao casal. Por mês a produção varia conforme a coleção que está sendo elaborada, sendo que nos meses de preparação da coleção de verão, a produção chega à 55 mil peças, já nos meses de preparação para a coleção de inverno a produção gira em torno de 25 mil peças. Os valores recebidos variam conforme a peça, sendo que o menor valor pago é R\$ 0,75 por camiseta, R\$ 1,20 por vestido e R\$ 3,00 por jaqueta. O pagamento é realizado em banco, todo o dia 05 do mês. Após receber, a entrevistada encaminha o pagamento, em dinheiro, para as suas costureiras. Cada costureira recebe segundo a sua produção, ou seja, por peça costurada, o valor correspondente à 70% do montante pago pela Empresa Ninando. Segundo a entrevistada ela possui costureiras que chegam receber o montante de R\$ 3500,00 por mês.

Os proprietários e a revisora contribuem para a previdência federal através da empresa, já as costureiras pagam sua própria previdência, sendo que, o pagamento deste benefício é obrigatório para a contratação de novas costureiras. Pensa em se aposentar e continuar na atividade, por acreditar que ajuda muitas costureiras, dando para elas trabalho em casa, possibilitando que as mesmas possam cuidar da casa e aumentar a renda familiar.

8.7. COSTUREIRA 04

Esta costureira veio de Apiúna – SC para morar em Jaraguá do Sul, em 1976, quando casou com seu marido, que era natural de Rio dos Cedros, mas que já morava em Jaraguá do Sul desde 1971, para trabalhar na construção civil. Quando chegou em na cidade, trabalhou na Malwee, Loni Mar, Carinhoso, Dal Mar e Marisol, todas empresas do ramo têxtil. Saiu da última em 1993, quando não tinha mais com quem deixar os filhos e aí começou com facção em casa, sozinha ou com familiares, e quando conseguiu legalizar a casa decidiu registrar a empresa, com muita dificuldade devido aos trâmites da prefeitura, e hoje vive da facção, fato que ocorreu em 2010, com o nome de Tradd Look. Seu marido é aposentado e ajuda nos trabalhos da facção, buscando e levando peças, já os filhos trabalham em indústrias do município.

Inicialmente, alugou uma máquina de costura – de uma mulher que havia comprado para abrir uma empresa, mas que não havia obtido êxito –, durante um ano. Após este período, conseguiu comprar uma máquina de costura em muitas prestações, sendo que a mulher que lhe fornecia peças para costura, lhe forneceu, também, duas máquinas, para que pudesse começar a costurar em casa, com cobertura, costura reta e *overlock*. Atualmente tem nove máquinas na sede da empresa, com cinco funcionárias, moradoras da vizinhança, trabalhando no chamado primeiro turno, em regime de oito horas diárias, das cinco horas da manhã, até as quatorze e cinquenta, com intervalos para almoço e lanche, sendo que a entrevistada trabalha de dez a doze horas por dia. As funcionárias possuem salário fixo mensal. Fora da empresa possui três máquinas com costureiras terceirizadas, que recebem por operação e volume de produção. As demais costureiras terceirizadas possuem máquina própria.

Produz mensalmente dependendo do grau de dificuldade da peça, sendo que peças mais simples chegam a uma produção de doze mil peças por mês; peças mais complexas geram uma produção de sete mil unidades por mês. Durante o ano produz com mais intensidade de junho à dezembro e nos demais meses a produção é menor, porém, a empresa nunca ficou sem costura.

Há cerca de um ano costura exclusivamente para a empresa Angerô, do município de Schroeder, mas por dezenove anos trabalhou para a empresa Romitex, de Guaramirim. A empresa paga em média R\$1,10 e R\$1,20, sendo que o menor valor pago foi de R\$0,68 e o maior

valor pago foi de R\$3,89. Nunca faz somente um tipo de peça, pois trabalha em uma espécie de “linha de produção”, assim, a empresa sempre manda quatro referências para a costura. O material chega cortado e é inteiramente costurado na facção, chegando na empresa de origem somente para empacotamento e expedição. A facção é responsável por adquirir o fio e dar manutenção nas máquinas. Caso alguma peça chegue à empresa de origem com problemas de costura é devolvida para conserto e é pago o valor somente de uma costura. Caso ocorra a perda da peça, o valor é descontado do rendimento final da facção.

As máquinas são provenientes de revendas da região, mas são constantemente trocadas, para aumentar a produção. As máquinas que possui atualmente têm no máximo cinco anos.

Quanto a entrega da sua costura, procura sempre entregar no prazo, pois caso atrase, a empresa “castiga” as facções, não mandando as peças para costura por alguns dias.

Entrevista transcrita na íntegra:

Você autoriza eu gravar e utilizar e publicar essa entrevista?

Costureira 04: é porque eu tenho a empresa toda registrada, está tudo legalizado, todos os funcionários registrados, emite notas tudo direitinho de cada lote. A empresa também não trabalha sem notas, a gente paga imposto todo mês, tudo certinho, desde 2010.

Como que eu te digo? Pode publicar você pode publicar se for o caso.

Eu vou transcrever, ou eu simplesmente vou fazer um texto e colocar no apêndice da minha dissertação mestrado. Que é uma publicação acadêmica.

Costureira 04: Se vai servir pra você, então pode colocar, para mim não tem problema.

Qual o nome da sua empresa?

Costureira 04: Tradi Look

Como e quando a sua família veio morar em Jaraguá do Sul?

Costureira 04: Quando eu casei eu vim morar em Jaraguá do Sul, meu marido morava aqui então há 38 anos, vai fazer 39 anos, fez 39 anos agora em maio que eu estou morando em Jaraguá do sul. Já me considero uma jaraguense. Eu era natural de Apiuna. Eu vim pra cá, trabalhei até 1993 em empresas, aprendi tudo que eu tinha para aprender, e aí eu comecei a fazer facção em casa. Depois sempre

fazendo em casa, particular, eu sozinha, uma filha, ou sempre uma nora, e ai foi indo, e digamos foi dando gosto pela coisa, ai eu registrei essa empresa quando eu construí o galpão aqui. Quando eu consegui registrar ela, para não registrar e fechar no ano seguinte, que eu sabia que eu tinha garantia que ai eu registrei uma empresa. E desde então nós vivemos dela né. Meu marido hoje é aposentado e eu continuo com a facção.

Seu Marido era de Apiúna também?

Costureira 04: Não, meu marido era natural de Rio dos Cedros, mas ele veio morar em Jaraguá em 1971, e se criou aqui.

E você trabalhou em quais empresas?

Costureira 04: Comecei na Malwee, e da Malwee eu fui para a Lonimar e as demais, eu trabalhei na Carinhoso, trabalhei na Dalmarc, depois eu fui para a Marisol e fiquei 8 anos lá, depois fiquei muitos anos desempregada por causa dos filhos, que não tinha quem criar. Mas aí eu aprendi o restante na Marisol e quando eu saí da Marisol eu resolvi fazer facção em casa.

Você saiu da Marisol por que...

Costureira 04: Porque não tinha com quem deixar meus filhos, por que na época, hoje os meus filhos o menor tá com 30 anos, então não tinha creche naquela época. Então eu fui obrigada a ficar em casa. Por que a gente pagava alguém para cuidar, mas ficava assim uma ou duas semanas e depois já voltavam pra casa. Porque era muito escasso assim né, e nós éramos, pequenos né, pagávamos aluguel. Então quando conseguimos construir a nossa casinha né, eu tinha que cuidar das crianças, até que depois a gente conseguiu né, ele trabalhava num turno e eu no outro e assim fomos ralando. Desde então de 1993 em diante eu resolvi ficar em casa, porque meu caçula estava com problema de saúde, e não podia faltar no serviço. Então eu resolvi ficar em casa, cuidar dele, aluguei uma máquina de costura e comecei a costurar em casa.

E alugou de quem?

Costureira 04: Aluguei de uma mulher que tinha comprado para abrir uma empresa e não deu certo, então ela me alugou as máquinas e eu paguei durante um ano e pouco o aluguel da máquina, até conseguir comprar uma a “perder de vista”, como diz o ditado, e a mulher que fornecia a facção, a Verônica, me cedeu outras duas máquinas. E eu trabalho em casa né, então eu fazia cobertura, reta e *overlock*, e assim fui me formando na vida.

E hoje quantas máquinas você tem?

Costureira 04: olha (contando) eu tenho 09, todas da empresa.

E quantas funcionárias a empresa tem?

Costureira 04: Nós estamos com, eu perdi a conta, tem a Raquel, Natália (continuam nomes)... 05 funcionárias e nós trabalhamos, até hoje (sábado) trabalhamos até às 09h. Assim eu não posso me queixar né, construí a minha casa com a facção, nós compramos esse terreno aqui com a facção, pagamos, nós temos ela quitada tudo direitinho, acho que levamos uns 10 anos pra deixar ela pronta pra trabalhar e morar, mas nós conseguimos, com o dinheiro da facção, foi trabalhando né 12h, 13h todos os dias.

E você ainda trabalha 12h?

Costureira 04: Eu ainda trabalho de 10 a 12h por dia.

E as funcionárias também?

Costureira 04: não, não as funcionárias trabalham no horário delas. Elas começam às 5h da manhã e param 10 para as 15h e aí elas vão embora. Eu descanso de 1h à 1h e 30min, tomo conta da casa, e então eu venho e faço mais umas 2h.

E quantas peças você faz por mês?

Costureira 04: depende do modelo que vem. Quando vem só bermuda, coisa básica, então nós tiramos entre 10 a 12 mil peças, e quando a coisa vem um pouco complicada, fica em torno de 7 a 8 mil peças por mês. Mas mês passado nós batemos o recorde, vieram peças bem complicadas mas batemos 13 mil peças no mês.

E é constante em todos os meses do ano, ou na metade do ano em que é verão tem uma maior produção?

Costureira 04: Não, para a empresa que eu trabalho a gente tem uma parceria assim que tem uma lealdade é gostoso você conseguir. Mas eu nunca tive crise, eu sempre tive bastante serviço, só que eu sou uma pessoa assim, se eles me disserem que amanhã tal horas tem que entregar o lote, eu dou um jeito entendeu? Se eu não consigo o lote todo, um tanto de cada peça eu entrego, meu marido vai levar, nós vamos buscar a etiqueta. Então eu sou uma pessoa assim que para empresa eles não podem dizer que: não entrega para ela que ela não vem por isso e aquilo. Entendeu? E outra como eu tenho funcionário registrado e a minha empresa quer, ela (a empresa) tem que me manter no serviço por que é o certo entendeu? É o lema deles né, para quem não tem empresa registrada eles realmente deixam parado. Para eu conseguir entrar na Angerô do jeito que eu entrei e conseguir o trabalho que eu tenho foi difícil. Foi depois de um ano de batalha.

Na Angerô?

Costureira 04: Na Angerô de Schroeder. Que hoje, se eu disser assim, eu preciso de serviço para amanhã de manhã cedo, ela dá um jeito. Mas foi difícil, por causa é a cumplicidade como se diz né, trabalhar... a gente tem uma leve assim... paciência... se ela briga, nós escutamos, se ela cobra nós escutamos, se tem alguma coisa errada nós escutamos, e também se eu precisar de alguma coisa eles vem e me ajudam, ... há uma cumplicidade bem grande. Não é com todas as facções que eles têm, porque eles têm bastante né? Mas eu não posso me queixar deles. Desde um ano para cá eu estou trabalhando só para eles, eu não posso me queixar. Lógico na coleção de inverno é difícil, porque na coleção de inverno eles não trabalham com tanto inverno, o forte deles é verão, no inverno nós sofremos um pouco. Na verdade eu fiquei no vermelho, fevereiro, março, abril e maio, no vermelho! Mas deu para pagar todas as contas, só que não sobrou. Então agora, daqui por diante, agora entrou o verão, no verão dá para acumular o 13º e férias, porque todo mundo precisa no final do ano né, deu para pagar todas as contas, mas não sobrou nada. É todo ano assim, até mês de maio nós só pagamos conta, tem alvará, tem várias burocracias que você tem que pagar para o governo, todos os impostos vencem em janeiro, fevereiro, março, vence IPTU, vence alvará, uma “montueira” de coisa. E tudo isso tem que pagar, e tem que ser tudo bem certinho. O fundo de garantia é o primeiro que você tem que depositar, antes de pagar o funcionário, tem que ter sempre uma reservazinha né. Mas não sobrou para comprar alguma coisa (**um implemento novo**), mas deu para pagar todo mundo e nunca atrasei, o pagamento até saiu hoje. Geralmente pagamos em 05 dias úteis, mas como a empresa me pagou antecipado, eu paguei antecipado. Mas assim eu não posso me queixar, com a facção eu nunca tive problema e sempre tive bastante serviço na facção.

Quanto mais ou menos eles pagam por peça de roupa que tu faz?

Costureira 04: Varia né, cada modelinho fica entre R\$ 1,10, R\$ 1,20...

Qual o menor valor e o maior?

Costureira 04: o menor valor fica entre R\$ 0,60, que é uma *leg* né, e o maior que eu peguei até hoje foi de R\$ 3,89 que é um vestidinho. Mas fica tudo assim na base, nunca tem um preço X, eu nunca trabalho com o mesmo modelo o verão todo, nem só com *leg*, então varia, eu não posso pegar só um tipo de mercadoria, por exemplo, só um vestidinho eu não posso pegar, porque tem costureira que vai ficar parada, máquina que vai ficar parada. Então ela tem que me mandar três referências, para

eu poder trabalhar dentro daquilo que a produção pede, ..., fazer uma linha de produção, por que se eu não fizer uma linha de produção bem legal não funciona.

E você faz tudo? Coloca etiqueta, enfeite...

Costureira 04: tudo, a peça sai daqui prontinha. Ela vem talhadinha, aí eu tenho que comprar fio, e as máquinas conserto de máquinas é comigo, vem as etiquetas e nos colocamos, selamos elas tudo direitinho, ela vai pra lá só para eles embalar e revisar.

E se por acaso vai com algum erro eles devolvem?

Costureira 04: eles devolvem, vem com nota de devolução e nós concertamos e mandamos de volta.

Mas eles pagam uma vez só?

Costureira 04: é pago só a primeira vez, e se por acaso ela vai com defeito, vem para arrumar, e volta com defeito, aí é descontado da facção. E se por acaso uma peça tiver furada, ou alguma coisa assim é descontado também. Mas o lote tem que fechar, se pediu 1100 peças tem que fechar 1100 peças, se não fechar com 1100 peças aí tem que sobrar uma manga, sobrar uma frente, sobrar um babado, sobrar metade de uma calça para dizer que aquilo ali não fechou. E se o lote tem 50 peças tamanho p, 50 m e 20 do g, tem que fechar os tamanhos certos, de acordo como vem a lista, não pode ter mais m do que g, se por um acaso vem 1000 peças de 5 tamanhos tem que fechar com 200 peças de cada tamanho, não pode fechar com uma peça a menos e nem o p com uma a menos e o m com duas a mais, não pode, tem que cada uma ter e conferir etiqueta por etiqueta quando ela revisa aqui na mesa.

Você da conta de todo o serviço sempre, com as tuas costureiras, ou você acaba mandando alguma coisa para fora?

Costureira 04: tem alguma coisa para fora, tem umas costureiras fora que trabalham fora né.

E aí você paga uma porcentagem...

Costureira 04: não é tudo por operação, que nós ganhamos um guia por valor, por exemplo, fechar ombro é x, pregar manga um valor x, arrematar lado um valor x, então digamos assim, calculamos quantas peças por hora que a pessoa faz e dentro daquilo pagamos para as costureiras de fora.

E as de dentro tem um salário fixo?

Costureira 04: elas tem um salário fixo, se elas fizerem 20 peças elas ganham aquele, se fizerem 30 peças ganham aquele, 200 vão ganhar aquele, se elas não fizerem nada vão ganhar aquele. Então atestado e

falta justificada aqui é tudo dentro da lei, só que aqui a gente tem produção né, se não as peças não saem, então a gente tem costureira fora sim, eu levo para elas vem eu levo para elas e tudo, por que se não a gente não da conta.

E as máquinas você compra de uma empresa daqui ?

Costureira 04: eu comprei a maioria, 03 eu comprei na OM em Guaramirim, 03 acho que eu comprei no Machado, e as outras eu tinha de muitos tempos atrás, uma eu comprei da minha cunhada.

Do Buzzmaq nada?

Costureira 04: do Buzzmaq eu comprei há muito tempo atrás e eu já mandei embora porque com o tempo de máquina que eu tenho a gente tem que ir trocando, porque se não elas não te dão produção né. Porque agora as máquinas que eu tenho foram compradas de 2010 para cá, são novas. Não são máquinas de anos, são todas novas, essas pontadeiras tem 8 meses, essa aqui tem 1 ano, aquela lá eu comprei da minha cunhada faz 1 ano e meio, então são máquinas novas por que for trabalhar com máquinas antigas elas não te dão produção, era muito conserto muita coisa. Mas se não da Buzzmaq Buzzarello eu comprei mas já faz muitos anos atrás, na verdade a gente sabe, eu dou uma usada e pego outra mais nova, por exemplo que nem agora eu tô na coleção de verão aí eu preciso muito de inter, então ano passado quando eu comecei no verão então eu troquei né dei uma *overlock* que eu tinha para pegar uma inter e assim vai, a gente tá sempre trocando.

Para que empresas você já costurou?

Costureira 04: eu desde que eu comecei a fazer fação a maioria dos anos eu costurei, anos e anos, para a Romitec seguido, aí eu parei ano passado com a Romitec e agora eu tô só com a Angerô. Mas eu trabalhei 19 anos onde eu tava, foi fixo, fixo, direto, mas aí ano passado não deu certo e eu mudei.

As funcionárias são moradoras da vizinhança?

Costureira 04: tudo aqui da vizinhança, elas vem de bicicleta, vem a pé, de carro, só tem uma que se mudou para o Garibaldi esses tempos que ela vem de *topic*. Mas tá fazendo um mês, ela se mudou dia 08 do mês passado.

Da sua casa que trabalham com a façção, é só você e o seu marido?

Costureira 04: só eu e o meu marido, minha nora trabalha numa outra façção, meu filho numa outra empresa, e eles moram aqui em cima, e as meninas só estudam, aqui mesmo só quem opina aqui dentro só sou eu. Realmente não dá para trabalhar com parente, não dá, trabalhei com

minha filha não deu certo, com minha nora não deu certo, eu e meu marido se bicamos várias vezes, mas ele só leva peça pra lá e pra cá, quase nem entra aqui dentro, só para entregar serviço, que ele tá aposentado, mas o que ele faz é só isso, leva serviço, traz serviço, corta um fio, busca um fio para mim...

E as costureiras que você tem fora você fornece o fio?

Costureira 04: tudo, tem três máquinas minhas que estão fora, a Costureira X tem uma, a Costureira Y tem uma e a Costureira Z tem outra, mas elas são tudo as máquinas velhas, a maioria são as máquinas velhas, mas eu dei uma para uma que comprou no ano passado, eu dei uma para outra e aí ela trabalhou um ano e resolveu comprar, né aí digamos, a gente comprou outra máquina, mas aí elas são mais velhas.

Então tá bom Cassilda acho que era isso...

Costureira 04: a facção tem que ser persistente com ela né e tem que engolir bastante sapo, tem o telefone que eu vejo na bina de quem é que eu já sei que o bicho vai pegar, mas as vezes não, as vezes é boa notícia. Nós temos que entregar na data certa, porque se você atrasar um dia eles já pegam no seu pé, ou então eles te castigam... eu peço serviço para amanhã e eles só me dão para depois de amanhã. Por isso que tem muitas facções que não aguentam, por que ah se eu não entregar amanhã eu entrego depois de amanhã, não, se eu tiver que entregar... sexta feira eu tinha que entregar um pedido, mas não tinha nada escrito que era para entregar dia 03, mas na minha meta era para entregar dia 03, só que aí na quarta feira ela me mandou um pedido urgente, e me disse para tudo que você está fazendo e dá prioridade para este daqui aí eu não parei né, eu continuei porque não precisava, só que eu não consegui entregar ontem, mas eu sabia que eu não precisava ligar para me justificar, mas eu liguei e me justifiquei. Sete e meia da manhã eu fui a primeira a ligar e ela perguntou-me o que havia acontecido, e eu falei que não vou entregar o lote hoje, e ela falou que não havia pedido o lote para aquela data, então falei que a minha meta era naquela data, mas como você me pediu urgência no outro lote eu tive que priorizá-lo, mas segunda feira eu te ligo e te entrego, e ela falou que segunda estava de bom tamanho. Então se eu entregar o lote um dia antes, eu vou ganhar serviço na hora que eu pedir, já se eu atraso não. Então eu acho que as pessoas ficam sem serviço por causa disso, ..., então eu não, eu faço a minha produção, porque eu tenho um objetivo e depois outro, se essa semana eu tô com bastante serviço eu posso, semana que vem não ter bastante serviço, então se eu faturar bem essa semana, então eles podem

pensar que se na semana passada eu trabalhei bem na outra também vou trabalhar. Porque eles também têm pedidos e datas para entrega dos mesmos, todos têm datas para entregar, e eu sou obrigada a me preocupar com eles porque se eu entregar o pedido aqui, lá não é um modelo só, são cento e poucos modelos, 170 ou 180 modelos, por causa do modelo que eu não entreguei hoje atrasa todo o pedido, não dá certo, então temos que pensar que eles também têm que faturar para pagar a gente certinho, que tem muitas facções que não se preocupam... eu tenho muitas costureiras que não se preocupam também se entregam hoje ou amanhã... mas acontece que para mim é complicado, se entregar amanhã eu já vou entregar fora do prazo e ela (empresa) pode dizer que eu entreguei fora do prazo e não me passar mais serviço, e depois outra se eu pedi 1000 peças e tenho 5 dias para entregar, 2 dias antes eu tenho que pedir serviço, se eu garantir que vou entregar no dia seguinte, no próximo pedido ela só me entregará nova remessa somente após eu entregar as peças que estou costurando, e aí me atrasa tudo e as costureiras ficam paradas... e ninguém quer ficar parado, nem as minhas costureiras de fora nem as minhas daqui... se não tiver serviço. Então agora que estamos com bastante serviço elas vem e trabalham com gosto, mas se não tiver muito serviço elas ficam com um medo tão grande de ficar sem serviço que eu não sei como é que pode... e já tem costureira por aí que não se importa, limpa casa, faz qualquer coisa, mas as minhas aqui não. Se ele vem e não traz serviço elas já se preocupam com o que irão fazer amanhã, que elas controlam a produção, porque elas sabem que quanto mais eu entregar, garante que no final do ano tem 13º férias, fundo de garantia, então elas também tem que se preocupar na crise que tá o serviço hoje em dia.

Foi muito difícil para você se registrar?

Costureira 04: foi, foi uma grande burocracia, gastei muito, me incomodei muito, por mais ou menos um seis meses, agora é um pouco mais fácil, mas o problema aqui de Jaraguá é as leis que eles fazem, é por causa do IBAMA, de tudo né, tudo legalizadinho o Corpo de Bombeiros faz uma, duas vistorias, tudo dentro dos conformes e não liberam. E aí foi complicado, tive que fazer o habite-se, registrar, pagar.

E a calçada?

Costureira 04: A calçada ali na frente foi feita um pedaço mas a entrada não.

Mas eles não reclamaram com isso?

Costureira 04: com isso até agora não, já veio o Alvará desse ano e não teve problema nenhum, pra quem pega novo eles estão incomodando, e escutei que as janelas vão ter que ser mudadas, me falaram que a nova lei o próximo Alvará não poderá ter janela basculante.

Mas é da prefeitura ou dos bombeiros?

Costureira 04: não sei se é da prefeitura ou dos bombeiros. Meu cunhado disse que é da prefeitura, os bombeiros dizem que em caso de incêndio não tem a extensão da saída, mas meu cunhado diz que é da prefeitura, mas os bombeiros fizeram a vistoria e nunca falaram nada. Mas falaram que para ano que vem vai ter problema. Mas eu me incomodei até que legalizou. Por que vai dizer a é fácil para a abrir, aqui em Jaraguá não é fácil para abrir uma empresa não, para abrir e legalizar e o vizinho aqui tá se incomodando, por que ele queria legalizar, porque a mulher tem facção e se não se legalizar não ganha mas serviço, e ele já se incomodou, teve que legalizar a casa que não estava legalizada, pega habite-se tudo, e eu gastei bastante, porque eu também não tinha habite-se né e tive que pegar engenheiro e pegar tudo.

Mas valeu a pena?

Costureira 04: pra mim valeu a pena, porque eu sempre quis trabalhar em casa, nunca quis trabalhar em empresa e também as gurias trabalhavam aqui por perto e queriam ser registradas então a gente faz o que pode né, mas eu me incomodei bastante e quase desisti pela grande demora. (...) um dos motivos era porque minha rua não poderia ter empresas e eu tive provar que era uma pequena facção, mas depois foi... nunca fizeram vistoria nada, veio vigilância sanitária, bombeiros e aí foi liberado.

Pedro afirma que eu não percebo ou destaca as vantagens para as mulheres.

A propriedade de empresas

8.8. COSTUREIRA 0581

A Costureira 05 me recebeu de forma receptiva e logo autorizou a utilização e publicação de sua entrevista. Sua família, de origem Húngara, se instalou em Jaraguá do Sul após a Primeira Guerra Mundial, quando seu avô, acompanhado dos pais, se mudou para a atual localidade Tifa Lennert.

Mora na área rural, mas desenvolve ela e sua família, atividades tipicamente urbanas, somente utilizando o solo rural para moradia. Trabalha desde os 24 anos de idade em casa, quando do nascimento de seus filhos e o fez justamente para poder cuidar da família. Atualmente com 49 anos ainda costura para empresas de forma terceirizada. Em sua residência apenas a entrevistada trabalha com costura.

Antes de desenvolver as atividades em casa, trabalhou em duas malharias de Jaraguá do Sul, Nanete Têxtil e Malwee Malhas, deixando a atividade assalariada devido a necessidade de cuidar dos filhos.

A sua atividade se desenvolve atualmente buscando as peças diretamente nas malharias que as entrega já cortadas e bordadas. Realiza apenas o processo de costura das peças, que, após finalizadas, retornam para a fábrica para conferência e pagamento. Caso ocorra algum erro de costura, as peças são devolvidas e refeitas e o valor é pago normalmente à costureira. Caso as peças tenham sofrido algum tipo de avaria por erro de costura o valor não é repassado.

Atualmente costura para empresas como a “Fio a Fio” e a “Jalever”, porém já realizou atividades para “Olho Fatal”, empresa que parou de prestar serviços por necessitar de regularização para a prestação dos serviços.

Possui uma facção sem registro de empresa, funcionando de forma ilegal. Possui 05 funcionárias, moradoras da mesma comunidade, que trabalham recebendo por hora trabalhada – R\$5,00 a hora, mas afirma conhecer facções que paguem R\$2,50 a hora trabalhada – com atividades sendo desenvolvidas das 5 horas da manhã até às 20 horas na noite, com pequenos intervalos para as refeições. As funcionárias, a

⁸¹ Esta costureira não quis gravar entrevista, sendo que a mesma foi realizada de forma apenas verbal e as respostas das perguntas realizadas foram anotadas e transcritas na forma de texto e questionário logo após a entrevista.

exemplo da empresa, não possuem registro e também não possuem recolhimento dos impostos trabalhistas, assim como a proprietária da facção.

Tal facção localiza-se nos fundos de sua residência e conta com 15 máquinas de propriedade da entrevistada, adquiridas através de financiamento realizado pelo seu marido a cada dois anos pela Caixa Econômica Federal. Tais máquinas foram adquiridas em Jaraguá do Sul em empresas de capital local. Por mês, em média, ocorre a produção de 7000 peças, sendo que o pagamento é realizado todo dia 10 através de depósito bancário.

Os valores pagos pelas peças variam conforme o grau de dificuldade de costura e tamanho da peça, a saber: R\$ 0,35 por peça infantil costurada, R\$0,80 por camiseta e blusa feminina, R\$1,00 por calça adulta e R\$2,00 por jaqueta.

Como pega diretamente da fábrica, não faz parceria com outras facções e também não repassa costura para a vizinhança fazer em casa. Também desconhece, na vizinhança, quem faça este tipo de trabalho em casa.

01. Como é o seu nome?

Costureira 05: Costureira 05

02. Autoriza a utilização e publicação de sua entrevista em meu trabalho de dissertação de mestrado?

Costureira 05: Autorizou tanto a utilização quanto a publicação.

03. Como e quando a sua família veio morar em Jaraguá do Sul?

Costureira 05: No início do século XX, com a leva de imigrantes húngaros que colonizou mais intensamente aquela parte do município.

04. Como e quando começou a trabalhar em casa com dobração, costura ou bordado para as malharias?

Costureira 05: Trabalha com costura total de peças como blusas, calças e bermudas há 25 anos, ocasião quando parou de trabalhar com costura em grandes empresas do município.

05. Já trabalhou em alguma malharia? Se sim, como e quando saiu?

Costureira 05: Malwee e Nanete, saiu para cuidar da família.

06. Como ocorre a contratação de seus serviços?

Costureira 05: Diretamente com as empresas que fabricam as peças.

07. Para quais empresas já realizou atividades em casa?

Costureira 05: Jolever, Fio a Fio e Olho Fatal.

08. Qual a quantidade de peças produzidas por mês?

Costureira 05: 7000 peças.

09. Qual maior e menor valor já pago pelos seus serviços por peça?

Costureira 05: R\$0,35 e R\$2,00, dependendo a peça.

10. Como ocorre o pagamento pelas atividades desenvolvidas?

Costureira 05: Os valores devidos são depositados em conta corrente para a prestadora de serviço.

11. É registrado em alguma empresa ou paga INSS como autônomo?

Costureira 05: Não paga INSS.

12. As peças vem diretamente das fábricas ou são pegas em facções?

Costureira 05: As peças vêm diretamente das fábricas.

13. Quem na sua casa trabalha com esta atividade?

Costureira 05: Somente ela, em sua residência, trabalha com costura.

14. Por que optou em trabalhar em casa?

Costureira 05: Para cuidar dos filhos

15. Na vizinhança, conhece quantas pessoas que trabalham em casa com dobração, costura ou bordado?

Costureira 05: Não conhece quem costure em casa

8.9. COSTUREIRA 06

Entrevista transcrita na íntegra.

Costureira 06: Eu sou natural daqui

Mas e os seus pais como eles vieram para cá?

Costureira 06: Meu Deus... é minha mãe nasceu aqui em Guaramirim, meu pai também, só que é Guamiranga, o município principal é aqui, é Guaramirim né.

E seu esposo e a família dele?

Costureira 06: é Jaraguá.

É porque a Adriele veio do Paraná...

Costureira 06: Ah sim, e eu só tenho paranaense trabalhando aqui.

Ah a senhora tem gente trabalhando aqui?

Costureira 06: Sim, tem quatro, todas do Paraná.

E elas vieram quando?

Costureira 06: Ai meu, a Alana acho que fazem uns 14 anos, ah não tem uma que não é do Paraná, a Patrícia, a dona Isaure fazem 05 anos, essa uma que acabou de sair acho que também faz uns 10 anos que tá aqui.

E elas vieram para morar aqui por quê?

Costureira 06: Porque os filhos vieram antes. Que nem a dona Isaure os filhos vieram, aí veio a filha caçula, aí eles queriam sair do interior do Paraná e ir para o centro, aí o pai optou para vir para a região com a filha. A dona Fátima a mesma coisa, os filhos vieram antes, aí eles resolveram vir porque só ficou com a caçula lá, aí resolveram vir. Porque os filhos vêm todos, a maioria vem para trabalhar na WEG, a primeira coisa eles vão para a WEG, e geralmente assim, tem alguns que ainda estão na WEG. E a Dri eu nem sei porque quando eu vim morar aqui na Caixa d'água, por que eu casei eu fui morar por 22 anos no Garibaldi, o meu marido é de lá do Alto do São Pedro. E quando eu vim morar para cá a Dri já estava aqui com o pai dela e com a irmãzinha dela. E agora eu acho que eu tô há 20, não, não estou a 20, nem sei mais, mas eu já vou voltar para o Garibaldi, porque aqui vai ficar para o meu filho. Aí eu estou construindo lá, e eu vou morar bem perto da igreja de São Pedro, não sei se você conhece, bem lá pertinho uma casa bem na beirinha da estrada, passou e viu a igreja, do lado vê minha casa.

E lá tem uma infraestrutura também, tem o posto de gasolina, tem algumas coisas.

Costureira 06: Tem, Tem mercado, é bem gostoso, eu morei lá bastante tempo né. Eu quero voltar para lá e meu filho vai ficar aqui porque ele

vai casar. Só que eu também quero costurar lá, já arrumei o meu lugar para costurar.

E como a senhora começou a costurar?

Costureira 06: Para facção?

Isso.

Costureira 06: Quando eu vim morar aqui, porque antes eu nunca costurava em casa, não costurei uma vez para um homem lá no Garibaldi, mas só para ajudar a fazer bainha. Ele trabalhava para uma empresa que só vende em catálogo, e eu fazia bainha e pregava debrum. Aí eu vim para cá e fui trabalhar com uma mulher que tinha bastante costura. Só que aí eu fiquei pensando que seria melhor se eu ficasse em casa, aí deu problema com a minha filha com a menininha dela, e eu queria ajudar a cuidar da menina, só que ela morava em Balneário Camboriú, aí eu tinha que trazer a menina para cá. Aí a menina estava com 09 meses e eu decidi trazer a menina para eu cuidar. E decidi que ia costurar em casa, porque eu costurava na casa de outras que já tinham facção. Então eu pensei, eu vou comprar as máquinas, mas primeiro eu aluguei, por um ano e pouco eu fiquei com as máquinas alugadas, depois eu comprei as máquinas, aí ao menos se ela chorava eu estava ali. E é melhor quando você está em casa, e tem muita gente que diz que você trabalha mais quando está em casa, mas trabalha menos. Quem tem facção as costureiras que trabalham na facção, fazem as 8h, 10h e vão embora, mas eu as vezes é meia noite e eu ainda estou costurando, as vezes as 05 da manhã eu já estou costurando. Depende do pedido, tem o pedido que as vezes é muita coisa e eles dão 03 dias de prazo, e se tu não termina o telefone só toca né, e incomoda muito, mas se tu não atende é falta de respeito, porque quando você quer trabalhar liga, mas quando esta atrasada tem que atender. Eu já atendo com uma voz de desespero (risos) a pessoa tem até pena de mim, mas acho que.... a maioria.... aqui na Caixa d'Água é infestado de facção. Só que é assim tem algumas facções que eu conheço que só trabalham sozinhas, só a dona, e outras só com uma funcionária. Eles até me perguntam como eu consigo. Para mim é normal, elas sentam na máquina, trabalham, quando é a hora de ir embora, elas vão embora, e no final do mês é contado o quanto elas trabalharam e ganham...

E elas ganham por peça?

Costureira 06: eu pago por peça. Porque tem muita gente que quer pagar por hora só, mas não compensa, porque nunca, vamos supor se uma pessoa só faz só camiseta, tu até tem como pagar só por hora, mas hoje

você faz bermuda, amanhã você faz saia, depois você faz blusinha, não é tudo igual. Aí se a pessoa não rende na blusinha, aí tu vai ter que tirar do teu para pagar para a pessoa né e não é fácil. Assim se ela fez a peça ela vai ganhar e se ela não trabalhou ela não ganha nada. Sabe que uma vez eu peguei uma mulher por hora, sabe que ela não queria trabalhar se não fosse por hora, porque acho que ela não entendia como era se fosse por peça. Eu peguei ela para fazer um teste, no final do dia eu contei tudo que ela trabalhou e se eu fosse pagar por peça – vamos supor não lembro mais né foi quando eu abri aqui – ia dar 13 reais por dia e assim, por hora, ela me tirou trinta e poucos. Então esse outro dinheiro, eu tinha que pagar para ela sem ela ter trabalhado. Que nem aqui eu estou franzindo, eu pago 10 centavos para franzir a cintura, se a pessoa fez 100 peças é 10 reais né, e se a pessoa não faz, não ganha. Para arrematar os ganchinhos é 04 centavos. Eu tenho tudo no caderno, a pessoa pega o caderno, já sabe o que vai fazer e o que vai ganhar, eu tenho tudo anotadinho ali. A Dri trabalhou até esses dias comigo. Até falei para ela que ano que vem eu não estarei mais aqui que a minha casa vai ficar pronta, se você quer procurar alguma coisa para você trabalhar vai mas quando é final do ano, as vezes não tem né, e quem já está empregado fica, e quem não está para entrar? E como está fechando tudo né, a Esse já fechou, tem muita firma fechando né.

E a senhora já tinha trabalhado em alguma empresa? Aprendeu a costurar como?

Costureira 06: Não, aqui não. Aprender a costurar eu aprendi de solteira. Eu trabalhei na WEG dos 14 aos 18. Eu entrei na WEG na época eu era menor né, quando eu completei 18 eu já não queria mais ficar na WEG, o serviço era muito sujo.

O que a senhora fazia na WEG?

Costureira 06: eu trabalhava na fundição e fazia rosca naquelas tampas grandes de motor. Isso sai um pó de ferro, na roupa, que até enferrujava no verão, porque era um pó de ferro né. Eu não trabalhava lá dentro da fundição 01, eu trabalhava aqui na fundição 02. As tampas já vinham (polidas) e tudo até pintadas, alguém colocava numa prensa lá e fazia os furos, e eu com uma máquina fazia as roscas, para depois colocar os parafusos.

E era sempre o mesmo movimento?

Costureira 06: sempre, sempre assim. E aí quando eu completei 18 anos eu já não queria mais trabalhar lá, porque eu já tinha pedido as contas com 17 anos, aí falaram que não porque o meu irmão mais velho

trabalhava lá, e ele era o responsável e falou para eu ficar até os 18 anos. E aí depois aos 18 eu queria trabalhar numa malharia para ter a mão bem branquinha, eu queria isso... eu lembro disso. Aí eu peguei e fui lá na Cirus, ela não existe mais ela faliu. Você é natural daqui?

Não eu sou de Campos Novos.

Costureira 06: ela era do seu Roland Dornbusch, um deputado estadual, não era na época e depois se candidatou, aí eu fui lá pedir emprego e eles me perguntaram qual área, e eu respondi costureira, mas eu não sabia nem, eu nem conhecia isso. E quando eu entrei eu nem acreditei, eram aquelas maquininhas pequenininhas, eu pensei que se um dia eu soubesse costurar como as mulheres costumavam, era uma delícia, a máquina parecia que ia sozinha. Ah se eu aprender. Humpf! Fiquei lá...

Mas e a senhora sabia costurar naquela máquina de pedalar?

Costureira 06: Sim naquela de pedalar eu fazia umas coisas em casa sim. Mas não tem nada a ver essa máquina aqui, aquela ali sim. Mas essa aqui não, essa é *overlock* e aquela ali é a reta eletrônica, aquela ali é boa porque ela faz ela já deixa prontinha, ela já corta tudo. E essa ali a cobertura, que ela prega debrum e faz bainha.

O que é debrum?

Costureira 06: o que é debrum? (procurando) se eu tivesse uma blusinha eu te mostrava, mas entrega tudo.

É aquelas bainhas?

Costureira 06: Não, é... isso aqui e colocamos num aparelho e eles saem como se fossem a bainha e fica enfeitadinho, ai ele fica dobradinho como se fosse o arremate. E a bainha é dobrada em dois... Aí eu trabalhei lá, faliu, pena faliu bem perto da época de natal. Ai meu marido se acidentou, ele era meu namorado na época, e ele se acidentou e eu fiquei morando lá cuidando dele, acho que um mês e meio só e depois ele já voltou a trabalhar. E aí eu comecei a trabalhar nua confecção de *lingerie*. Que acho que também não existe mais em Jaraguá. Depois eu casei e meu marido tinha comércio, e 18 anos nós ficamos com um bar, aí quando eu vim para cá, eu lecionei, eu dei aula 05 anos numa escolinha lá, aí depois quando eu vim para cá, eu comecei a costurar de novo, não tinha esquecido. Aí aqui eu já tenho 07 anos que eu costuro aqui, três anos só para essa empresa aqui. As vezes tem algumas que ligam assim e aí eu encaixo. Mas só quando eu tenho tempo, porque se não eu fico louca, pegar de outro né. Porque as vezes assim fica, esse empresa que me dá esse serviço aqui, ela ficou um

pouquinho fraca, aí eu peguei da outra, mas aí depois veio serviço de novo.

E para que empresa que a senhora costura?

Costureira 06: Para a Biju Kids lá do Bananal, do Guamiranga.

Ela é uma empresa que tem estrutura própria?

Costureira 06: Não ela não tem costura dentro, ela compra a malha, manda tingir do jeito que ela quer, e aí ela manda estampar, porque as cores são dela, e ela manda estampar, é só mais é de criança, por isso que já é kids, tem também algumas roupas adultas, mas aí vem com outras etiquetas, mas lá dentro só tem o corte...

E a expedição...

Costureira 06: Mas ainda eles têm fora a dobração. Também aí é tipo facção.

Eu não consegui entrevistar ninguém que tenha dobração no caso.

Costureira 06: é eles dobram, empacotam, fazem tudo. Eu não sei mas aqui tinha uma mulher que fazia dobração, eles traziam e elas dobravam. E essa mulher o marido dela tem estamparia e estampa para essa empresa e ela tem a dobração. A maioria das estampas, se eles têm 100 tipos de estampa, 90 é essa Objetiva que estampa. E as outras 10 é uma outra que nós estávamos lá pegando o pagamento ele até falou o nome da empresa dele, nem sei como que é, ele disse que era ali do centro.

E a senhora pega lá na empresa no Bananal ou eles vem trazer?

Costureira 06: não eles que trazem tudo certinho, e aí quando é dia de vir buscar, eles vem buscar, e que nem ela ligou hoje, ela sabe que eu não vou acabar hoje nem amanhã, só quarta eu vou acabar, só que amanhã de tarde já vem um outro lote, porque a peça quando ela tá finalizando ela fica só numa máquina né, como eu tenho mais, eu tenho costureira em casa e costureira aqui, que aquela mulher que estava aqui ela faz tudo em casa, porque ela tem máquina em casa, máquina dela, aí quando está finalizando as vezes só vai nessa máquina aqui, nas *overlock* já foi tudo, aí só tem para mais uma, aí tem que vir outro para outras costureiras começarem o outro lote.

E quanto mais ou menos eles pagam por peça?

Costureira 06: Essa aqui é 90 centavos.

A peça inteira?

Costureira 06: a peça inteira, prontinha é 90 centavos.

Com a etiqueta já?

Costureira 06: Com a etiqueta, não com o TAG, só a etiqueta. O TAG é na dobração.

E o menor valor que a senhora já recebeu por uma peça?

Costureira 06: não sei se vai vir mais desses modelos mas era 45 centavos.

E o que que era?

Costureira 06: era um shortzinho, mas meu Deus era só elástico e bainha na perna. Só que também faz tempo né. É porque tem muitos assim que não vem nem essa emenda do lado, ela é fechada aqui. Só prende no meio com os ganchos, ai prega o elástico, rebata, faz bainha, remata o gancho e acabou.

Dai é uns 40 centavos.

Costureira 06: era né.

E o maior valor?

Costureira 06: o maior valor, vamos supor, agora do verão... do inverno o maior valor é R\$ 1,45 é a jaqueta. Só que a jaqueta deles é básica, não tem limpeza, não tem aquela dobração para dentro, que esconde o zíper por dentro, não tem três pontos, no zíper, é bem simples. Bem gostoso de fazer, bem rápido. E quando vem jaqueta eu quero tudo para mim.

E quantas peças a senhora costura dessa bermudinha por dia?

Costureira 06: Eu gostaria de saber. Porque essa é a primeira vez que veio, é um modelo novo de verão. Nós ganhamos 1224 bermudas dessas, terça feira passada nós começamos, às 9h da manhã.

E vai até quarta feira?

Costureira 06: eu acho que até quarta feira.

E vocês estão em 4 ou 5?

Costureira 06: não, nós estávamos só em 2. Aí essa mulher ali não trabalham direto, ela faz lingerie em casa. Então quando ela não tem muito serviço, ela ajudou naquele pacote lá, de 224 peças, mas ela não terminou as 224, mas ela só levou para pregar o cós e arrematar entre pé. O resto nós já tínhamos feito tudo.

E essa aqui quanto é que a senhora está ganhando?

Costureira 06: 90 centavos.

E a senhora paga 90 centavos para ela costurar a peça inteira ou...

Costureira 06: Ela não faz a peça inteira. Ela só faz uma parte. Aqui eu até mudei aqui, é 90 centavos mas ali eu já coloquei 75 centavos porque, eu tiro 5 centavos para a luz e 10 centavos para o fio, que eu tenho que comprar o fio...

E a manutenção da máquina também?

Costureira 06: é só que aí inclui nos 15 centavos que eu tiro da peça. Aí eu coloco fechar gancho da frente 04 centavos, eu já coloco assim

porque mais gente faz. Aí eu coloco fechar gancho das costas 04 centavos, aí como tem o forro é 03 centavos, franzir as pernas, porque antes a gente tem que franzir todas as pernas, uma por uma, aí depois tem que franzir a cintura, é esse que eu estou fazendo agora, aí remata entreperna, fecha o cós, prega o cós, aí aqui a menina vai cortar o elástico, tem que medir e cortar. Ela tem que fechar o elástico ali na máquina. Aí tem a limpeza da perna, separar as peças, fechar o lado, virar peça e virar peça. Porque tem duas vezes para virar, tem que virar peça para eu fazer isso aqui, e depois tem que virar para eu amarrar. Aí aqui deu os 75 centavos.

Ai conforme o número de peças que ela faz por dia ela ganha.

Costureira 06: é aí eu tenho uma folha de quando acaba o lote, a menina que dobra, como tem tudo cor, a menina que dobra estava fazendo o cálculo do ultimo lote. Era calça masculina, a marinho do último lote tinha 51 peças, aí se alguém fez o marinho deu o total de 151 peças. Se alguém fez o chumbo deu o total de 198 peças. Porque eu não digo assim uma faz tamanho quatro, uma faz todo o marinho porque aí ela só fica com o fio marinho na máquina, porque aí não troca, se a outra leva para casa, só vai levar uma cor, porque aí não vai ficar trocando de fio, trocando de fio,... porque isso não rende nada né. Aqui tão as femininas e aqui as masculinas.

E quando a senhora dá para costurar em casa a senhora fornece o fio também?

Costureira 06: dou o fio, só que eu pago o mesmo preço, costurando aqui ou costurando em casa. Sim para diminuir né, aqui assim se ela fez o marinho, então no final quando amarramos o lote, que ele fica lá fora para o cara buscar, aí sabemos que no marinho tinha 152 peças, e aí fechamos, e aí sabemos quantas peças tinham, e aí verificamos se estava certo. E se não contamos, às vezes saímos perdendo, porque é a primeira vez que aconteceu, que eles falaram que tinha 800 e poucas peças, mas na verdade tinham 1017, e foi a primeira vez, porque a menina que trabalhava lá trocaram, colocaram outra e ela não conferiu direito né. Assim, não toda vida, porque eles já falaram quem tinha 657 e veio 657. Essa foi a primeira vez que aconteceu, mas aí já ficamos ressabiados. Aí eu digo assim para menina, conta em 10 em 10 e faz um risquinho ali para depois somar, porque quem costurou também não quer perder né. Porque se você vai costurar ali e para pra contar tudo que você fez, você perde mais um tempo que poderia fazer umas 10 ou 15 peças. Então

confia na pessoa que vai contar, e a pessoa que vai contar também tem que prestar atenção porque é um serviço né, ela também está ganhando.

E quanto mais ou menos uma costureira tua ganha por mês?

Costureira 06: Hum, a Adrielly ela ganhava R\$940,00; R\$960,00; mas ela trabalhava das 8h ao meio dia e das 13h as 18h.

E ela era ligeira?

Costureira 06: Ela era ligeira.

E uma assim que trabalha... a senhora tira quanto mais ou menos por mês? Sem contar os R\$ 0,15... não tem como fazer a conta?

Costureira 06: é assim, é porque as vezes eu tiro R\$ 2.000,00. Mas ai já vai 300 e pouco para fio, vai muito fio, se vir mecânico, eu tenho um colega ainda que eu mando um zap para ele e ele escreve o que eu tenho que fazer na máquina, isso é uma boa ajuda esse zap zap aí né. Aí ele me ajuda bastante nisso ali porque só a visita do mecânico é R\$60,00...

Que sai desses teus R\$2.000,00?

Costureira 06: é que sai desse dinheiro ali, a luz assim não, a luz é... o que que a luz dá, a luz não aumenta muito, porque eu sei de pessoas que gastam o mesmo tanto que eu e não tem máquina em casa. Sabe não é uma coisa assim, e fica ligada o dia todo. Mas eu não acho muita coisa, eu gasto mesmo é no fio, esse mês ainda não chegou nos R\$ 300,00 está nuns R\$200,00 e uns quebradinhos. Quando quebra muita agulha também né, o óleo que tem que colocar nas máquinas.

E da onde que a senhora comprou as máquinas?

Costureira 06: eu comprei da sogra da minha sobrinha, porque ela ficou doente, câncer, e ela vendeu três máquinas, primeiro me vendeu duas e ficou com uma, aí uma outra eu comprei da loja, comprei não faz muito tempo, fazem uns 08 meses, e aí ela ficou doente não conseguia mais costurar, e aí ela vendeu com muito fio, aparelho, sabe? Tudo... Porque eu costumava para um outro e ele já pegava da Lenice e repassava, só que aí ele trazia o fio e os aparelhos, mas quando eu quis parar com ele, aí eu tinha que saber que eu iria ter que comprar fio e aparelho. Aí como essa mulher queria vender máquina, aparelho e fio, eu comprei tudo dela. Mas aí depois de dois meses eu fiquei sabendo que ela queria vender a outra máquina, e eu comprei aquela máquina também. Porque só que eu digo assim, se você quer trabalhar, eu até trabalhei um ano e pouquinho com máquina alugada, e eu até não sentia que o dinheiro ia né, R\$ 250,00 de aluguel para 3 máquinas, e sei lá. Depois quando eu comprei, eram R\$ 300,00 por mês as máquinas para pagar. Também paguei, paga rapidinho.

Sim, agora já tens as máquinas para você né...

Costureira 06: sim, e já faz tempo né. Uma delas como ela é eletrônica ela tem um painel que as vezes dá problema que precisa formatar, ela fica meio caduquinha, começa a levantar os pés sozinha, dá umas panes. Hoje ela estava assim, a menina ia colocar o elástico ela levantava e não abaixava mais (risos)...

Mas deve ser uma beleza costurar numa máquina dessas.

Costureira 06: é gostoso. Quer ver pregar zíper né.

Bem rapidinho.

Costureira 06: é porque ela já remata e já corta o fio, e pronto né.

E se você fosse contar o tempo para fazer uma peça dessas, quanto tempo demoraria para fazer tudo? Uma que você está fazendo? É rapidinho?

Costureira 06: é rapidinho, quer ver?

Quero.

(FAZENDO A PEÇA)

Costureira 06: Tem peça que é bem rápida né, mas como eu tenho que franzir, tem operação que é bem rápida né, mas essa daqui como eu tenho que franzir eu tenho que segurar o pequeno, e o grande deixar solto para o grande entrar ali dentro e encaixar direito.

É bem rápido, e esse é um dos serviços mais demorados?

Costureira 06: é eu acho que pregar o cós, porque o cós também não deve ser bom. Aí o pregar o cós tem que cuidar para não comer o elástico, porque se comer precisa cortar com a faca. E se cortar aí o elástico fica engatado e ele não fica solto na cintura né, e aí fica feio. Se a peça fosse de *cotton*, que nem eu não compro malha, porque eu sei a diferença entre essa meia malha e do *cotton*, e acho que valia mais a pena comprar *cotton* e não colocar o elástico dentro, porque o elástico já é uma coisa cara. Eu acho que valia a pena mais comprar *cotton*, porque eu fiz uma peça esses dias para a Toda Doce, ela era de *cotton* e o *cotton* não ia elástico, porque o *cotton* já é elástico.

Sim é que nem suplex.

Costureira 06: sim é porque ele não precisa porque ele já é, já é bem apertadinho.

(*Parte sobre o gancho não transcrita 29'00 a 31'50"*)

E como a senhora começou a pegar dessa empresa?

Costureira 06: dessa empresa aí ela perguntava direto se eu não queria trabalhar para ela, é engraçado falar, mas eu fui babá do pai dela, e aí ela sempre quis que eu trabalhasse para ela. E um dia pensei vou sair da

Lenice e costurar para ela, é que não era bem da Lenice eu costurava para...

Uma facção que costurava para a Lenice...

Costureira 06: e assim eu comecei a costurar para ela. E aí eu faço o mostruário, e faço a produção. É bom fazer o mostruário né, o mostruário rende.

É pouquinho de cada né...

Costureira 06: não, é porque eles pagam melhor o mostruário né.

E se tem algum erro na peça?

Costureira 06: é esses dias fizeram reunião, sexta-feira passada, erro do corte? Ou erro nosso?

Erro da costura.

Costureira 06: eu não vou me gabar, mas eu não erro.

E se por acaso errar alguma coisa?

Costureira 06: porque olha aqui (mostrou uma peça), olha como é largo o entreperna.

Esse daí não vai dar muito certo não

Costureira 06: se a criança abrir muito a perna, coitada da menina. Tem que estar usando aquelas cuequinhas por baixo. Tá ridículo, Deus me livre a dona da firma escutar. Por que esse aqui ficou uma graça mas... *(comentando sobre erros de corte das roupas que já vem da fábrica)* Eu até falei, que se tivessem falado que ia ser balonê, o gancho não poderia ser tão pequeno, porque esse aqui é muito estreitinho. Mas só que já foi vendido né... porque isso aqui não é feito para procurar para quem vender, tem 40 mil bermudinhas encomendadas, mas não só deste modelo. Tem um modelo que é tipo um shorts-saia, tem um modelo que é ciclista, e tem um modelo que é esporte. O shorts-saia também, eu vi o modelo lá, é bem bonito, e eu vou ganhar 700 e pouco para fazê-lo, e é bem fácil. E esse aqui não é ruim, mas é que eu tenho que entender que quando eu pego um pacote, às vezes, nós chamamos de lote né. Às vezes vem um lote para fazer de 400 peças, aí você faz em 02 dias, só que este lote aqui ele não tem 400 peças, ele tem 1200, então ele não sai daqui de dentro e me deixa nervosa. É que nem aquele dias as calças, se eu consigo fazer 200 calças por dia, como é que elas não saem daqui de dentro, porque tu começa a fazer tu não vai contar, tu vai fazendo vai fazendo, e aí como ela tinha cinco cores, aí nós pensamos, a chumbo tinha tão pouquinho, tinha 200 e poucas peças, a marinho tinha tanto assim, ela devia ter umas 400 ou 600, a *pink* também tinha muito, já tava dando mais, então tem coisa. Da 1017 já é um dia e meio a mais

trabalhado né. Mas quando tu conta tu fica nervosa, porque você já trabalhou um dia, aí mais outro dia, as peças ficam ali encalhadas, aí tu pensa ou não tá conseguindo, ou tem coisa errada porque nunca veio contado errado, só dessa vez, mas entendemos que a pessoa que está trabalhando não trabalhava com isso. E a outra saiu, e vinha certinho, com a nova, trocou todas as etiquetas, tudo ela trocou, o meu número era 3 e olha eu onde que eu estou, no 19 já. E conversando com a fábrica eles falaram que é para acabar com os números maiores e que depois continuará só de 1 a 7 (tamanho de roupa). No caso eu achava que era a terceira, mas eu sou a segunda facção que trabalha com eles há mais tempo. Eu até entendo, é que às vezes nós queremos ganhar mais, mas vamos supor, aquela bermudinha, a outra firma pagou R\$0,80 só que ela não tinha costura lateral, então eu pago R\$0,10 então já tira 10 centavos, ela não tem elástico aquela lá, o forro não tinha emenda dos lados, então era bem mais rápida para pregar, e ela não era franzida porque o cóis já era com *cotton*.

E daí vem alguém aqui e explica para a senhora como é a peça?

Costureira 06: eles mandam a peça piloto. Mas não tem nada... que nem é agora eu chamei por causa desse gancho que era muito estreito, ai eu pensei se o tamanho 8 é assim, porque fizeram uma reunião porque o tamanho 01 ficou errado. Mas é a lógica se o 8 é fino quando chegar no 1 vai diminuindo fica menor ainda. Ai eu chamei ela aqui, me apavorei, peguei o celular e bati a foto do gancho antes de fechar, para não dizer que fui eu que comi no gancho né. Ela disse que não precisava ficar apavorada, mas eu não estava apavorada, só não queria ser cobrada por um erro que não era meu. E daí eles fizeram reunião, se eles vendem a R\$ 10,00 a peça, é R\$10,00 a peça que não tem mais jeito. Vamos supor, se a peça vai lá aberta, ela volta para costurar, só que eu tenho revisora né, ela já está aqui paga para olhar se tem aberto. Então quando sai aberto e volta para mim eu mostro para pessoa que revisou, que eu paguei e tá no caderno né.

E assim eles não descontam nada?

Costureira 06: Não.

Só se estraga a peça?

Costureira 06: Sim, então aquela peça era 01, 02 e 03. Ela disse que o 03 ficou para o 02, e o 02 ficou para o 01 e tiveram que talhar o 03 de novo, porque o 01 tiveram que jogar fora, porque ficou muito pequeno. Mas eu não acredito que uma pessoa possa ter comido tanto sabe? Eu acho que eles erraram na primeira talhação. E daí ela disse que ia cobrar

o valor da peça, mas eu sei que a firma cobra, porque uma mulher que trabalhou eles levaram a peça e cobraram. Ela não fez a bermuda, ela fez só a blusinha. Nesse lote a menina fez um corte errado e estragou várias peças. E a fábrica mostrou o corte para a dona da facção e a dona da facção não queria dar o pagamento para a menina, mas não pode, aí tá errado né. É ruim, é complicado, porque a gente entende, vamos supor se eu fizer todas as peças erradas para quem eles vão vender? E eles também não podem né... como eu quero receber o que eu fiz, eles também querem né, mandaram certinho talhado... mas comigo assim nunca deu nada, e eu também não sabia que dava tanta coisa de errado. E aí agora com tanta coisa errada e a crise tá ruim, e as vendas, e fizeram uma reunião para explicar. Porque assim as blusas vem do mesmo tamanho, na máquina que faz a bainha você tem que dobrar certinho e não pode deixar rebarba né, tem algumas que deixam grande a rebarba e depois elas pegam a tesoura e cortam, só que a peça não vai ficar do tamanho certo, vai ficar menor, e aí lá na dobração, a mulher da dobração estava na reunião, ela falou que tem camisas que dá dois dedos de diferença, mas aí é mais né, já cortaram tudo no ombro e aí vai aleijando a peça. As vezes tu compra uma blusa ela está retinha na loja, você lava e ela TCHIII, aí não é problema da costura, porque a costura não faz isso, isso é problema da talhação, que erra quando coloca o molde. Mas quando sai da costura e tu vê que fica torto aí é culpa da costura. Só que eu brigo, quando eu vejo erro e não fui eu que fiz eu brigo, porque eu acho assim, se eu sei que eu não fiz eu quero que explique.

E uma coisa que eu não perguntei para a senhora, a sua família é de origem que origem?

Costureira 06: eu, mesmo não parecendo, eu sou alemã, e o meu marido é italiano. E meu marido é de origem italiana de tudo que é lado.

E a senhora paga previdência?

Costureira 06: eu não pago, mas eu tenho que arrumar isso nesse ano. Porque o meu INSS eu tenho 17 anos de INSS, depois eu tenho que ir lá arrumar porque eu perdi minha carteira e não achei e só fui achar no começo desse ano. Aí tem que levar a carteira como eu vou provar que eu trabalhei em tal lugar.

E as costureiras aqui elas pagam o INSS?

Costureira 06: Não, nenhuma. A dona Isolde é aposentada. A menina que tá na máquina eu tô ensinando ela, tem 16. E a outra ela trabalhando

na WEG ela não paga. E como eu vou embora ela disse que vai trabalhar...

E aqui tu vai parar?

Costureira 06: é aqui o meu filho que vai ficar. E eu não sei o que ele vai fazer. Ele vai casar em 17 dezembro do ano que vem, mas aí até que desmancha e constrói...

E a senhora vai levar as máquinas lá para Garibaldi?

Costureira 06: vou, lá em Garibaldi tem a casa velha da minha sogra que ela não mora mais na casa, e eu vou pegar toda a sala para mim.

E quais são os meses que a senhora tem serviço?

Costureira 06: janeiro e fevereiro não têm, dezembro tem até dia 23, teve um ano que eu tive que voltar dia 2 para entregar um pedido dia 6 e aí depois acabou. Mas aí tu tem que guardar umas economias por que não tem... mas quando começa não para nunca mais, serviço tem bastante.

8.10. EMPRESÁRIA 01

A família de Verônica veio morar em Jaraguá do Sul em 1975 após perder o pouco que possuíam em uma grave enchente atingir, no ano anterior, o município de Braço do Norte, de onde é natural. O pai de Verônica, ao chegar em Jaraguá do Sul, trabalhou em uma empresa que fabricava calçados, a Mendonça Calçados, já a mãe de Verônica trabalhou cuidando de uma chácara de um familiar que já morava em Jaraguá do Sul. Passado um tempo de moradia no município ambos foram trabalhar na Malwee Malhas, onde trabalharam por 20 e 13 anos respectivamente.

A empresa começou em 2002, quando, em uma peça de 70 m² alugada, iniciaram as atividades, Verônica, a proprietária, seu filho mais velho Luiz Fernando, mais quatro funcionários, dentre eles André, que trabalha até hoje na empresa. Antes de iniciar as atividades da empresa, Verônica trabalhava em um supermercado do município, mas decidiu largar o emprego para investir na empresa. O capital para investimento inicial na atividade foi conseguido a partir de um empréstimo consignado do marido de Verônica, funcionário público da Prefeitura Municipal de Jaraguá do Sul. Ao iniciar as atividades, realizavam apenas o corte e a expedição na estrutura da recém criada empresa, todo o restante do processo era terceirizado. Na época, com três representantes comerciais, iniciaram o contato com o mercado consumidor de São Paulo, hoje seu principal consumidor. Da família trabalham na empresa Verônica e seus dois filhos, que inicialmente, não ajudavam na produção nem na fábrica, tanto é que um é formado em engenharia mecânica e outra em biomedicina. Porém, como há cerca de 06 anos a produção melhorou muito, ambos atualmente, auxiliam na fábrica, não exercendo as profissões para que estudaram.

A empresa trabalha com produtos para crianças, nos tamanhos P, M e G da linha Bebê, 01, 02 e 03 da linha Primeiros Passos e 04, 06 e 08 na linha Infantil, com coleções desenvolvidas na própria empresa por Verônica e uma funcionária (sendo que ambas não possuem qualificação para o desenvolvimento). Para que as coleções sejam desenvolvidas, realizam pesquisas na internet e levam em consideração as colaborações dos consumidores. Atualmente só não vende para cinco capitais do Brasil, sendo que os maiores mercados consumidores são as cidades de São Paulo, Goiânia e para os estados do Nordeste, principalmente com

coleções de verão. Para realizar esta venda, conta com 42 representantes comerciais que atuam nas cidades consumidoras.

Atualmente a fábrica realiza quase todas as etapas, mesmo que parcialmente, do processo produtivo das peças que compõem o seu portfólio. A empresa compra o fio e manda tecer em uma empresa da região, bem como a tinturaria da malha já tecida. Após isso, na unidade realizam parte das operações de risco, corte, costura e expedição, mas muito é terceirizado. Terceirizam totalmente as atividades de dobração, tagueamento – ato de colocar TAGs, ou etiquetas – e tecelagem. Contam com cerca de 40 equipes de trabalho terceirizado, das quais quatro são exclusivas, sendo que apenas uma equipe de costura presta serviços exclusivamente à empresa, as outras três prestam serviço de dobração. O pagamento para estas empresas é realizado por peça costurada em um valor que depende do processo que é empregado na confecção da referência, sendo que o menor valor citado por Verônica é de R\$0,80.

Produz aproximadamente 250 mil peças por mês, sendo que em épocas de baixa produção há uma diminuição de 40% da produção. O giro mensal da empresa está atualmente entre R\$ 1 milhão, nos meses de menor produção – janeiro, fevereiro, junho, julho e dezembro – e R\$ 2,2 milhões nos meses de maior produção – março, abril, maio, agosto, setembro, outubro e novembro –, gerando uma média de R\$ 1,3 milhões mensais. Uma peça que custa R\$ 5,70, por exemplo, Verônica vende à R\$ 6,00, tendo uma lucratividade aproximada de 5% por peça.

A fábrica conta com 30 funcionários, contando o chão de fábrica e setor administrativo. Os funcionários trabalham em dois turnos, sendo que as atividades da fábrica iniciam às 05h da manhã e se encerram às 17 horas. Porém, nas sextas-feiras, apenas um turno funciona. O salário inicial dos funcionários gira em torno de R\$1300,00 por mês, com bonificação caso não existam atrasos ou faltas.

O maquinário é proveniente do Estado de São Paulo, mas é adquirido através de representante das marcas em Jaraguá do Sul, a saber a Buzzmaq, sendo que a manutenção é realizada por outra empresa também de Jaraguá do Sul.

Há somente sete anos conseguiram construir a primeira parte de sua sede própria, um galpão, após um tempo construíram a segunda parte da fábrica e há apenas dois anos construíram a terceira parte da sede. Neste ano, adquiriram mais dois terrenos localizados ao fundo da empresa para ampliar ainda mais a área da fábrica.

Quando questionada sobre a crise, afirmou que nunca vendeu tanto quanto este ano, cerca de três vezes mais do que costumava vender.

Entrevista transcrita na íntegra:

Como é o nome da empresa?

Empresária 01: Confeções Fenalu.

Como que começou a empresa?

Empresária 01: Como que começou? Ela começou há 13 anos atrás. Nós pagávamos aluguel em um espaço com 70 m². Trabalhava eu, o meu filho Luiz Fernando, o André e mais três funcionárias. Começamos ali na rua... como era mesmo o nome André? ... Henrique Boeder e nós terceirizávamos, só tínhamos interno o corte e a expedição, e terceirizamos tudo. Começamos só com nós 5 e na época tínhamos 2 ou 3 representantes só. E aí fomos tentando entrar no mercado de São Paulo que é o nosso carro chefe né, e foi batalhado muito para chegar até aqui.

Antes de abrir a empresa você trabalhava aonde?

Empresária 01: Num supermercado.

E de onde surgiu o dinheiro (capital) para abrir essa empresa?

Empresária 01: Meu esposo pegou na prefeitura um empréstimo consignado.

E o Seu esposo trabalha na prefeitura? Ele ajuda na empresa?

Empresária 01: Ele trabalha na prefeitura, só ajuda de noite quando tem bastante serviço. Mas aqui interno ele não trabalha.

E o que você produz, hoje, aqui na empresa?

Empresária 01: Nós produzimos a linha P, M e G bebê; 1, 2 e 3 primeiros passos; e 4, 5, 6 infantil.

O mercado principal é São Paulo ou vende para mais algum lugar?

Empresária 01: Não, hoje nós só não vendemos para 05 capitais, o resto vendemos para o país todo.

Aqui para o Sul também ou...

Empresária 01: Vende, mas é bem menos... a nossa maior venda é São Paulo-SP, Goiânia-GO e depois Nordeste.

E como a sua família veio morar em Jaraguá do Sul-SC?

Empresária 01: O meu marido é de Jaraguá do Sul-SC, eu cheguei depois da enchente de 1975 em Tubarão-SC (de Braço do Norte-SC). Na enchente de 1975 que teve lá, meus país eram muito pobres e não tínhamos nada, depois da enchente viemos para cá através de um tio que tinha aqui.

Seus pais vieram para trabalhar na indústria...

Empresária 01: meu pai trabalhava na indústria de calçados Mendonça que tinha aqui em Jaraguá do Sul e era funcionário dele. Minha mãe trabalhava... ele (**o Mendonça**) tinha uma chácara e minha mãe cuidava da chácara e meu pai trabalhava com ele. Depois, mais tarde, meu pai e minha mãe trabalharam na Malwee. Minha mãe trabalhou 13 anos na e meu pai trabalho 20 anos na Malwee.

E sobre a tua produção, você produz infantil e muito mais verão do que peças de inverno.

Empresária 01: Isso.

E aqui na fábrica hoje você tem o que?

Empresária 01: Aqui nós fazemos todas as etapas. Quer dizer não todas, nós riscamos, cortamos, costuramos e fazemos a parte da expedição. Nós não fazemos “dobração” nem “tageamento”.

E quantas terceirizadas você tem?

Empresária 01: Quantas pessoas? Agora você me pegou. Equipes mais ou menos umas 40, pessoas aí talvez dá mais né.

40 equipes terceirizadas exclusivas?

Empresária 01: Não são exclusivas, exclusivas só umas três. Não pedimos exclusividade porque quando dá uma baixa nós não nos comprometemos com isso né.

Então eu acho que eu conversei com uma das únicas exclusivas...

Empresária 01: é a única, é tem as dobrações né essas sim só prestam serviço para nós.

Todas empresas registradas?

Empresária 01: a maioria.

Como você faz o pagamento? Por peça?

Empresária 01: Por peça.

E qual o Valor médio pago por peça?

Empresária 01: isso é muito relativo né porque tipo, tem peça de R\$ 0,80 peça de R\$1,00, tem peça de R\$ 1,50. Tudo depende do processo da peça, cada referência tem um preço.

E qual é a tua produção mensal num mês bom, que tenha muita encomenda?

Empresária 01: 250 mil peças.

E numa baixa?

Empresária 01: é que na verdade é assim nós tentamos não baixar muito que daí nós vamos fazendo estoque, fazendo sempre para permanecer

todo mundo trabalhando, mas claro diminui bastante, uns 40% com certeza.

E vocês têm representantes em todas as regiões do Brasil?

Empresária 01: Sim, menos nessas 5 capitais que eu te falei, porque quem cuida dos representantes é ele (o filho dela).

Quantos são os representantes que vocês têm?

Empresária 01:42.

E o teu rendimento médio mensal, mais ou menos em quanto você consegue girar por mês? Assim para administrar, que você gasta com funcionário, com todas as terceirizadas, com transporte com tudo, quanto mais ou menos você gira de capital por mês?

Empresária 01: com todo o dinheiro envolvido... Deve dar na faixa de 01 milhão aproximadamente, tem meses que dá mais outros menos. No pico dá bem mais e na entressafra cá bastante. Ano passado nós tivemos um mês que deu quase 2 milhões, 2,2 milhões na verdade. Mas numa média seria entre 1 e 1,3 milhões.

O pico que vocês dizem é março? Abril...

Empresária 01: Abril e Maio e depois agosto, setembro, outubro e novembro. Quando muda a coleção inverno e verão.

E quantos funcionários vocês têm aqui na fábrica?

Empresária 01: interno tem 30 funcionários.

Na administração...

Empresária 01: tudo... contando comigo e os dois filhos.

E o maquinário que você usa para a costura vem de onde?

Empresária 01: De São Paulo vem as nossas máquinas.

Não tem nenhum representante aqui para comprar do representante, compra direto...

Empresária 01: da Buzzmaq

Ela faz esse entremeio e presta também a... manutenção

Empresária 01: prestava, agora não mais. Agora é um outro rapaz.

E a malha que você usa?

Empresária 01: eu compro o fio, nós tecemos e fazemos a tinturaria.

A tinturaria é aqui também?

Empresária 01: Não. Tinge na Forlin. Tudo terceirizado.

E a tecelagem também?

Empresária 01: também terceirizado.

E tece aonde?

Empresária 01: Na Multimalhas.

E como é a relação com vocês com essas empresas que prestam serviço, como por exemplo, quem faz a tecelagem, ou quem faz a tinturaria, ou quem faz a costura... sempre tem uma cooperação ou...

Empresária 01: todo mundo, nós não temos reclamação de ninguém. Nós temos uma comunicação diária com esses prestadores, de duas a cinco vezes por dia, é bem próximo.

E se por acaso eles precisarem dar um tempo vocês também conseguem dar um tempo, na demanda de produção, de mandar para eles?

Empresária 01: é que é assim nós sempre tentamos antecipar alguma coisa, para não deixar muito em cima da hora. Mas quando precisamos eles quebram o galho e vamos nos virando. “liga, xinga, pede” e vai fazendo e vai dando tudo certo. É que eles também é diferente de vender como nós que tem às vezes 100, 200, 500 clientes. Eles também têm um estrutura montada e não captam muito mais do que eles conseguem produzir. Por exemplo, na tinturaria eles tem 10 clientes, então dificilmente amanhã vai uma outra empresa lá tingir um pouquinho de malha. Funciona mais ou menos como uma parceria... um depende do outro.

E quando vocês começaram tiveram ajuda do SEBRAE?

Empresária 01: não, nunca fomos pedir. Até pela burocracia, que nos assustamos com a burocracia (**que deve ter que fazer para solicitar o auxílio**) então nós nem fomos, tu vai faz e não acontece... e nós precisávamos trabalhar, e com rapidez.

E vocês abriram numa época em que estava bem crescente a indústria têxtil aqui da região...

Empresária 01: é faz 13 anos...

É tinha saído de um período de crise e estava melhorando.

Empresária 01: mas nós patinamos bastante. Agora que fazem 06 ou 07 anos que nós construímos esse galpão aqui, depois fizemos o outro e agora fazem 02 anos que fizemos o grande lá. Então foi bem puxado.

Sede própria são 06 anos?

Empresária 01: 07 anos, foi trabalhado muito.

E as liberações foram tranquilas? Houveram problemas com licenças, alvará, habite-se?

Empresária 01: tudo tranquilo, até hoje não tivemos problemas.

8.11. EMPRESÁRIO 02

Entrevista transcrita na íntegra

Quando comecei a pesquisar eu achava que somente as grandes empresas terceirizavam o serviço.

Empresário 02: Malwee, Marisol e Lunender? Não, não... são todas. E assim do jeito que a coisa vai... cada vez mais... hoje até estava falando com Amauri (**rapaz que faz parte do Conselho Municipal da Cidade, que o entrevistado é membro**), o sonho dele é estar numa empresa dele com duas mesas assim... (*aponta para o local da entrevista*). Porque é gente para fazer isso, gente para fazer aquilo... não... quero terceirizar tudo, reduzir o quadro, porque aí tu fica mais competitivo, ou você ganha mais lucro. Hoje o custo mata muito o ramo têxtil, o pessoal fala muito: Ah, mais o varejo tá crescendo, mas o varejo cresce, só que desse crescimento o quanto é produzido aqui no Brasil? O varejo aumenta as vendas, mas é por causa do importado né. A produção interna é cada vez menos, e vai definhando e é cada vez mais custo, o cara não aguenta. Hoje se for olhar é 40% a 50% terceirizado. Eu trabalhei lá (**na Malwee**) há 25 anos atrás nós cuidávamos de 200 a 250 máquinas cada mecânico, hoje em dia eu fui lá entregar uns documentos para um rapaz, eu cheguei até a ficar com uma depressão, porque que não tem mais nada, comparado com o que tinha naquela época.

Eles estão terceirizando tudo?

Empresário 02: Tudo, tudo não, eles estão terceirizando a costura. Porque o corte hoje de confecção é tudo automático. As máquinas de estampa são todas automáticas. As tecelagens e os teares, são cada vez mais rápidas, mais produtivas, então cada vez menos trabalhadores, se antes você usava 05 pessoas para fazer 100 kg, hoje você usa 03 e faz 300 kg/h. Só que a mão de obra da costura além de ela ser hoje deficitária na questão de quantidade e qualidade, eles terceirizam, terceirizam tudo.

E toda parte da costura...

Empresário 02: tudo, a jaqueta, ela vem cortada... e só vai uma peça piloto para saber como costurar. E já tem gente, tem algumas facções da Malwee hoje, por exemplo, que ela entrega, costurada, revisada, *tageada* e embalada, já na caixa então. Antes da empresa, sai da facção e vai direto para o cliente, ou vai para Malwee fazer revisão por

amostragem. Pega uma caixa com 100 peças, pega lá 01 ou 02 vê a qualidade e manda bala.

Mas eu me impressionei bastante com as pequenas, as confecções pequenas que terceirizam toda a parte de costura também...

Empresário 02: Facção que fatura ali, vamos supor hoje 200 mil reais, não precisa ser lá grande coisa, está tudo terceirizado.

Eu conversei com uma mulher que tem uma confecção que ela gira 1 milhão por mês, ela tem lá 40 terceirizadas, 40 empresas terceirizadas.

Empresário 02: Sim, por exemplo, se tu for aqui na Sol Paragliders, ela não tem confecção, ela foi já além, ela terceiriza o corte já. Tem umas empresas que são nossos clientes que só fazem “*talhação*”, só corte. E hoje tem empresas também que fazem só a outra parte, a revisão e a embalagem... a “*dobração*” e é. É complicado o mercado têxtil, já estou nele fazem 35 anos, hoje o que eles puderem reduzir de custos na produção, no preço para ficar competitivos...

E você acha que as grandes estão terceirizando para entrar no mercado internacional?

Empresário 02: Não, não mercado interno, a Malwee não exporta. Malwee é mercado interno. Marisol também, devem exportar alguma coisa no Mercosul mas é isso aqui ó (*gestual correspondendo a pouca coisa*)

É só para competir internamente..

Empresário 02: Porque o que acontece hoje, é... vamos supor, vamos usar o meu exemplo: há 25 anos atrás a sua mãe que era costureira da Malwee, a mãe dela, no caso sua avó, dizia vai ser costureira que não quero que você fique na roça como eu fiquei, para a sua mãe. Hoje a sua mãe fala para você: o Suzane, vai estudar que eu não quero que você seja costureira que nem a sua mãe é. Entendeu? Só que você não quer ser costureira, mas você topa montar uma facção para costurar para uma Malwee, que aí você não é mais uma costureira, você é uma empresária, empreendedora. Você não quer ser costureira, da Malwee, ali dentro, mas você quer montar uma empresa para costurar para eles.

E daí você costura mais de 8 horas por dia...

Empresário 02: Ôô.. porque daí o que acontece, na facção qual é a matéria-prima primordial?

É a mão-de-obra.

Empresário 02: é a mão-de-obra... aí tempo, método, tempo de produção (...) e você topa costurar para eles, e para eles a mão-de-obra é matéria

prima fundamental. É ali que entra a questão da qualidade, do controle da produção. Porque você recebe uma “*minutagem*” do tempo da peça na fábrica, mas lá é uma coisa, na produção tua é outra... o método de produção e o tempo são fundamentais. Tanto é que esse rolo da Malwee que deu ali com a instalação do SAP tem facção que, imagina tem facção ali que fatura 150 a 200 mil por mês de mão-de-obra, tem 50 a 60 funcionários registrados, o cara fica 01 mês sem trabalho... quebra as pernas do cara. Mas é um caminho sem volta, aqui em Jaraguá na facção... e ainda que ela não é normatizada né a facção. Então se elas estão brigando ali... mas eu acho que é um caminho sem volta... nos próximos anos que vai ter essa questão do desemprego também né... não tem volta... eles vão ter que abrir as pernas... mesmo que o sindicato não queira... não tem como... E outro dado que é importantíssimo: a produção interna é menor que a produção terceirizada. Porque é o seguinte o cara não trabalha 8 horas por dia, e o cara sabe que o lucro dele é o minuto, o minuto trabalhado, numa empresa se ele der uma vadiada tá tudo certo né... o salário dele está garantido, agora na facção não, ele tem que fazer acontecer. E aí ele sabe que é ilimitado, ele pode ganhar mil, três mil, cinco mil. Já na empresa está limitado, se tu produzir mais ou menos vai ter uma pequena diferença no teu ganho... mas ali fora na facção...

É eu acabei entrevistando mulheres que descansam seis horas por dia.

Empresário 02: sim, sim...

É complicado a relação dessas costureiras não registradas...

Empresário 02: a costureiras não registradas? Tem bastante. Eu rodo nos quatro cantos da cidade, tem máquina costurando em cada buraco que você nem imagina.

Eu fui na Tifa Lenert, nunca imaginei encontrar uma facção do tamanho que eu encontrei lá.

Empresário 02: Tem cada lugar ali. No Viganu Maia na favelinha lá pra cima, fui lá no fundo entregar máquina. Nem carro quase não sobe. Lá em cima tem máquina funcionando.

E é tudo a vizinhança né.

Empresário 02: vizinhança. Tem gente que já prefere tipo assim... como posso dizer. Células maiores, por causa de logística, ele não quer pegar um serviço e levar para 05 ou 06 lugares. Ele quer levar para 01 ou 02 lugares e está resolvido o problema. Tem gente que não quer que

tenha só 03 ou 04 costureiras. É coisa que eu percebo, começa com a demissão, primeira coisa que eles fazem é...

Comprar uma máquina.

Empresário 02: Para costurar. Mesmo sabendo que tem toda essa confusão, hoje se uma empresa grande leva para uma outra empresa ela leva todo o... hoje a Malwee não paga para uma empresa se ela não mostrar o pagamento da guia de INSS né. Mas mesmo assim se lá na facção alguém entrar no ministério do trabalho, todo mundo vai ser sócio no pacote. Não tem perdão.

E você acha que essas facções que prestam serviços para a Malwee elas acabam terceirizando?

Empresário 02: Não essas são registradas. (...) “quarterizar” tu diz? Não duvido, nada impede de o cara fazer isso.

Não tem controle nenhum.

Empresário 02: desde que ele tenha uma qualidade mínima... não é descartada essa possibilidade do cara “quarteirizar”. Esse mundo ali é gigante.

Eu percebi que cada vez que eu mexo mais coisa aparece...

Empresário 02: ah não e por mais que você vá fuçar nisso é um mercado que roda muito bem. Roda tranquilo. Assim tranquilo não há nenhum problema com a questão de... que tem uns nó cego, que vão chegar na tua casa e que prometem que vão pagar, ficam devendo R\$ 2000,00, R\$ 3000,00 e depois somem do mercado, aí vai para uma outra facção lá. Mas esses caras têm dias contados, por quê? Nenhuma facção funciona assim: você deu um “migué” lá, ela vai falar para 10, de 10 para 100 e de 100 para 1000, e em pouco tempo todos vão saber que a Suzane não paga a facção.

E daí não consegue mais...

Empresário 02: Até consegue, mas paga primeiro e depois eu costuro a tua peça. Eles se falam, mesmo que exista uma briga de preço, tem gente que não faz conta. Eu faço lá por R\$0,50 mas posso fazer por R\$0,40, e daí trabalha o mês inteiro e não sobra R\$ 500,00.

Eu conversei com uma mulher que ela paga R\$0,01 por operação.

Empresário 02: Sim. É que as vezes na peça tem 10 operações, mas hoje se tu partir ali para Elian, é a Lenice, a Malwee, todas elas vão pagar em média R\$ 0,35 por minuto de trabalho, depois pode ter R\$ 0,50 a R\$ 0,55, se é uma jaqueta já passa a R\$ 1,50 por peça. Tudo é uma negociação. A camiseta basicona mesmo, aquela meia malha, isso aí é judiado.

Tem que fazer muita camiseta.

Empresário 02: Aí sim, é por que ela tem outro mercado, que é a quantidade. Então tem que fazer um caminhão de dinheiro. Tem empresa que fatura R\$1 milhão, mas quando vai ver sobra R\$100 mil, 10% quando ela vê, nem isso. Então ela tem que ter na quantidade. Ela tem que pagar pouco. Agora quando o cara paga R\$ 1,50 ela já faz uma peça bem elaborada ela tem um valor agregado maior, não vai na quantidade vai na qualidade.

Teve uma mulher que eu entrevistei de uma outra facção que ela faturava 6% na peça, só. Era o lucro dela.

Empresário 02: No preço da peça?

E daí essa ganha na quantidade né... porque ela tem uma produção absurda.

Empresário 02: é ela ganha na quantidade, porque se você olhar assim, por olhar assim, por exemplo, R\$1,45 vezes 60, ela tá ganhando R\$27,00 a hora de trabalho.

Não mais ela não é faccionista ela é dona de confecção.

Empresário 02: Ah dona, que ela ganha só um... Sim, mas aí é assim, qualquer tropeço que der nesse percurso ali de comprar o fio, tecer, estampar, dobrar e embalar. Qualquer torcida que der no caminho ela quebra. É muito limite. Mas é um mercado assim... gigante, em todos os aspectos.

Você se inseriu quando saiu da Malwee? Começou a trabalhar como mecânico...

Empresário 02: Na realidade eu trabalhei 10 anos na Malwee, aí quando nós saímos de lá eu e o meu irmão, aqui nessa região aqui em Jaraguá, você não era nascida ainda, era um rancho de madeira, a Barra aqui era um buraco. Nada aqui existia, tinha a casa do meu pai ali, meu pai tinha um rancho... meu pai sempre foi empreendedor: ele fazia tela para cercado de arame, meu arrumava máquina de lavar roupa, meu pai arrumava máquina de picar trato, meu pai fazia máquina para bicicleta, meu pai tinha um rancho alí. Então na época que meu pai tinha um rancho alí ele dividia um espaço para nós, vamos botar, era isso aqui (*o local da entrevista*). E daí nós começamos amontoados, só com manutenção que é o nós sabíamos fazer, fazíamos manutenção de máquina. E aí passamos um bom tempo lá, ainda lembro-me do primeiro cliente que veio me procurar lá, o seu Adolar Devlin, era da Confecções Levi, eles costuravam para Benetton, aqui em Jaraguá eles costuravam para Benetton, e era uma empresa ali perto do mercado do Rau, ali onde

eles estão fazendo a ponte ali, até hoje ele é vivo ainda, esse cara foi o meu primeiro cliente. E serviço, e aí foi, com serviço, com serviço, manutenção, manutenção, manutenção, aí nós passamos para aquela salinha ali, que hoje é um salão de beleza, ali nós já começamos a trabalhar com máquina usada.

Com venda de máquina usada?

Empresário 02: Com venda, comprava máquina usada reformava e vendia, aí fomos colocando um pouco mais de peças, peças de reposição, botando agulhas, botando óleo, aí foi subindo, aí depois viemos para cá, aqui eram 03 salas, aí depois, começou com uma, aí mais um tempo, para a segunda, e mais um tempo a terceira, e aí no outro lado é oficina, e aqui é tudo loja, e aí estamos aqui já há uns 08, 09 ou 10 anos.

E como a sua família veio parar aqui em Jaraguá do Sul-SC?

Empresário 02: eu sou daqui, só a minha esposa que é de Massaranduba e veio para cá.

E os seus pais?

Empresário 02: Nativos daqui.

Origem italiana?

Empresário 02: é origem italiana, o meus bisavôs vieram fugidos da guerra. Veio pelo rio Itajaí-açu, Blumenau, Rio dos Cedros, e depois Jaraguá, e em Jaraguá se instalou aqui na Barra. Meu bisavô para Rio dos Cedros, e meu avô veio aqui para Jaraguá. E aqui nasceram meus pais e meus tios. Que Jaraguá começou aqui, depois quando veio a estrada de ferro começou a desenvolver para lá. Mas tudo começou aqui. Ai minha esposa é da área de educação... e aí foi se trabalhando, foi se virando.

E hoje tu atende quantas facções, tem ideia?

Empresário 02: Não. Mas eu posso pedir, posso ver ali por clientes cadastrados. Ah devo ter assim cadastro mesmo, mais de 800.

E você atende tudo, até a costureira que atende em casa, a facção e a empresa de porte médio.

Empresário 02: Isso, não tenho escolha né. É por exemplo a Marisol, por exemplo, a Marisol raramente eu presto serviço, por que eles têm tudo lá, até porque a costura tá tudo lá em cima, e eu vendo peças, vendo acessórios, vendo tesouras, vendo acessórios. Já na facção, lá na Sol por exemplo, eu vendo máquinas, eu vendo peças, e serviços. E tem muita empresa aqui de Jaraguá que só dão suporte nas máquinas que eles vendem, já eu não eu dou suporte na minha máquina, na máquina que eu

represento, atendo qualquer tipo de máquina dou manutenção, e costura, mesmo máquina de bordado e tecelagem, mas o que é de costura atendemos tudo.

E de corte?

Empresário 02: corte não, não fazemos nas de corte manual, entendesse né? De serra fita, vendemos fita para serra fita, também fazemos isso. Atendemos do corte à costura, menos tecelagem. Para tinturaria nós atendemos ainda as máquinas de tinturaria as Lunelli em Corupá, atende a Menegotti, atende a Zaneti, atende a Têxtil Rio dos Cedros, que o nosso cliente é regional, aqui do Vale do Itapocu. Atende os 05 municípios, pouco Pomerode, pouco Rio dos Cedros. Mas é a região daqui é que é o forte, Jaraguá, Massaranduba, Schroeder, Guaramirim e Corupá.

E como você faz a venda das máquinas? Que eu conversei com umas costureiras e elas falaram que financiavam.

Empresário 02: É que é assim, da mesma maneira que eu falei que o mercado é doido, acontece muito isso, o cara chega para ti assim, o Suzane tá em casa aí, compra uma máquina de costura que eu garanto serviço para ti, aí tu vem aqui, eu preciso de uma máquina tal tal tal. E elas conhecem, anos de serviços... primeira pergunta para ti, tem dinheiro para dar entrada? Não que lá o Busa me prometeu serviço e tal. Não vou vender minha máquina, por que? Porque eu só vendo com cheque pré-datado, porque é uma coisa que deu certo aqui, venda com cheque, até 1 + 9. Que que vai acontecer eu vou te vender a máquina e ela custa R\$2000,00, vai custar lá R\$200,00 reais por mês. Tu vai ter serviço? Tu não pode prometer serviço, porque tu não sabe se vai vender? Aí ele não vai ter serviço e eu vou ter que pegar a máquina de volta. Perdeu o que ela pagou, que fica para cobrir o aluguel da máquina, e aí fica por isso. E isso acontece. Mas nós temos um critério, fazemos todo o cadastro, Cerasa, CDL, nós temos um acompanhamento.

Você não chega a financiar por alguma...

Empresário 02: financio, financio, eu financio. Lógico também tem o BNDS, mas aí é só para empresa grande. Mas o que predomina é o cheque 1+9 pré-datado. Isso é 90%, mas tem Lunelli que faz 28, 30, 45, mas aí é com boleto, é com duplicata, e aí vai embora, mas 90% é tudo com cheque pré-datado. Uns 2 ou 3 a gente vende a vista.

E você trabalha com aluguel? Ou já trabalhou?

Empresário 02: Não, não é a minha praia. É que é assim é judiado, tem dias que eu não almoço, toco direto, é judiado, no verão principalmente

o trabalho na confecção te desgasta muito. Assim chega a ser nojento, tem que ter um negócio no carro para tu ficar porque é o dia inteiro, suor... é judiado, tem lugar que tu vai assim que tu bota a mão no teto, baixinho, pequeno, é judiado. Mas temos que trabalhar, e eu penso como é que tem gente que consegue ficar 8 horas num lugar desses. Tem uns lugarezinhos complicados, mas assim. (...)

(um cliente chega para ser atendido fora do expediente)

Esse cara aí, comprou máquina comigo, e tudo é uma negociação, e as pessoas não entendem, não tem muito conhecimento, fiz uma venda para ele me pagou uma máquina, explicamos, teve 02 atendimentos, porque dou 90 dias de garantia na máquina usada, e 6 meses numa máquina nova, garantia total, e nas duas vezes que fui ver a máquina era problema de fio mal passado, no caso não é garantia que é defeito de operação, mas mesmo assim eu vou lá e não cobro nada, mas aí acabou o serviço daquela máquina, e ele falou, eu quero te comprar outra máquina com cobertura, beleza, eu fui olhar o Serasa dela, ahnn aí é o relacionamento, porque se você olhar muito pelo Serasa tem gente que você nem faz negócio, tem gente que fala o Busa tu é louco, mas aí você cria um vínculo e aí sabe como funciona, beleza aí ele falou, vou te pagar á vista tal dia. Veio o dia e nada, nada, e aí fui recolher a máquina. Mandeí o mecânico lá recolher a máquina, a última e ela mandou a outra. E chegou aqui e falou que não queria mais a máquina e queria o dinheiro de volta. Daí eu falei, como o dinheiro de volta? Aqui não é escambo? É comércio. Agora tá aí vem aqui umas três quatro vezes e quer fazer negócio, mas agora não dá, então nem vou entregar para ele sem ter de imediato um cheque. E aí tudo é uma negociação. É uma escola, no relacionamento de aprendizado com as pessoas é uma escola.

Imagina tu fica no balcão, faz atendimento...

Empresário 02: tudo, tudo. Agora, por exemplo, como teve um mecânico meu que saiu, eu terceirizei uma parte, o cara montou uma empresa e presta serviço para mim. Então o que eu puder evitar para colocar o serviço para fora, eu vou fazer. Que quem, mesmo, está aqui dentro no dia a dia são as duas moças né, elas que fazem o barco andar. E eu fico na rua vendendo, trabalhando, cobrando, às vezes tem que fazer uma cotação de máquina, avaliação de máquina, mando a resposta para eles, é “*muvuca*”.

Quantos funcionários você tem aqui? Alguém da tua família?

Empresário 02: 1, 2, 3, 4, 5,... 04 funcionários. Esse rapaz que estava aqui é meu irmão, que é meu sócio. E da família não. As vezes me

perguntam: O Busa como está a sua sucessão? E eu respondo: os meus filhos sabem como eu sofro, eles vão estudar, vão fazer coisa melhor. Eles vão ficar ali? Sabem que é judiado, que as vezes eu chego a trabalhar 10h por dia, 12h por dia.

Na época forte da produção?

Empresário 02: ah... não tem tempo ruim. Pra mim tem um planejamento que está na Bíblia, o tempo das vacas gordas e das vacas magras. No tempo das vacas gordas, tocar 10, 12, 13h por dia pode tocar a bichera que o tempo de vacas magras vai vir, que é para ter dinheiro para pagar as contas. Isso é matemática pura. As vezes o meu importador fala que vamos ter que fazer vendas, mas no período não está vendendo, nem de graça eles querem comprar. Aí vamos fazer o que? É que nem esse ano (2015), foi horrível, esse mês que está bom de vendas, mas se olharmos aí tirando março os outros meses ficou 30% 40% abaixo do ano passado no faturamento. Então se tu não tiver um caixa para pagar as contas na fase ruim, fica pelo caminho. Então se a vaca tá gorda (*gestual não captado*).

E mas agora começa a aumentar a produção da coleção de verão...

Empresário 02: é agora sim, mas tem, por exemplo, o inverno, o inverno foi ridículo. Tu comprou roupa de inverno? Se fosse mais frio prolongado, tu compraria mais. Assim é o ramo têxtil. Além da crise no mercado têxtil tem essas questões de sazonalidade.

E como que foi passar os anos 2000?

Empresário 02: Assim ó teve dificuldades, mas sempre se conseguiu passar. O pior foi na época do Sarney, com inflação de 80% ao mês, aquela época foi complicado. Naquela época nós tínhamos ido pro buraco. Uma lição aqui que nós aprendemos, acho que foi um pouco depois da época do Sarney, que ano que foi isso... acho que anos 1990 por ali, essa época foi puxado, ao ponto de que um ano, na loucura, tinha que ter, o cliente vinha e pagava a máquina, para garantir o preço dela, e pedia para entregar depois, quando desse. E eu tinha que sair daqui as pouco antes das 15h para ir no banco depositar, porque no outro dia já não era o mesmo valor. Imagina a loucura que é isso né? E nós quase estávamos conseguindo fechar o círculo, eu comprava, pagava e sobrava, só que ai tu toma um chapéu aqui, um ali, que eu cheguei a falar pro meu irmão que nós deveríamos parar se não iríamos quebrar. E ali foi a grande lição que eu aprendi, que eu tive que ligar para São Paulo, no Bom Retiro que naquela época era uma babilônia, hoje ele não é 1/5 do que ele era. Tinha 3 fornecedores em São Paulo, três

importadores, liguei para todos eles, esclareci a situação, falei que não tinha como pagar. Combinamos a nova forma de pagamento com uma taxa de juros definida, e falei que se eles me executassem, e tirassem a única coisa que eu ainda tinha que era o crédito eu não teria como pagar. Eu devo ter trabalhado uns 2 ou 3 anos só para pagar esses caras. Paguei todo mundo, ninguém me protestou e paguei todo mundo. Isso foi uma grande lição para mim. E passou muita credibilidade no Bom Retiro, e conseguimos negócios com eles para pagar em 30 dias. E outra fase ruim foi na época do Collor que também foi complicado. Que toda a conjuntura foi ruim, a produção têxtil caiu, e aí questão econômica, política. Mesmo nessas duas épocas ruins do Sarney e do Collor as instituições tinham credibilidade. Hoje não hoje o Brasil parece que virou um país de “*velhaco*”, que tu vai fazer negócio, olha no Serasa, tá devendo paga a vista. Houve uma perda de credibilidade nas instituições. Isso cria uma insegurança muito grande. Hoje eu vislumbro que nos próximos três anos nós vamos penar muito, e quem é pequeno, como nós somos, vai penar muito. Vai ficar muita gente pelo caminho. Essa é a visão que eu tenho, da dificuldade que vai ser. E por consequência se o mercado têxtil não vende, as facções também sofrem.

E quando mais ou menos começou a “bombar” a facção?

Empresário 02: Começou em 2011, 2012. Quem foi o primeiro cara, em 2011 quem começou a trabalhar com isso foi a Lunender, eles são os pioneiros nessa questão. E aí foi se ampliando, ampliando...

E hoje não tem quem não terceirize.

Empresário 02: aqui em Jaraguá, eu desconheço alguém que tenha 100% dentro, não existe. A Malwee não tem, Boca Grande não tem, Elian terceiriza, Marisol Terceiriza, hoje não tem ninguém. Absoluto que não tem ninguém que faz tudo internamente. Faz alguma coisa internamente, mas a maioria é terceirizado. Mas eu penso que se essa lei da terceirização for aprovada, vai ajudar muito nisso. Que eu não vejo como os sindicatos que dizem que vem isso como um prejuízo para o trabalhador, eu vejo justamente uma visão diferente, eu vejo uma oportunidade. Porque hoje, por exemplo, um amigo meu que montou um MEI (microempreendedor individual), é muito mais trabalhando como MEI do que se tivesse numa empresa trabalhando, é lógico, vai trabalhar muito mais... e a segunda opção, eu vejo como a única maneira do país ser produtivo, nosso Brasil não produz nada, produtividade por trabalhador é ridícula, as vezes eu falo tem gente que ganha mil reais numa confecção, mas ela não fatura quinhentos, ela não dá quinhentos

reais para o dono da empresa, sabe? A nossa produtividade é ridícula. Mas aí tu pega um trabalhador americano, alemão, você tem que ter 03 trabalhadores brasileiros para produzir o que eles produzem lá, no mesmo mercado, mesmo seguimento e mesmo trabalho, e mesmo processo. E já na facção, por exemplo, funciona, é igual eu já falei para ti, o cara tá empreendendo um negócio para ele, porque ele vê uma possibilidade infinita para ir galgando. Eu vejo facção que começou comigo quando eu montei a loja, os caras hoje estão bem estabilizados. Se profissionalizar na questão do tempo, tira tempo da peça, tira tempo da funcionária, as vezes tu esta pagando para a funcionária 20 centavos o minuto e ela não te produz 10, aí é prejuízo. Então eu acho que se for aprovada a lei, vai melhorar muita coisa. Aí ela vai começar a ser mais forte. E assim eu penso no Meio e fim, terceirizar e acabou. E aí eu acho que é o caminho, a solução.

E quantas máquinas você vende aqui?

Empresário 02: Assim eu sou um distribuidor exclusivo desse cara aqui, da Rolemak que vende a marca Zoje. Na realidade quando eu comecei eu vendia duas marcas, Siruba e Kansai, vendi durante aproximadamente uns 10 anos, só que cada vez mais difícil, e começava a fazer muito leilão. Só que todo mundo vendia Siruba e todo mundo vendia Kansai, e daí era muito leilão e isso me estressava, eu não gostava, eu não baixava preço. E uma vez eu fui em São Paulo e umas 50 lojas do Brasil todo, e tava o representante da América Latina da Siruba e eu levantei e falei que não iria mais vender a máquina deles. Saí da reunião e liguei pro meu irmão e falei que não venderíamos mais aquela marca. Voltei para Jaraguá, passou uma semana aparece esse cara aqui (representante atual). Aí tu imagina há 13 anos atrás aqui numa terra de alemão, todos acostumados com aquelas máquinas, produtos bons, e eu vender outro produto. Fizemos os testes aqui na oficina, que fazemos para ver se a máquina era boa ou não. E começamos aos pouquinhos a oferecer para os clientes sem compromisso, para testar. Aí viram que a máquina era boa e o preço era competitivo, e aí estes falavam para um e outro, e assim foi trabalhando. Trabalho de formiguinha, e hoje nós temos ali colocados milhares de máquinas. E hoje eu continuo vendendo só essa máquina, a mais tu vai encontrar outras máquinas, vai, mas aí o que eu faço se o cara quer uma máquina nova, eu pego a máquina usada na troca, aí não tem marca. Porque máquina nova eu só vendo Zoje e nunca mais vendi uma máquina da Siruba e da Kansai, é claro, só vendo usada, mas nova, só da linha Zoje.

Aí tu faz uma parceria, hoje se tu fala em Zoje você lembra da Buzmaq, cria um vínculo.

E é exclusivo?

Empresário 02: Não, tem um outro que vende, mas é pouco. O que mais vende sou eu, se tu entrar no site da Rolemak e tu colocar aqui no estado de Santa Catarina, só aparece a Buzmaq. E aí tu cria um vínculo de trabalho com o importador e confiabilidade. As vezes acontece algum problema que sempre dá um estresse para resolver, que eu ligo pro dono e resolvo direto com ele. Já cria um vínculo de amizade com o dono da importadora. Eu gosto de trabalhar assim. E hoje tá indo muito bem, é lógico que quando você vende bem você tem um faturamento, e quando vende muito pouco né... então nós dependemos muito do faturamento para estar bem de máquina né, então o projeto é dar uma ampliada na loja para vender mais peças e acessórios, para não ficar dependendo muito da máquina.